

a meu pai,
de quem herdei a curiosidade
a minha mãe,
de quem herdei o gosto pelo conhecimento
fundamentos de minha trajetória até aqui





Imagen do Rio
Cuiabá junto de suas
lembraças temporais,
nas proximidades do
pantanal de Porto
Cercado, Poconé, Brasil.
Google Maps, 2016.

rever

ver

transver

um exercício de análise e intervenção
sobre a identidade cultural cuiabana

*an exercise of analysis and intervention
on cuiabá cultural identity*

—
fau-usp

trabalho final de graduação

orientador: antonio carlos barossi

—
julho 2017
lucas gustavo anghinoni

a meus pais, Janete Vital Anghinoni e Edson Anghinoni, que mesmo diante das incertezas de minha trajetória, jamais hesitaram em ser apoio fundamental para minhas escolhas;

a Rita, *Dindinha*, pelas ótimas lembranças de quando vinha do Maranhão até o Mato Grosso em visita, a quem por vezes esperei nas chegadas do terminal rodoviário de Cuiabá, que se faz presente na minha memória de uma forma tão curiosa;

a minhas irmãs, Larissa Anghinoni e Ana Clara Anghinoni, pelas primeiras amizades da vida;

a Rodrigo Perpetuo, até o momento, eterno companheiro;

a Isli Sartori, pelo mantimento, mesmo com os diversos distanciamentos geográficos, da proximidade;

a Doriane Azevedo, quem primeiro me apresentou os verdadeiros sentidos do espaço;

a Affonso Ciekalski, pelas constantes discussões sobre o mundo, das quais certamente extraí substratos para a construção desse trabalho;

a Analu Garcia, pelos curiosos desencontros e reencontros;

aos amigos da UFSC, Nathalia Pecantet, Maria Luisa Fernandes, Manuela Schmitz, Natália Gonzales, Maria Eduarda Lima, Adriana Sampaio, Leodi Covatti, e tantos outros, por terem feito parte das alegrias e crescimentos vividos na Ilha de Santa Catarina, onde deixei parte de mim;

a Carine Prata, pela forma única com que encara a vida e ensina a viver;

aos amigos do ateliê vertical, Bianca Guariglia, Marília Garson e Vitor Potenza, pelo primeiro acolhimento na minha chegada à FAU;

a Yasmin Navarro, pela alegria que foi tê-la encontrado nesse espaço;

aos parceiros de transferência, Taís Genovez e Renan Prado;

a Antonio Carlos Barossi, pela admirável e sensível forma com que se dedica ao verdadeiro ensino da arquitetura;

a Karin Kussaba, pela identificação pré-londrina imediata e absoluta, pelo apoio e pelo carinho;

a Denise Ikuno, pela força somada nessa reta final;

aos melhores presentes de Londres, Paula Lobato, Ananda Nunes, Gabriela Resende, Pedro Teixeira, Rafael Amato, Kaio Fialho, Carolina Faustini, Vanessa Balbino, Camila Rocha, Lucas Terra, Renato Freddi, Clarissa Pessoa, Fernando Ito, Vitor Marques, Bruna Sato e Leda Marília, por terem feito parte de um grande processo de autorreconhecimento;

a Beatriz Bueno, pelo contagiante fascínio com que enxerga os espaços;

aos amigos Luiza Amoroso, Débora Portugheis, Gustavo Ramos, Mariana Caires, João Tavares, pelas mais diversas conversas nos momentos de finalização desse processo;

a David Ito e a equipe do escritório David Ito Arquitetura, pelo aprendizado diário e pela paciência na etapa final do trabalho;

a Dona Domingas, por amigavelmente ter me recebido em seu quintal e compartilhado suas preciosas lembranças;

a Adriano Bechara, pela mais recente valiosa amizade, pela admirável humildade e sabedoria compartilhada;

e a outros muitos que compuseram essa trajetória de formação talvez como arquiteto, mas sem dúvida e principalmente como pessoa,

o meu sincero agradecimento.

—

abertura	13
método	15
I. revés	15
II. foco	17

1. rever	19
I. surgimento	19
II. permanência	28
III. abandono	41
IV. memória	50

2. ver	63
I. viola-de-cocho	65
II. cerâmica	72
III. peixe	75

3. transver	81
I. projeto	88

conclusão	109
anexo	111

	<p>As lições de R.Q.</p> <p>Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano): A expressão reta não sonha. Não use o traço acostumado. A força de um artista vem de suas derrotas. Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro. Arte não tem pensa:</p> <p>O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.</p> <p>Isto seja: Deus deu a forma. Os artistas desformam. É preciso desformar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades. Fazer cavalo verde, por exemplo. Fazer noiva camponesa voar - como em Chagall.</p>	
	<p>Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por aí a desformar.</p> <p>Até já imaginei mulher de 7 peitos para fazer vaginação comigo.</p> <p><i>Manoel de Barros - Livro sobre nada</i></p>	

abertura

O verso do poema *As Lições de R.Q.*, de Manoel de Barros, é epígrafe para o trabalho, de onde se depreende uma articulação de ideias que relaciona o ato do olhar ao ato do ver, do lembrar e do imaginar. O escalonamento dessas ações e suas consequentes interpretações são o mote usado para tentar compreender e ilustrar formas de se ler e intervir no espaço temporal da memória cuiabana, de uma cidade repleta de signos, localizada às margens do Rio Cuiabá, no coração da América do Sul.

Valendo-se de estudos da teorização sobre memória, história e imaginação e de sua aplicação sobre a leitura de elementos da memória cuiabana, procura-se apontar uma resposta projetual em escala urbana, com a intenção de resgatar na cidade vínculos espaciais e culturais perdidos através do tempo e que atualmente ainda apresentam-se perpetuando essa condição de esquecimento.

Em poesia, para Barros, é preciso transver, ver com a imaginação. Assim também é na arquitetura, no desígnio, no projeto: imagina-se. Desse modo, na tentativa de transver a realidade urbana de Cuiabá, busca-se nos seus estratos da memória o trajeto desse esquecimento, tentando imaginar uma nova condição para as relações entre a cidade e os seus habitantes.

método

I. revés

Este trabalho surgiu, em sua essência, movido por uma inquietação diante da forma como o espaço urbano contemporâneo da cidade de Cuiabá tem sido construído frente ao processo de globalização. Sendo um cuiabano que por dezenove anos viveu esse espaço como morador e por mais seis teve a oportunidade de retornar à casa, assisti, durante esse curto período de vida, ao desenvolver de uma parcela desse processo. Período curto que, no entanto, paradoxalmente se clarifica de uma forma muito ampla e evidente aos olhos, possivelmente, ou muito provavelmente, devido à voracidade atual dos fatos.

Fato é que a cidade de Cuiabá apresenta hoje uma relação muito fragilizada da população com seus espaços urbanos e, ironicamente, com as manifestações culturais de seu povo. Ao revés, o rio Cuiabá, sempre presente na memória cuiabana e em sua construção cultural, tornou-se atualmente um elemento urbano completamente esquecido. Em paralelo, a cidade encontra-se cada vez mais feudalizada, cercada em muralhas de condomínios salvaguardados sob o falso manto ideológico da "vida funcional intramuros", rodeadas por piscinas que mais se assemelham a lagos de uma cidade fictícia.

Um elemento que reflete parte dessa riqueza de signos e desse processo de esquecimento, a comunidade São Gonçalo Beira Rio, é o lugar levantado como área de intervenção. Muito embora afastada do centro histórico e desconectada da cidade moderna, configura o espaço onde parte da historiografia defende ser o local em que foi lavrada em 1719 a Ata de Fundação de Cuiabá¹, às margens do rio Cuiabá. Além deste signo representativo, as expressões culturais da comunidade intrínsecas ao rio são elementos de peso para a escolha, que englobam aspectos chave na cultura cuiabana e mato-grossense: a culinária fortemente influenciada pelas águas do Cuiabá; a atividade ribeirinha da pesca, hoje completamente enfraquecida pela degradação do rio; a viola-de-cocho, instrumento musical e bem cultural imaterial registrado no livro de registro dos saberes do IPHAN; a importante atividade ceramista, possivelmente relacionada às heranças indígenas e que representa uma característica única da comunidade; e o próprio modo de falar cuiabano que se faz presente no lugar.

Eventos como a fundação de Cuiabá pela descoberta do ouro no séc. XVIII, as expedições científicas após a abertura dos portos no séc. XIX, a conexão rodoviária de Cuiabá com o restante do Brasil e a migração da década de 1960 incentivada por programas de povoamento do interior configuram alguns dos elementos que compõem o que identifico como estratos da memória, fragmentos refletidos no lugar. Fazem parte de um espectro que corresponde desde o surgimento da cidade no mapa ocidental, desencadeado pelas navegações fluviais de interiorização do Brasil, passa pela permanência do uso fluvial nas expedições naturalistas, no contato com a América espanhola e nas circulações comerciais que evidenciam a vitalidade da cidade frente à estagnação afirmada pela historiografia tradicional, até o abandono do rio como elemento urbano chave e a sua desassociação cultural-identitária, apontada como resultado da incidência de culturas externas pós década de 1960 e inserida num ambiente líquido caracterizado por perdas de referências.

A escolha desse recorte tem a intenção de propor um debate acerca das questões relacionadas à memória, e através dele, investigar uma arquitetura que dialogue com

1. A inexistência de um consenso sobre o local exato onde se fundou a cidade de Cuiabá é apontada pelo historiador Paulo Pitaluga como desatenção. Pitaluga afirma que um simples acompanhamento do texto de José Barbosa de Sá, *Relaçam das povoações do Cuiabá e Matto Grosso de seos princípios thé os presentes tempos*, é suficiente para evidenciar a ordem cronológica dos três arraiais primeiros de Cuiabá: São Gonçalo, Forquilha e Lavras do Sutil, conformando um processo sequencial do complexo histórico-urbano da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Sá é considerado o fundador da produção histórica mato-grossense, e seu relato data de julho de 1775, com exemplar na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional e edição de 1975 pela EdUFMT.

as lembranças da cidade e que tenha a capacidade de intervir no imaginário urbano, possibilitando o transver de Barros.

Como afirma o IPHAN em vídeos de registro do modo de fazer da viola-de-cocho, "todo este patrimônio cultural, ligado ao passado rural das populações desse pedaço do brasil central, busca hoje se adaptar às pressões origina-das tanto pela crescente urbanização e pelas migrações como também pela incorporação de elementos da cul-tura de massa. É urgente e necessário que o trabalho de preservação deste bem cultural seja apoiado, para que a viola-de-cocho, assim como o Cururu e o Siriri, continue encantando os brasileiros hoje e amanhã".

II. foco

Estudar o espaço temporal da memória cuiabana desde sua fundação até os dias atuais, com o intuito de varrer os elementos - lembranças - que apontam o surgimento, a permanência e o abandono de relações espaciais e culturais da cidade. A partir dessa prospecção, propor arquiteturas que dialoguem com essa problemática.

Tendo como mote o verso do poema *As Lições de R.Q.*, o trabalho se vale de um jogo de palavras característico de da poesia manuelina para compor sua estrutura, dividin-do-se em três etapas:

rever - um esforço de análise da composição dos estratos memoriais cuiabanos, embasada na ideia de surgimento, permanência e abandono do vínculo identitário com o rio, sucedido por uma correlação com o debate acerca da memória como produto social.

ver - a escolha de um local em que é possível visualizar, na atualidade, elementos dessa composição memorial: a comunidade São Gonçalo Beira-rio, em que se evidenciam a cerâmica, a viola-de-cocho, a culinária e o modo de falar cuiabano.

transver - uma intervenção baseada em projeto arquitetô-nico, em ideário que vincule a ideia de desenho-desígnio ao olhar imaginativo manuelino, o transver.

rever

A lembrança é o sujeito manuelino do Rever. Rever indica, portanto, relembrar, recordar, trazer a memória à tona. O sobreovo sobre os estratos da memória cuiabana revistam as lembranças da cidade e recaptam signos perdidos no espaço e no tempo.

—

I. surgimento

Cuiabá situa-se no centro geodésico da América do Sul, à margem esquerda do rio que leva o mesmo nome. Em uma região já povoada anteriormente pelos Bororo (a quem os paulistas nomearam Coxipone) a capital mato-grossense foi fundada no ano de 1719 por sertanistas paulistas, instaurando de fato seu surgimento no mapa ocidental. O Rio Cuiabá é visto aqui como o elemento chave na estratificação da memória cuiabana, posto que é ator principal nos elementos aqui elencados. Dessa forma, aponta-se primeiramente o início do papel do rio na composição da memória Cuiabana: seu surgimento.

O pioneirismo da vila de São Paulo de Piratininga no avanço sobre os sertões brasileiros é o gérmen do surgimento de Cuiabá. Sem considerável subserviência à coroa

e distintos social, cultural e geograficamente de outros grupos da colônia (FAUSTO, 2009), os rústicos paulistas adentraram-se no território em busca de apresamento de índios e de metais preciosos ainda no século XVII, em alternativa à condição de estagnação do centro-sul brasileiro frente ao nordeste açucareiro².

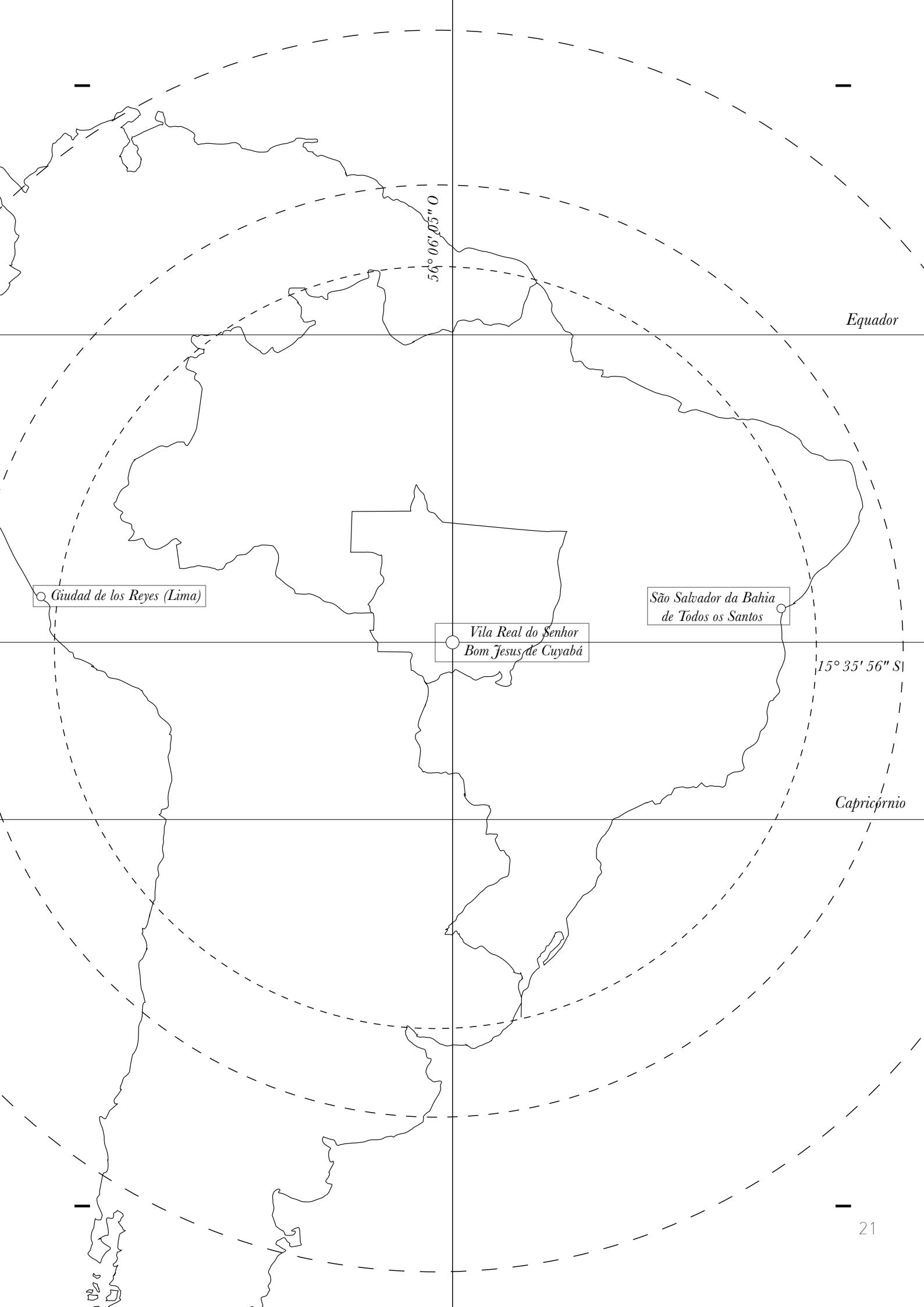
Aliado a isso, a geografia física de São Paulo foi determinante na indução do adentramento tropeiro e sertanista. Diferente da configuração característica dos rios localizados próximos à faixa litorânea brasileira, o Rio Tietê é obrigado pelas escarpas da Serra do Mar a correr para o interior do país mesmo com sua nascente distante apenas 22km do litoral. Nesse sentido, as águas do Tietê atuaram como instrumento de indução do adentramento no território, quase que guiando o tropeirismo paulista, e evidenciando íntima relação entre fatores de natureza geográfica e histórico-política.

A rede fluvial foi, portanto, a grande possibilitadora desse processo, de modo que por volta de 1670, paulistas já haviam visitado a região de Cuiabá. Entre os personagens, estava Manoel de Campos Bicudo, chefiando expedições de preação de índios que locomoviam-se através das bacias do Tietê, Paraná, Paraguai e Cuiabá. Bicudo nomeou de São Gonçalo seu pouso na região, muito próximo ao encontro do Rio Coxipó com o Rio Cuiabá². Bueno (2009, p.276) afirma que partindo de São Paulo, as rotas para a região envolviam três dias por terra até a freguesia de Araritaguaba (atual Porto Feliz), de onde partia-se com canoas pelo rio Tietê rumo ao rio Paraná, e, em sequência, Prado, Coxim, Taquari, Paraguai, Porrudos e Cuiabá. Para a transposição das sub-bacias, havia trechos de varadouro, em que as canoas eram carregadas pelos indígenas. "Um total de 531 léguas, ou 3.504 quilômetros, de Porto Feliz a Cuiabá, tornavam o percurso uma façanha". (BUENO, 2009, p.276)

Obviamente a representatividade da historiografia oficial a torna incerta, e assim como a representação arcaica de um bandeirante herói desbravador e precursor de uma onda civilizatória é completamente questionável, também sabe-se que desde o princípio as ditas bandeiras não

2. O papel da ideia histórica tradicional de bandeirantismo como grande responsável pelo desbravamento sertanista é contestável. É possível apontar o tropeirismo como o verdadeiro responsável pela integração de São Paulo com os sertões do Brasil. O surgimento de Cuiabá vincula-se a uma rede de rotas tropeiristas fluviais e terrestres que se estendia de sul a norte do país, e a descoberta do ouro com a consequente urbanização se devem, anteriormente, à condição de pouso estabelecida no lugar, vinculada nesse caso específico à rede fluvial. Sem o papel do pouso, dos territórios da espera de Laurent Vidal, não haveria grande possibilidade de descoberta aurífera.

Mapa 1 - Cuiabá situada no centro geodésico da América do Sul, e em inspiração dos escritos de José Barbosa de Sá: Achace esta Villa assentada na parte mais interior da América Austral, em altura de quatorze graos não completos ao Sul da linha do Equador, quase em igual paralelo com a Bahia de Todos os Santos, pela parte oriental, e pela occidental com a cidade de Lima, capital da Província do Peru, em distância igual de huma e de outra costa setecentos e sincoenta légoas. Caetano Veloso diria: Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico.



Equador

$56^{\circ}06'05'' 0$

Ciudad de los Reyes (Lima)

Vila Real do Senhor
Bom Jesus de Cuyabá

São Salvador da Bahia
de Todos os Santos

$15^{\circ}35'56'' S$

Capricórnio

estavam interessadas simplesmente em capturar índios, mas, paralelo a isso, ansiavam encontrar fontes do precioso metal amarelo.

Contudo, esse interesse não se restringia à população. Concomitante aos constantes adentramentos dos habitantes do litoral brasileiro em busca de apresamento de índios e fuga do controle da metrópole também havia "um movimento simultâneo da Coroa Portuguesa, que estimulou os habitantes das vilas interioranas que não estavam ligadas à produção açucareira a procurarem minas de ouro e pedras preciosas encontradas nas regiões das Gerais (1693), Goiás (1726) e Mato Grosso (1718)" (REIS, 1995 apud AZEVEDO, 2006, p. 42).

Além disso, Schwarcz e Starling (2015, p. 107) apontam: "a notícia de que os afortunados espanhóis tinham encontrado uma montanha inteira de prata em meio à cordilheira dos Antes - Cerro Rico de Potosí, na atual Bolívia - fez a imaginação da Europa ferver e convenceu Lisboa de duas coisas: havia uma grande quantidade de metais preciosos no território da colônia e a única maneira de alcançar essa riqueza era penetrar no sertão.".

Foi nesse contexto que em 1718 , Antônio Pires de Campos, filho de Bicudo, retornou às regiões de Cuiabá, afirma-se movido pelas mesmas intenções do pai. Nomeou seu antigo pouso de São Gonçalo Velho. No regresso a São Paulo encontram a expedição de outro sertanista sorocabano, Pascoal Moreira Cabral, traçando a rota oposta, a quem passam a informação da existência da tribo Bororo às margens do Cuiabá. É justamente a viagem de Pascoal Moreira Cabral que marca definitivamente o início do povoamento do local. Ao chegar, não só derrota definitivamente a tribo dos Coxipone, mas encontra ouro nas proximidades da região onde pousava.

Após o descobrimento de ouro em grandes quantidades no interior do Brasil, Portugal passa a reavaliar o potencial de sua colônia e se vê obrigado a garantir o controle imediato do território interiorano. (AZEVEDO, 2006). Para tanto, dentre as questões que deveria resolver, atenta-se em garantir a "posse e ampliação dos domínios" territori-

3. Assim descreve-se o início da ata de fundação de Cuiabá: "Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezenove anos, neste arraial do Cuiabá fez junta o Capitão Mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e ele requereu a eles este termos e certidão para notícia do descobrimento do novo que achamos no ribeirão do Coxipó (...)" (Siqueira, 2002, p.32)

ais disputados com os espanhóis (DELSON, 1997 apud AZEVEDO, 2006, p. 42). No caso de Mato Grosso, o núcleo aurífero mais próximo aos domínios espanhóis, a garantia de posse era uma questão imediata não só para a Metrópole, mas também para os paulistas. Em 1719, com a intenção de rapidamente proteger o achado concedendo a posse à Capitania de São Paulo, o Pascoal Moreira Cabral lavra em São Gonçalo Velho a ata de descoberta do ouro, documento responsável pela fundação do Arraial do Cuiabá³. Ali também seria erguida uma capela dedicada a São Gonçalo, hoje inexistente.

No entanto, a efervescência do ouro na colônia era tamanha que despertou um rápido fluxo migratório interno no Brasil. Assim que um novo veio aurífero era descoberto, rapidamente esse núcleo se tornava um pólo de atração migratória. Essa efervescência também desencadeava novas descobertas locais, e é nesse contexto que o primeiro veio aurífero perde relevância, determinando a migração da originária população para a região onde se localiza o córrego do Mutuca. Ali, o ouro jorrava mais abundante, o que ensejou a constituição de um novo povoado, denominado Forquilha, e em paralelo a isso esvaziou imediatamente a efêmera São Gonçalo Velho.

Três anos após a fundação de Cuiabá, em 1922, um novo sertanista chamado Miguel Sutil encontra ouro em quantidades ainda maiores às margens do córrego da prainha, afluente do Rio Cuiabá, em localização distante cerca de 10 quilômetros do efêmero povoamento inicial. Reza a história que certo dia de outubro de 1722, Sutil mandou os índios buscarem mel silvestre. Já muito tarde, chegaram sem mel e foram interrogados sobre o porquê da demora. Os índios então mostraram os primeiros granetes de ouro recolhidos no local que mais tarde seria denominado "Lavras do Sutil", nas proximidades da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ali finalmente iniciaria-se a verdadeira edificação de Cuiabá, configurando o atual centro histórico, distante de São Gonçalo Velho e do Arraial da Forquilha, estagnados em detrimento da polarização causada pela nova descoberta aurífera. São Gonçalo, local simbólico da fundação de Cuiabá, só passaria de fato a fazer parte do núcleo urbano da cidade a partir do século XX.



Mapa 2 - Limites do município de Cuiabá, evidenciando as localizações de São Gonçalo Velho, do Arraial da Forquilha e das Lavras do Sutil. Produção própria. Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - SMDU/DUP, 2007.

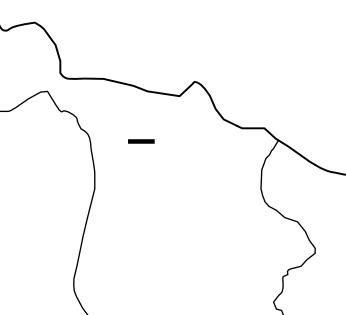
A partir daí, a povoação passou a se expandir, sendo elevada a Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá em 1727, também força da coroa para salvaguarda da posse, como afirma Delson (1997 apud AZEVEDO, 2006, p. 43), destacando-se a atitude emergencial de não se optar pela implantação de uma vila planejada aos moldes racionais iluministas:

"Cuiabá era a única aglomeração urbana de toda a região Oeste. Nessas condições, os portugueses enfrentavam um dilema complicado: ou a diminuta aglomeração de Cuiabá deveria ser reconhecida como centro administrativo, ou então seria preciso construir uma nova vila. Como a Coroa estava desejosa de controlar o fluxo de ouro dessa zona recém-aberta, e como o custo da constituição e aparelhamento de uma equipe para construir uma nova comunidade nessa região remota teria sido exorbitante, os portugueses viram-se obrigados a aceitar a urbanização nas condições dos bandeirantes, finalmente elevando devidamente o povoado à condição de vila." (DELSON, 1997 apud AZEVEDO, 2006, p. 43).

A região de Mato Grosso, por sua vez, seria desmembrada de São Paulo em 1748, tornando-se também uma capitania, por conta da dificuldade enfrentada pela Coroa em controlar o enorme território tão rapidamente expandido além Tordesilhas:

"A partir de 1720, a dificuldade para controlar tão vasto território levou a Coroa, a desligar da Capitania de São Paulo (paulatinamente, mutilando-a) as minas e suas repartições. Foram desmembradas de São Paulo, as regiões de Minas Gerais (1720), Rio Grande de São Pedro e Santa Catarina (1738), Goiás (1744) e Mato Grosso (1748)." (BUENO, 2009, p.272)

Passado o período de efervescência aurífera, com as lavras mostrando-se menores que o esperado, inicia-se um processo de queda no fluxo migratório, desencadeando um longo período de estabilidade populacional da vila. Por meio da carta régia assinada por dom João VI, em 17 de setembro de 1818 a vila é elevada à categoria de cidade. Em agosto de 1835, Cuiabá vem a se tornar a capital da então província de Mato Grosso, posto até então desem-



penhado por Vila Bela da Santíssima Trindade em detrimento de sua maior proximidade aos limites territoriais do império português. Através da proclamação da república, a província torna-se estado. Entretanto, nem mesmo a mudança da capital para o município foi suficiente para impulsionar seu crescimento.

No entanto, isso não significa afirmar, como de costume, que a cidade encontrava-se "estagnada". A partir da queda aurífera Cuiabá pode ter perdido contato constante com centralidades brasileiras, mas há evidências claras de que permaneceu pujante mediante seu contato fluvial com outras regiões da América. A rede fluvial aponta portanto que as relações não eram estanques.

Assim, a posição de Cuiabá em relação às fronteiras lusas indicam não um ponto de isolamento, mas claramente uma zona de encontro entre as mais diversas regiões do continente, incluindo a América espanhola e até mesmo a Europa. A condição de fronteira junto da conexão fluvial aponta a vocação para o encontro. É o hibridismo cultural de que trata Peter Burke (2003), característico das regiões fronteiriças. Para o caso específico de Cuiabá, a rede fluvial multiplica esse processo. Nesse contexto, cidades como Cáceres, Cuiabá e Corumbá viveram momentos de intenso comércio internacional que não eram mediados pelas centralidades brasileiras, mas passavam por Assunción, Buenos Aires e Montevideo até chegar no continente europeu.

Em matéria do jornal *A Gazeta*⁴, Aníbal Alencastro, historiador do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, conta que a importância do rio e a própria condição de contato da cidade foram comprovadas no século XIX, pela Guerra do Paraguai (1864-1970), quando as tropas paraguaias bloquearam o rio Paraguai deixando Cuiabá de fato isolada. Durante esse período, para conseguir mantimentos e outros produtos era necessário trazê-los do Rio de Janeiro por via terrestre, situação atípica que demorava até seis meses para ir e outros seis meses para voltar. Valendo-se da bacia platina o tempo era de 30 a 40 dias.

Além disso, também reflexo dos estratos iniciais da memória cuiabana, a ligação íntima da cidade com o rio está encravada em seu próprio nome, sugerindo

4. DUARTE, Fernando. Rio Cuiabá perdeu relevância quando estradas chegaram. *Gazeta Digital*. Cuiabá. 25 abr. 2010.

Mapa 3 - Rotas monçoeiras fluviais e terrestres de São Paulo a Cuiabá através da bacia platina. Produção própria.



uma toponímia interessante e ainda misteriosa. Há várias versões para o nome dado à cidade, e nenhuma é tida como definitiva. No entanto, a mais tradicional diz que vem do local chamado "Ikuiapá", onde os índios Bororo pesca-vam com uma flecha-arpão, que em sua língua chama-se "Ikuia", sendo "pá" o designativo de lugar. Para outros, o termo deriva de "kuyaverá", palavra guarani que se traduziria por "rio da lontra brilhante". Teodoro Sampaio (1855-1937), grande estudioso do tupi, também afirmava que, se o nome tivesse origem nesta língua indígena, poderia significar "homem que faz farinha", "farinheiro", pois "cui" é "farinha" e "abá" homem.

II. permanência

O fascínio pelo ouro obviamente promoveu os mais diversos tipos de deslocamentos dentro do território brasileiro, e a ânsia por novas descobertas terminava por interligar também por terra os principais veios auríferos da colônia. Assim discorre Luiz D'Alincourt, em seu relato da viagem que empreendeu em 1818 do Porto de Santos à cidade de Cuiabá:

"Já a êsse tempo existia descoberto o Cuyabá; e seus habitantes vindos também de S. Paulo, e conduzidos ali pela navegação dos rios, ambiciosos de colhêr o louro metal, onde em mais abundância, e com menos trabalho aparecesse, ou viram alegres a fama do descoberto em Goyaz, e dispondo-se em grande número a buscá-lo, marcharam por sertões desconhecidos até o encontrarem. E pois desta maneira, que, em 1736, se abriu a estrada do Cuyabá a Coyaz; e reunindo-se as duas neste ponto, formam a única de comunicação por terra, de S. Paulo à Cidade do Cuyabá". (D'ALINCOURT, 1975, p. 15)

A participação de sorocabanos não se restringiu apenas aos primeiros sertanistas a adentrar-se na colônia. Bueno (2009, p. 275) conta que o comércio interregional era intenso e encabeçado, sobretudo, por sorocabanos e ituanos, detentores dos maiores lucros pelo abastecimento das longínquas minas de Cuiabá e Goiás.

Já no final do período colonial, como afirma Azevedo (2006, p. 46) estes caminhos por terra eram a forma precária com que Cuiabá se comunicava com outras regiões brasileiras, uma vez que "o sistema monçoeiro estava praticamente desativado desde o declínio da produção aurífera da capitania". Apesar do período de leve efervescência econômica em meados do século XIX - decorrência das atividades extrativistas com presença de usinas de açúcar e exportação de borracha - via de regra, a cidade permaneceu pouco conectada com centralidades econômicas do Brasil até o século XX.

No entanto, ainda assim o rio continuou mantendo seu grau de importância nos estratos da memória da cidade. Além do fluxo de pessoas ao longo da bacia platina e do contato com capitais hispano-americanas, o decreto de abertura dos portos às nações amigas assinado em 1808 representou uma nova era na navegação fluvial no Brasil, permitindo a entrada de outras nacionalidades no território brasileiro. Enquanto, no século anterior, as águas e os sertões brasileiros estavam reservados aos sertanistas paulistas que atingiram territórios além dos limites de Tordesilhas, agora, os mesmos trajetos fluviais eram reiterados por exploradores europeus que, como afirma Kury (2001, p. 865), haviam tomado a decisão de ver com os próprios olhos todas as representações que há muito já circulavam pela Europa. Estes expedicionistas foram grandes responsáveis por catalogar e retratar os interiores do país:

"Nas grandes expedições científicas, os viajantes buscam dar conta das sensações e impressões experimentadas durante sua estada no Brasil não só utilizando o desenho e a pintura, mas também fazendo ricas descrições textuais" (KURY, 2001, p. 863).

Cuiabá certamente fez parte deste processo. A Expedição Langsdorff, chefiada pelo barão Georg Heinrich von Langsdorff, percorreu mais de dezesseis mil quilômetros pelo interior do Brasil e traçou um trajeto fluvial que partia de Porto Feliz, em São Paulo, até Belém do Pará, passando por Cuiabá e interligando as duas grandes bacias hidrográficas sul-americanas. Hercules Florence e Aimé-Adrien Taunay formaram a dupla de desenhistas incumbida de realizar a



5. BRASIL. SENADO FEDERAL. (Ed.). Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007.

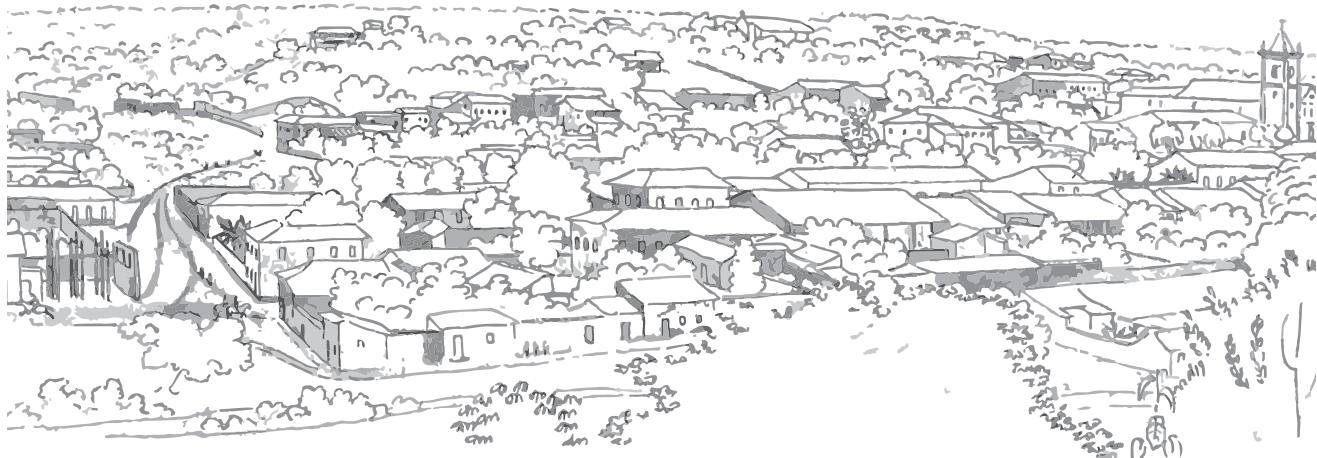
documentação iconográfica ao longo do extenso trajeto da expedição: Rios Tietê, Paraná, Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá, Preto, Arinos, Juruena, Tapajós e Amazonas. Nas palavras de Ataliba Florence⁴, escritas para a introdução da publicação do diário de seu pai, afirma-se que “entre as descrições de viagens pelo interior do Brasil, merecia bastante atenção da parte de cientistas, principalmente de etnógrafos e geógrafos, mas também dos leitores em geral, a que foi escrita por Hércules Florence da expedição do cônsul da Rússia Barão de Langsdorff, nos anos de 1825 a 1829, pelas então províncias de São Paulo, Mato Grosso e Pará”.

Neste excerto presente na introdução para a tradução do diário de Florence⁵, Alfredo Taunay, o famoso visconde de Taunay, afirma o porquê da escolha fluvial como trajeto até Cuiabá:

“A primeira idéia fora seguir por terra o caminho de Santos a Goiás, com destino a Cuiabá; entretanto essa direção, por motivos de economia, foi abandonada, e o chefe decidiu ir embarcar em Porto Feliz no rio Tietê, a fim de aproveitar a comunicação fluvial que, com a curta interrupção de duas léguas e meia de varadouro, leva à capital de Mato Grosso.”

O cerrado, bioma em que se insere a cidade de Cuiabá, tem sua imagem e vida retratadas por Florence de forma muito precisa, regidas pelo regime de chuva e seca característico, e que tem o fogo como parte de seu processo biológico: “Atravessamos como nos dias anteriores vários cerrados, mas estes mudaram diversas vezes de viso. Aqui eram grandes árvores de folhagem escassa e cores várias, deixando ver um entrelaçamento de ramos retorcidos como o coral, de casca rugosa e enegrecidos pelo fogo; ali outras, cujas folhas haviam sido devoradas pelas chamas, ficando só a negra rama. Adiante tudo desabrochava em flores amarelas e roxas; mais longe não se via senão ramalhada seca, cujo matiz ia do pardo ao ruivo. Enfim nos terrenos úmidos reapareciam as flores amarelas, azuis, carmíneas e roxas”. Hoje, o cerrado permanece como marco das representações da cidade, como na obra do artista plástico Benedito Nunes.

Mapa 4 - Rota traçada pela Expedição Langsdorff. Produção própria. Fonte: SENADO FEDERAL. (Ed.). Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007



▲
"Cidade de Cuiabá. Segunda folha". Desenho de Hercules Florence. Fonte: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007

"Outra vista da Chapada, nos arredores de Cuiabá". Desenho de Hercules Florence. Fonte: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007
▼





▲
"Cidade de Cuiabá. Terceira folha". Desenho de Hercules Florence. Fonte: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007

▼
"Vista tirada no caminho de Guimarães ao Qui-lombo". Desenho de Hercules Florence. Fonte: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Brasília: Edições do Senado Federal, 2007





Barulhismo no Cerrado.
Benedito Nunes, 2005.

Enquanto as Folhas.
Benedito Nunes, 2008.

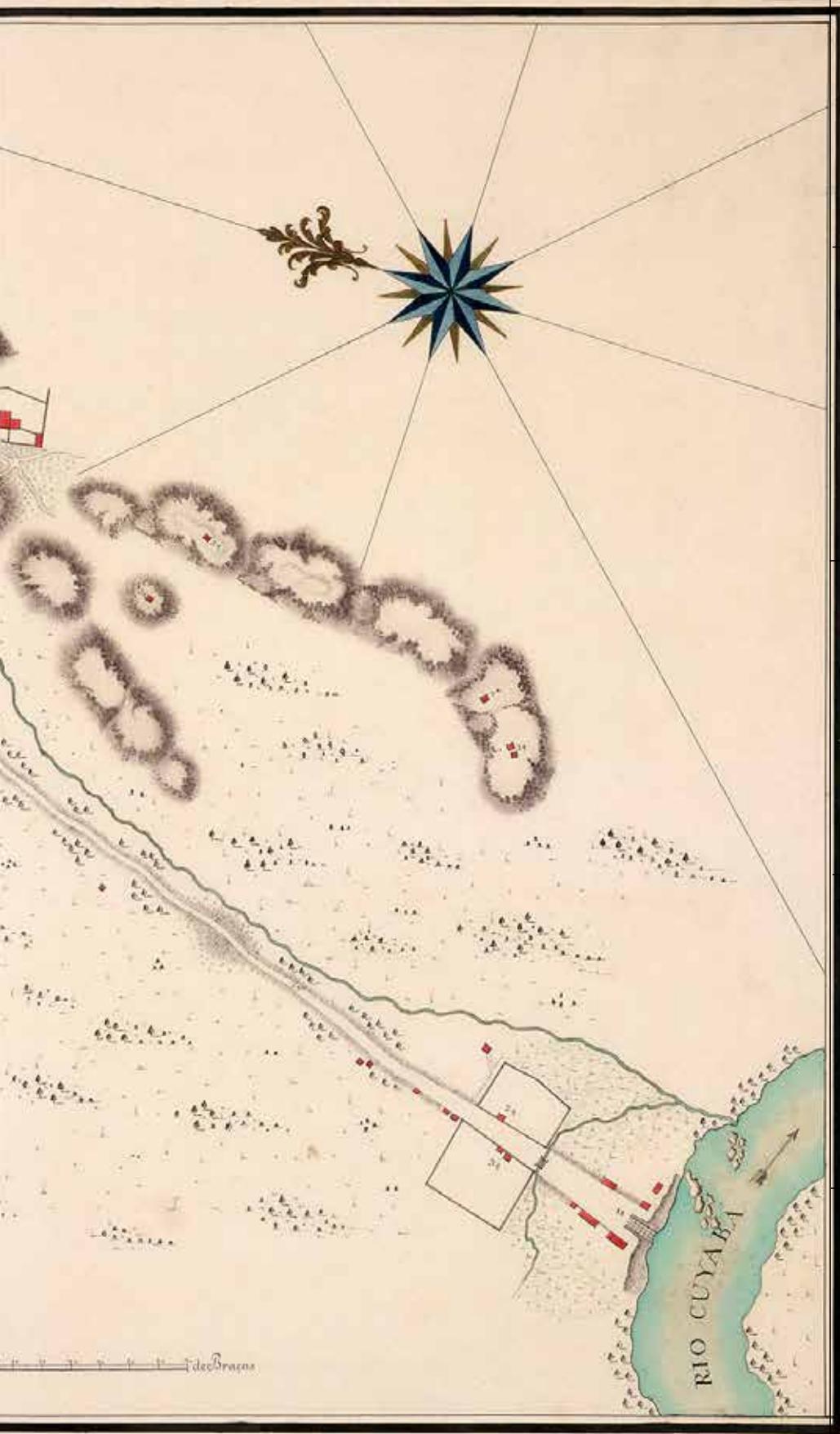




PLANO

da vila do Cuiabá na Cap^{ta} do
Mato grosso situada em 14°45'
de latitude Austral e 22°5' de lon-
gitude contados da Ilha do Ferro.
Cui o Plano Selevantou debaixo
da direcção do Sr^r e Cap^{am} General
da referida Cap^{ta} Luis d'Albuquerque
de Melo Pr^r el acores no anno de 1777

1. Matriz	19. Ponte p ^a hier no c ^o Mandicá
2. Capella da S ^a do bom despatcho	20. Ponte p ^a hier no Rosario
3. Capella da S ^a do Rosario	21. Ponte p ^a hier no S ^a Joaquim
4. Casa da Loura e Caixa	22. S ^a Joaquim
5. Rua debaixo	23. A. ruas das terras
6. Rua de cima	24. Ponte das terras
7. Rua nova	25. Ponte de Maria Correa
8. Rua de cima do Burgo	26. Ponte das terras
9. Travessa do Largo	27. Ponte junto de Silvana Gomes
10. Travessa do Cap ^r e Mor	28. Ponte p ^a hier no 1 ^o das terras
11. Travessa das Calharias	29. Ponte das terras
12. Travessa do Morro	30. Ponte das terras da S ^a Joaquina
13. Travessa de D ^r Carlos	31. Cam ^r q ^a cessa em S ^a Joaquina
14. Seco do andarijo	32. Cam ^r p ^a o Coxipo
15. Rua do Cap ^r S ^a Joaquina Nunes	33. Cam ^r p ^a Rio Alima
16. Cam ^r do porto	34. Chacara
17. Porto da Cuiabá	



Mapa 5 - Plano da vila de Cuiabá elaborado durante o governo de Luis d'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres
Fonte: sudoestesp.com.br





Imagem apresenta vista de Cuiabá, provavelmente elaborada durante a administração de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres por volta de 1780. Fonte: Original manuscrito de propriedade da família Albuquerque, pertencente ao acervo da Casa da Ínsua, em Portugal

Percebe-se que Florence não retratou a cidade unicamente de forma gráfica, mas seus textos também são excelentes fontes descritivas que ajudam a compor a imagem de Cuiabá à época da passagem da expedição. Em determinada parte do texto, há um resgate da imagem de uma vila edificada pela atração do ouro, e claramente observa-se que quando da passagem da expedição Langsdorff, o imaginário do ouro era presente, apesar de já ser mera alusão ao passado: "Tão pouca população provém de que não há 125 anos que Cuiabá foi descoberta e todos quantos procuraram estas terras atraídos só pela posse do ouro, uma vez conseguido esse fim, trataram de se ir embora para gozarem das riquezas ganhas em país mais civilizado".

No entanto, e obviamente, o rio não deixa de ser citado como elemento presente na vida da cidade, afinal, independente da importância do ouro para a efervescência inicial da vila, não se podia sobreviver dele: "O rio é farto de pescado, sobretudo de junho até fins de dezembro. Então é o alimento principal do povo. Pescam-se muitos pacus, dourados, piracanjubas, piaus, piracachiaras, jiripocas, palmitos, cabeçudos, corimbatás, peixe-rei, etc. É tanto peixe e que os bois, cavalos e pretos ou guanás vão curvados ao seu peso vendê-los pela cidade. (...) De todos é o pacu o mais gordo e mais abundante, bem que não seja o mais delicado; sabe, contudo, bem ao paladar e a quantidade é tal que fornece o combustível com que se iluminam todas as casas. Acontece até que os pescadores atiram fora grandes montes, quando não querem nem mesmo dar-se ao trabalho de extraírem o azeite."

Além disso, o período de pouco crescimento populacional, em que não se operou quase nenhuma modificação urbana, possibilitou um enraizamento das tradições locais. Assim, a cidade teve suas relações comunitárias de reciprocidade intensificadas.

Aqui se afirma a permanência do Rio Cuiabá como principal veio de lembranças da cidade, e coloca o ouro apenas como fator fixador nesse processo imaginário. Esse estrato de memória é percebido de forma clara na culinária cuiabana, já que o pacu é até hoje um dos peixes de maior presença nos pratos que a compõem. Menciona-se tais

elementos como de extrema importância, posto que, diferente da efemeridade do ouro, estes são assimilados de forma consistente à cultura local. É inegável que a prática da pesca ribeirinha e da culinária cuiabana estejam intimamente ligadas à oferta de pescados do rio Cuiabá desde os primeiros estágios da urbanização, bem como antes disso, como prática vinculada à cultura indígena Bororo. O rio, portanto, está marcado também nas representações expedicionistas, e tem sua importância reiterada.

III. abandono

A dinâmica demográfica da cidade de Cuiabá começou a se modificar consideravelmente apenas a partir do séc. XX. Até então a cidade vivia em meio a pequenos momentos de crescimento e estagnação, que a fez manter de maneira uniforme boa parte de suas características. Apenas ao fim do século XIX consolida-se de fato a mancha urbana que interligou o pequeno povoado do Porto ao povoado de Cuiabá. Após a década de 20, a aviação e a ligação rodoviária com os estados de Goiás e São Paulo representaram o passo inicial para o isolamento terrestre da cidade começar a ser desconstruído:

"Embora o Mato Grosso tenha uma história de ocupação complexa, pode-se dizer que este Estado começa a despontar no cenário brasileiro a partir do avanço da frente pioneira paulista, em meados do século 20. Em um primeiro momento, este avanço provocou a ocupação no norte do Paraná, expandindo-se, posteriormente, para o sul do antigo Estado de Mato Grosso, com a pecuária de corte. Em seguida, nos anos 60, houve a entrada de gaúchos e paranaenses que se dedicavam à cultura do trigo e da soja." (CUNHA, 2006, p. 87)

Até a década de 1960, no entanto, a comunicação por portos ainda era de certo modo ativa, seja pelo porto de Corumbá (MS), Porto Murtinho (MS), Cáceres (MT) ou Cuiabá. Reflexo disso foi a construção do hoje abandonado cais flutuante do porto. Neste trecho extraído de uma matéria do jornal Gazeta Digital, Hid Alfredo Scaff, um dos grandes nomes da navegação fluvial entre Cuiabá e



▲
Cartão postal mostra cais do porto em atividade. A importância de determinados elementos urbanos no tempo pode ser evidenciada a partir da ótica de um cartão postal, isto é, a partir do que ele escolhe mostrar.
Fonte: Não identificada, retirada do Google Imagens.

Enchente histórica de 1974 evidencia bairro do Porto ainda com características do sec. XIX. Fonte: Google Imagens, Revista RDM.



Corumbá, conta que "as embarcações que faziam a linha Corumbá-Cuiabá e vice-versa eram da Companhia Lloyde Brasileiro. Eles faziam a navegação do baixo (rio) Paraguai que era mantida pelos navios Uruguai, Paraguai e Argentina." Essas rotas eram interligadas com conexões para Assunção e Montevidéu. O Historiador Aníbal Alencastro reitera: "O primeiro automóvel que chegou em Cuiabá, em 1919, foi trazido pelo rio. Ele foi encomendado por Dom Aquino (Dom Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá). Ele chegou com as peças separadas e foi montado na margem do rio".

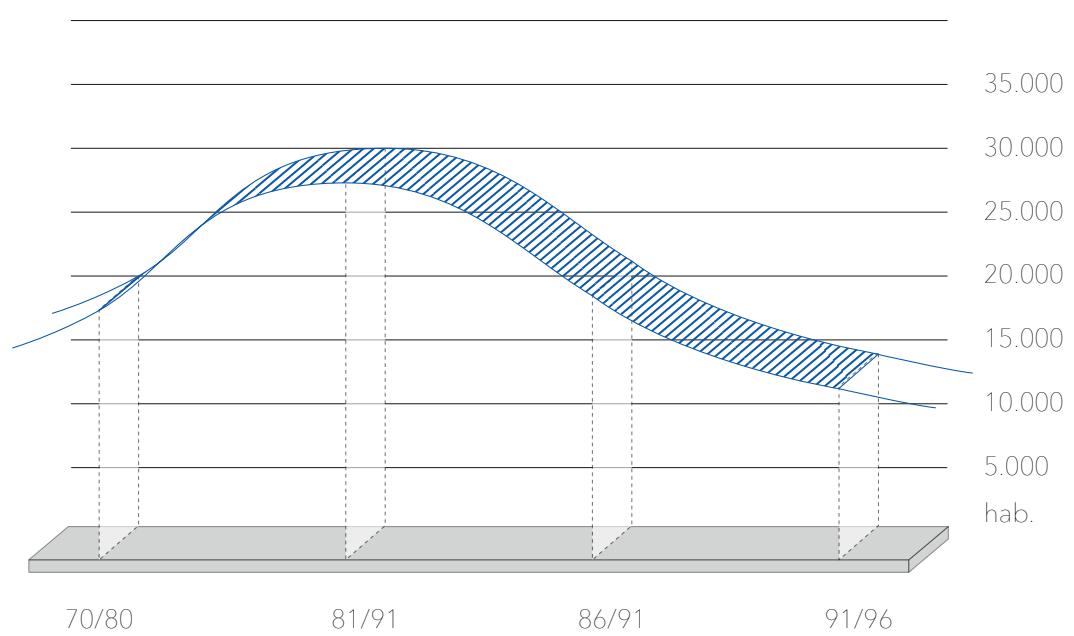
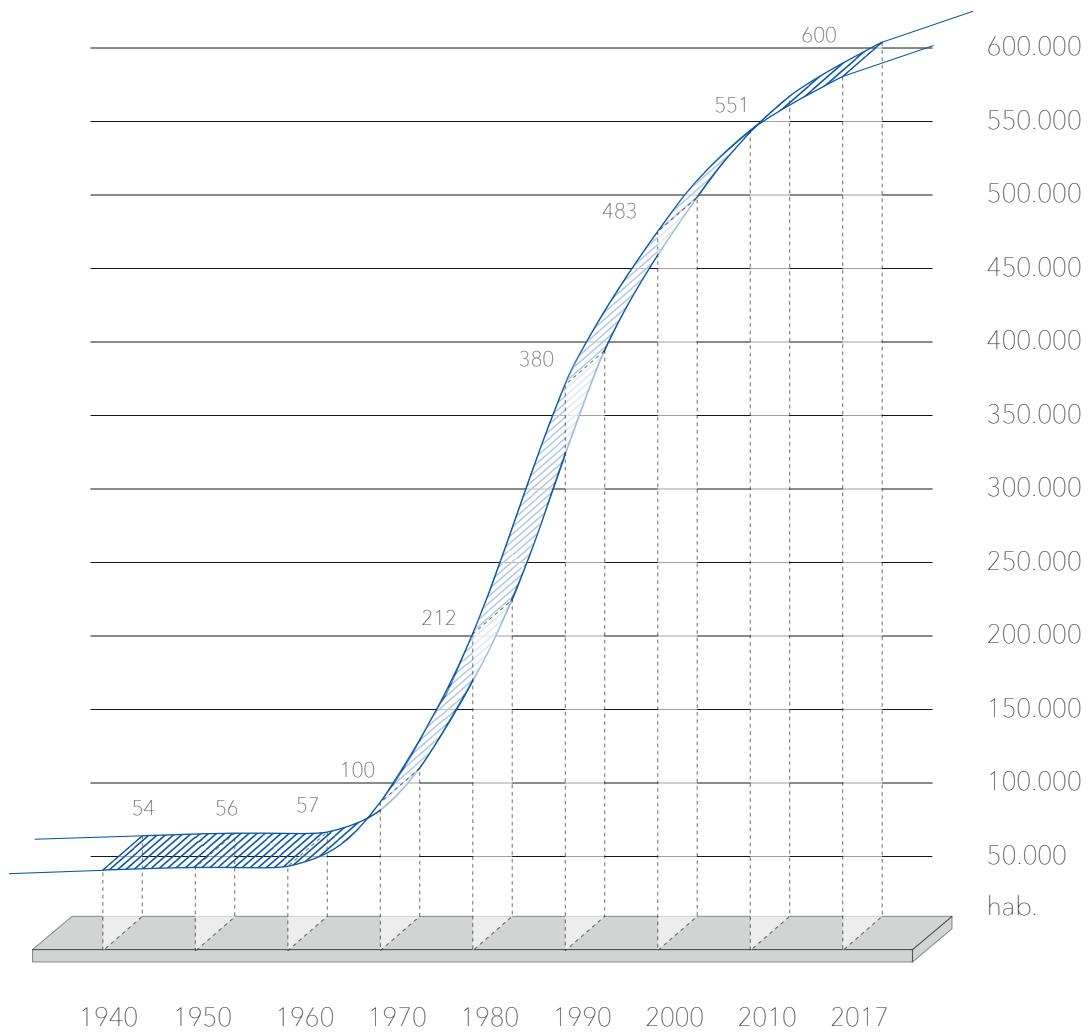
Mesmo com a navegação ainda ativa, após a década de 1960, o rio passa gradativamente a perder relevância no elo entre a cidade e o país. Parte desse impulso foi intensificado pela transferência da capital federal para a região centro-oeste e pelo incentivo governamental de povoamento do interior do país.

Como afirma Cunha (2006, p. 88), "na década de 60, a Região Centro-Oeste iniciou um processo de modificação de sua estrutura produtiva, impulsionada pela ação estatal através dos programas de incentivo à modernização agropecuária e integração da região aos outros mercados, elementos que tiveram importantes consequências em sua dinâmica demográfica e no processo de redistribuição espacial da população. (...) A década de 70 foi fundamental para compreender a estrutura produtiva e a urbanização do Centro-Oeste, já que a região foi amplamente beneficiada pela 'marcha modernizadora do oeste', provocando um intenso direcionamento dos fluxos migratórios para áreas mais promissoras". Além disso, como afirma Santos (1994), durante o período entre 1940 e 1991 o Brasil apresentou altíssimas taxas de urbanização, passando de 26,35% na década de 1940 para mais de 77% após 1991. Gaúchos e Paranaenses compuseram grande parcela dos migrantes da década, responsáveis por introduzir o soja, hoje principal commodity produzida no estado. Além deles, paulistas, nordestinos e mineiros também fizeram parte deste processo.

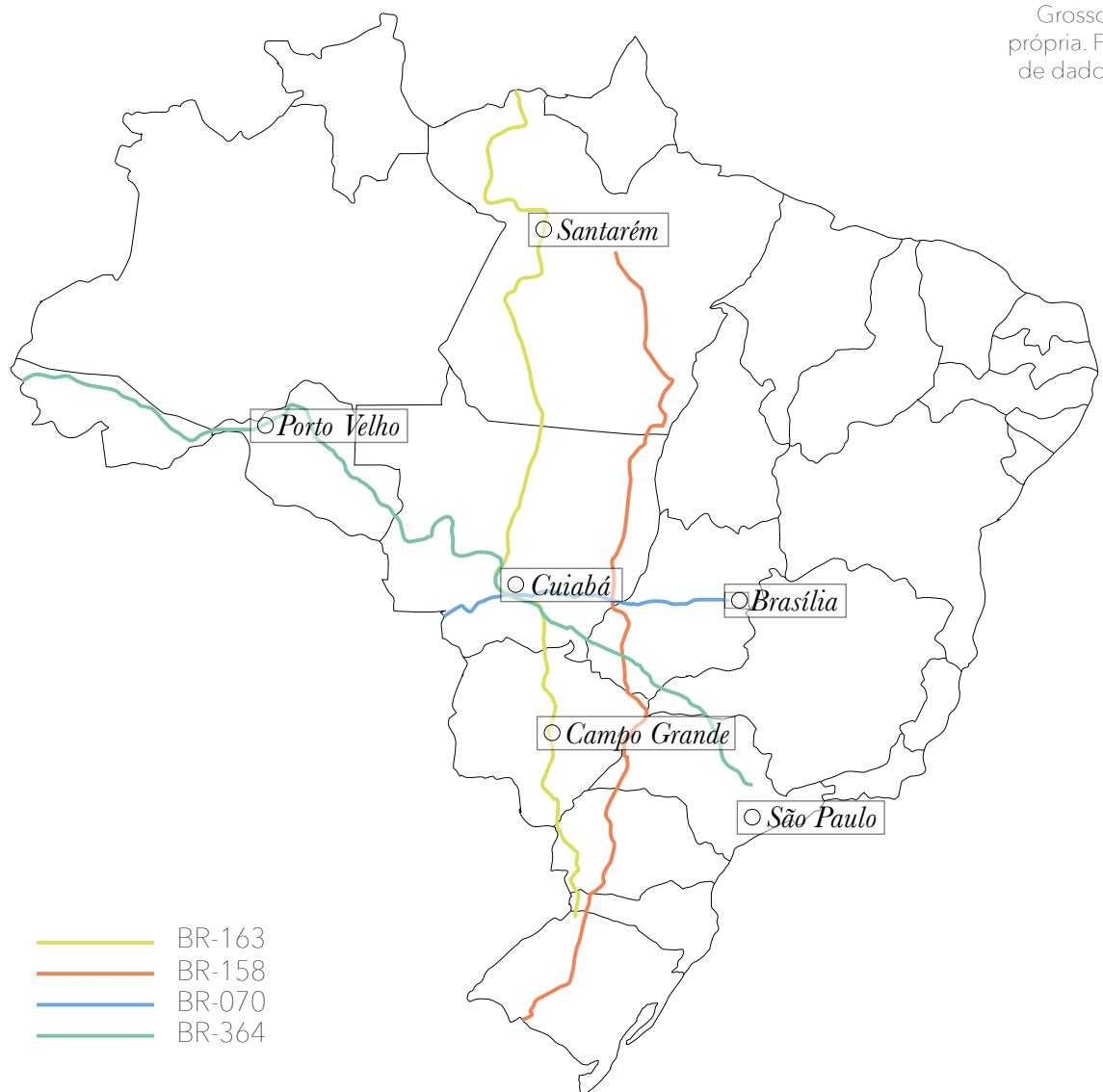
Já inserido desde a década de 1940 na "marcha para o oeste", Mato Grosso agora situava-se no contexto do projeto de integração nacional e de ocupação da

► Gráfico 1 - Evolução da população residente em Cuiabá..
Produção própria.
Fonte: Perfil Socioeconômico de Cuiabá, Vol. 5, SMDU/Prefeitura de Cuiabá.

► Gráfico 2 - Volume de migração líquida média anual em Mato Grosso. Produção própria. Fonte: CUNHA, J. M. P. da, SILVEIRA, F. A. Região Centro-Oeste: O Esgotamento de um processo de ocupação



Mapa 6 - Rodovias federais em Mato Grosso Produção própria. Fonte: Base de dados do DNIT, 2014.



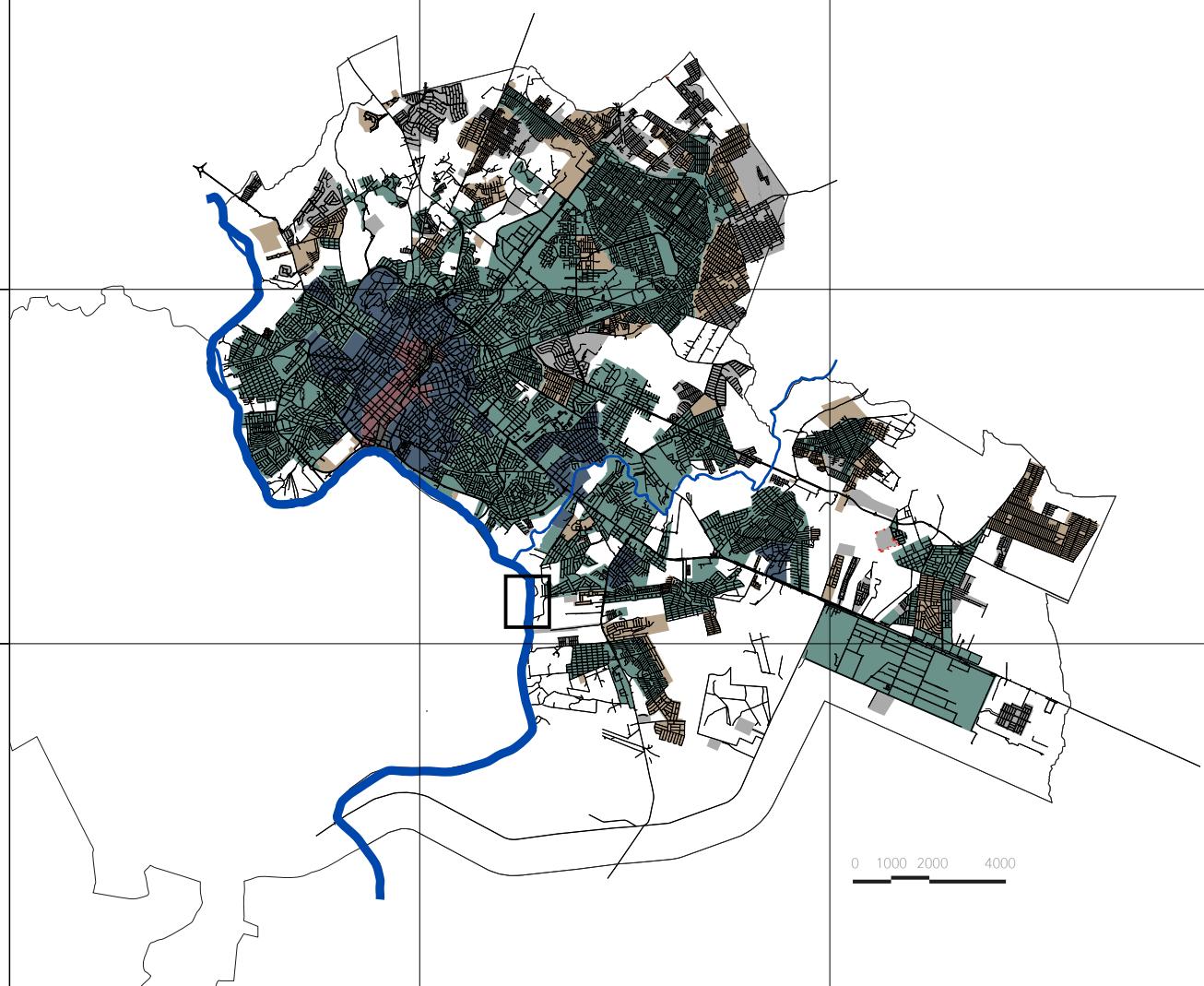
Amazônia, e Cuiabá possuía localização estratégica para a expansão agrícola e da pecuária, funcionando com centro de apoio para essa ocupação. Neste momento, a cidade deixava de ser um final de rota para se tornar um entreposto de comunicação rodoviária, interligando-se com Brasília, Goiânia, Campo Grande, São Paulo, Porto Velho e Santarém. "Torna-se, de fato, ponto de encontro das principais estradas de acesso às "terras virgens" do interior brasileiro, como as BR364 (Cuiabá-PortoVelho), a 070 (Cuiabá-Brasília) e a 163 (Cuiabá-Santarém). Aberto o caminho, as correntes migratórias fazem a população da cidade, que em 1970 era de 83.000 habitantes, crescer a taxas de até 18% ao ano." (CASTOR, 2013, p. 313).

Reflexo disso é a construção do novo terminal rodoviário de Cuiabá, projeto do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, construído para comportar a nova demanda de fluxos em constante crescimento. A antiga rodoviária, como afirma Castor (2013), comportava apenas quatro partidas diárias, mas se via congestionada diante do crescimento de fluxo de viagens que atingiu 96 partidas diárias à época de sua desativação, em 1979. O novo terminal, portanto, foi projetado e construído aplicando-se a perspectiva de crescimento para os 10 anos seguintes:

"Fosse considerada a quantidade média de 96 partidas diárias registrada na estação anterior, Cuiabá ganharia um modesto terminal classe E, com porte equivalente a um movimento de 81 a 150 partidas diárias. Aplicando-se a previsão de crescimento urbano de 5% durante um período de 10 anos, como prescreviam as normas do DNER, a quantidade de partidas poderia chegar a 156 por dia, número condizente com a class seguinte. No entanto, devido à explosão demográfica verificada naquela década em Mato Grosso e à posição estratégica de sua capital no mapa rodoviário do país, decidiu-se por um terminal ainda maior. Como todos da classe C, o terminal de Cuiabá está equipado para comportar até 1400 partidas diárias, sendo 16 delas simultâneas." (CASTOR, 2013. p. 319)

A expansão do perímetro urbano de Cuiabá ilustra bem esse processo desencadeado há pouco mais de 50 anos. Observa-se no mapa de evolução do perímetro urbano que até o momento da Lei nº 1346 de 12/03/1974, tudo o que estava além dos limites da Lei nº 534/60 de 04/07/1960 ainda era considerado área rural. O distrito de Coxipó, onde localiza-se a comunidade São Gonçalo Beira-rio, já consolidado no início do século XX, firmou-se definitivamente como pequeno aglomerado urbano após a abertura da estrada para Campo Grande em 1940 e, no entanto, só veio a ser incorporado de fato pelo perímetro urbano a partir da Lei nº 1537 de 25/04/1978. O curto intervalo de tempo entre as ampliações do perímetro associado às grandes áreas incorporadas por ampliação evidencia o forte processo de urbanização de Cuiabá na segunda metade do século XX.

Mapa 7 - Evolução urbana de Cuiabá, com destaque para São Gonçalo Beira-rio. Produção própria. Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - SMDU/DUP, 2007



■ Séc. XVIII
■ Séc. XIX
■ Início do séc. XX a 1960
■ 1961-1990
■ 1991-2000
■ 2001-2010
— Limite Atual do Perímetro Urbano de Cuiabá e Várzea Grande

Mapa 8 - Evolução do perímetro urbano de Cuiabá, com destaque para São Gonçalo Beira-rio. Produção própria. Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - SMDU/DUP, 2007



- Ato nº 176 de 25/07/1938
 - Lei nº 534/60 de 04/07/1960
 - Lei nº 1346 de 12/03/1974
 - Lei nº 1537 de 09/11/1982
 - Lei nº 2023 de 09/11/1982
 - Lei nº 4719 de 30/12/2004

Limite Atual do Perímetro Urbano de Cuiabá e Várzea Grande

Tais mudanças refletiram diretamente na relação da cidade com o rio. Primeiramente, a navegação interestadual passou a ter relevância secundária frente às ligações terrestres das rodovias. Mas principalmente, a inserção de novos costumes e novas culturas vindas de outros estados, desvinculadas à cultura local e aliadas ao forte crescimento e urbanização da cidade, ensejou também o início de um desvinculo dos novos habitantes aos costumes cuiabanos, constituindo cada vez mais uma população sem identificação direta com a cultura construída através do contato com o rio.

Neste momento a cidade passa a definitivamente virar as costas para o rio. A fartura de peixe diminui drasticamente, o assoreamento do leito se torna cada vez mais evidente e as práticas de pesca cada vez mais reduzem-se às comunidades ribeirinhas, como os casos de Bonsucesso, Passagem da Conceição e São Gonçalo Beira-rio. Não por acaso, estes casos configuram-se como uma resistência dos costumes locais frente à modernização da cidade de Cuiabá, já inserida na Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC), criada em 2009.

IV. memória

Recorrer às lembranças é um ato essencialmente importante para compreender a formação espacial e cultural de uma sociedade. A associação da memória ao espaço torna-se dessa forma um elemento chave para que a arquitetura detenha a capacidade de responder de forma sensível a questões urbanas específicas, tendo a paisagem como uma de suas principais bases. Aglutinadora de influências culturais e características herdadas no decorrer do tempo, a paisagem toma posto imprescindível para a compreensão do passado e do presente. Assim, diante da problemática apresentada e do registro dos estratos da memória cuiabana é possível traçar um debate acerca da relação da memória com os habitantes da cidade.

O enfraquecimento da associação cultural-identitária do rio Cuiabá e de seu patrimônio intrínseco, apontado como consequência do processo de modernização da capital

6. Em introdução a *Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz - Brasil Arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

mato-grossense, muito tem a ver com esse debate. Como afirma João da Gama Filgueiras Lima, Lelé, atravessamos um período conturbado, em que uma das faces mais cruéis da globalização é a destruição das referências culturais⁶.

Por se tratar de uma hipótese que envolve o crescimento da cidade diante de fluxos de pessoas, mas principalmente por ser a cultura, por óbvio, um bem coletivo, essa discussão deve ser encarada sob a ótica da memória como produto social. O artigo *Reflexões Impertinentes sobre Memória, Arquitetura e Ficção Científica*, de José Antônio Vasconcelos (2013) com interlocuções de Maurice Halbwachs e Pierre Nora, traz elucidações que servem de base para discutir essa relação.

Vasconcelos lembra que por muito tempo a memória foi tida como uma atividade primeiramente individual, coletivizada somente após sua concepção no indivíduo. Essa ideia muda a partir do século XX, quando surge o conceito de memória coletiva ou memória social. Assim frisa uma passagem de Maurice Halbwachs, retirada de sua obra *A Memória Coletiva*:

"Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando deste para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída". (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Encarar a lembrança como um elemento socialmente partilhado, apontado por Halbwachs como condição sine qua non, coloca em Cuiabá um dos pontos chave da discussão: no ambiente de uma cidade nascida há três séculos versus uma cidade que recebeu grande onda migratória nos últimos cinquenta anos, evidencia-se a existência de um embate identitário. Vasconcelos (2013,

p. 13) lembra que é por meio da memória que tomamos consciência de nossa identidade. Ora, se a memória pertence a um estrato coletivo, e sendo parte da população de Cuiabá proveniente de diferentes espaços geográficos, a identidade cuiabana estaria fadada a um descompasse?

Vasconcelos continua: "o fato é que algumas memórias são mais significativas do que outras porque de algum modo são mais relevantes socialmente, porque aprendemos com os outros o que vale a pena reter na memória e o que pode ou deve ser esquecido". Essa afirmação corrobora a ideia de que, se proveniente de um outro espaço histórico-geográfico, somado ao fato da interferência de seu núcleo social, o indivíduo certamente terá diferentes referências memoriais e diferentes pesos conferidos às suas lembranças.⁷

Além disso, o embate identitário é refletido historicamente na maneira como o próprio cuiabano reagiu ao processo de migração ao longo do tempo, apelidando os migrantes de pau-rodados. Mesmo sendo o intenso processo migratório característica da segunda metade do século XX, as alfinetadas refletem-se de forma muito clara desde o século XIX, como observa-se no verso do poeta Dom Francisco de Aquino Corrêa:

*Aquele é arrogante, audaz, sombrio
Emerge fora d'água e agita, no ar
Os braços hirtos, como em desafio,
E vai, além, ruínas espalhar,
Esbarrondando, em rudes solavancos,
Canoas, cercas, muros e barrancos.*

*Este, em vez, é pacífico e tranqüilo,
Vem boiando à mercê da onda brava
E onde a barranca lhe oferece asilo,
Aí se apóia, o seu terreno cava,
Apruma-se, e enterrando as cem raízes
Revive ao sol seus dias mais felizes*

Daí nasce a expressão pau-rodado, alusão aos troncos de árvores levados pelas enchentes dos rios, que podem continuar o caminho ou atracarem-se em algum ponto do

7. A presença dos CTG's - Centro de Tradições Gaúchas - não só em Cuiabá, mas em todo o Mato Grosso - é evidência da diáspora sul-rio-grandense e da significância que têm suas referências memoriais quando afastados de sua terra natal.

trajeto (esses seriam os migrantes que ficam em Cuiabá). Por sua vez, para os cuiabanos nascidos e criados em Cuiabá surgiu a denominação chapa e cruz (ou tchapa e cruz, como é falada foneticamente), denotando que um cuiabano de chapa e cruz nasceu e será enterrado em Cuiabá.

Diante dessa condição dual, outro excerto do texto faz-se relevante: John Locke "argumentava que o indivíduo reconhece a si mesmo sob a condição de que exista uma continuidade de sua consciência, ligando o passado ao presente". Ao ligar o passado ao presente, o cidadão cuiabano o faz de duas formas: se é de chapa e cruz, identifica-se com as referências locais; se é pau-rodado, tem ligações identitárias com outro espaço geográfico. Da mesma maneira, como afirma Vasconcelos, a identidade social é "construída com base numa noção de pertencimento a uma coletividade que reconhece a si mesma em função dos laços que a ligam ao passado e que a tornam diferentes de outras, que possuam passados diferentes".

Essa é uma análise que ajuda a compreender a real fragilidade de vários estratos da memória cuiabana diante do processo globalizatório, pois expressa de que forma pode se dar a desvalorização da cultura de um povo que já na década de 1980 passou a representar menos de 50% do total da população. Abre-se terreno fértil para que as efetivas relevâncias sejam conferidas a elementos vazios, mas símbolos de modernidade. Elementos urbanos essenciais da cidade, como o rio Cuiabá, cada vez mais adquirem posto de coadjuvante na paisagem da cidade.

Em paralelo, passa-se a atribuir cada vez mais importância a falsos indicadores de avanço e desenvolvimento: os shopping centers, condomínios murados, e recentemente o mais incoerente de todos: a escolha de Cuiabá como uma das 12 capitais-sede da Copa do Mundo, encarada como catalisadora de progresso e desenvolvimento. Na medida em que o espaço detém enorme capacidade (des)educadora, a catálise claramente entrou em atividade apenas para a destruição das referências espaciais e, consequentemente, das referências culturais da cidade. Obras inacabadas, cursos d'água sepultados por avenidas,

e vegetação ceifada foram práticas deliberadas do poder público em troca de uma matriz desenvolvimentista falha em pleno século XXI.

Esses exemplos se aplicam à configuração de novos espaços urbanos alinhados à cultura de consumo e à expansão do capital de empresas nacionais e multinacionais, característica da modernidade. Vivemos agora diante da fluidez de Zygmunt Bauman, onde a identidade cultural do sujeito pós-moderno encontra dificuldade de estabilização e desloca-se de acordo com o surgimento de diferentes referências socioculturais. Aliado a isso, a população por vezes é induzida a utilizar estranhas réguas para o desenvolvimento urbano: torna-se comum medir a cidade contando o número de shoppings, viadutos e pontes estaiadas, numa clara tentativa de cada vez mais equiparar-se - levianamente - aos centros-referência do imaginário urbano brasileiro, sendo São Paulo o caso para Cuiabá. Nesse contexto, ainda que exaltada vez ou outra, a essência identitária da cidade permanece em segundo plano.

No entanto, ainda sobre a questão dos embates resultantes da mistura de cultura local e externa, Brandão (1994) traz um olhar otimista, apontando saídas para o embate. Baseia-se na construção de uma nova identidade, já que, passados mais da metade de um século, evidenciam-se novos estratos na cidade:

"No caso dos migrantes, a violência subjacente à ruptura compulsória se reproduz no processo em curso em Cuiabá, exatamente quando estes se encontram no difícil processo de reconstrução de referências culturais (sem as quais nenhum homem sobrevive), inclusive afetivas, exatamente quando buscam interagir com os elementos da cultura local. (...) Uma nova identidade cuiabana, na qual não temos de um lado cuiabanos e de outro migrantes, mas podemos dizer que juntos temos cuiabanos de chapa e cruz e cuiabanos por adoção". (BRANDÃO in TORRES, 1994, p.198)

É bem verdade que se na década de 1990, boa parte da população de Cuiabá passava suas férias viajando para suas respectivas regiões de origem (em especial

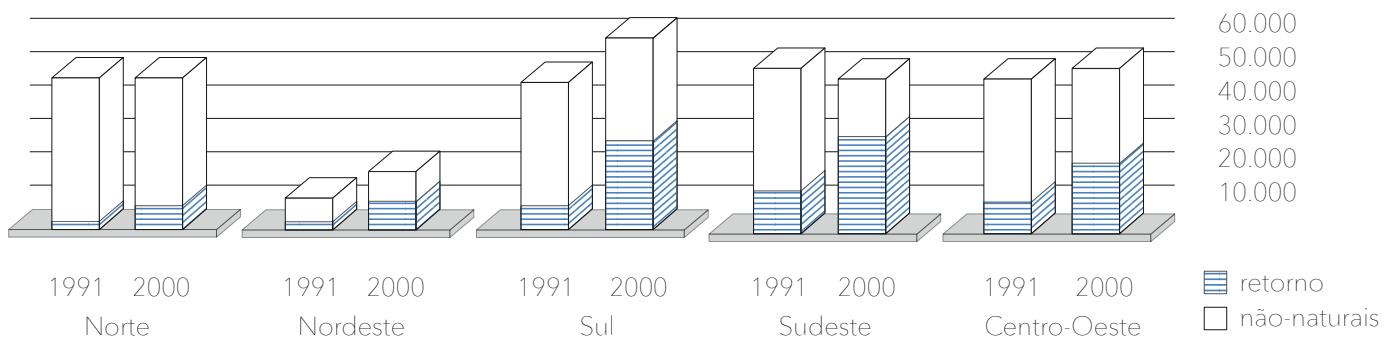
Gráfico 3 - Emigrantes em Mato Grosso, por condição de naturalidade, segundo região de destino - 1991-2000. Produção própria de acordo com os dados extraídos do artigo Dinâmica migratória e o processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso, de José Marcos Pinto da Cunha. O gráfico evidencia que grande parcela da emigração da déc. de 1990 correspondeu a migrações de retorno às terras de origem.

sul e sudeste), hoje, uma situação diversa já se configura. As férias são momentos diversos que cada vez mais desapegam-se do compromisso de "voltar às origens", apontando que a geração dos filhos de migrantes agora faz parte de um novo estrato.

A interpretação da memória coletiva é portanto polivalente. Se por um lado é impasse, para Brandão também reside na memória coletiva uma resolução, já que apresenta a oportunidade de construção identitária através de vivências coletivas e individuais. Claval (1999, p. 63) afirma que "os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo", demonstrando que esse processo é parte compositiva da memória.

Castor, de maneira análoga, aponta Mato Grosso como centro geodésico das riquezas e mazelas brasileiras : "Mato Grosso distingue-se justamente por não acompanhar a média do país [de imigrantes], mas por superar a de todos os seus estados, com exceção de Rondônia e Roraima, além do Distrito Federal. É o índice que mostra Mato Grosso como centro de convergência de pessoas de todas as regiões do Brasil. O fato de o estado acolher migrantes tanto do norte quanto do sul do país, em diferentes momentos da sua história, ajuda a explicar os dados estatísticos que fazem dele uma esécie de centro geodésico no mapa das riquezas e mazelas brasileiras." (CASTOR, 2013, p. 86).

Embora não seja o foco de seu trabalho, Peter Burke (2003, p.17) parece louvar os resultados do encontro: "De



qualquer forma, acho convincente o argumento de que toda inovação é uma espécie de adaptação e que encontros culturais encorajam a criatividade". Nesse sentido, o sua teoria é útil para apontar a posição de Cuiabá como cidade de encontro tanto nos séculos XVIII e XIX, como na globalização dos séculos XX e XXI.

Para ele, "não há a intenção de apontar a troca cultural como simples enriquecimento, esquecendo que às vezes ela ocorre em detrimento de alguém". No entanto, ressalta-se a afirmação de que nenhuma cultura é uma ilha, e em um processo de globalização cada vez mais evidente, a ideia de surgimento de "novas sínteses" e "reconfiguração de culturas" parece ser a mais convincente.

Encarar o espaço como ferramenta de educação entra novamente em jogo ao transformar-se também em peça chave na solução, direcionando a visão do cidadão. "Halbwachs recorda um passeio solitário em Londres e observa que o modo como via um monumento ou uma ponte era influenciado pelo que havia dito um amigo historiador, outro amigo pintor ou mesmo a leitura de um romance", afirma Vasconcelos (2013, p. 13). Portanto, se a referida memória seletiva é também resultado de um aprendizado, o espaço como educador passa a desempenhar um papel chave de criar canaletas para esse processo.

O ato projetual é resultado dessa inferência. Estratos inferiores e recentes adquirem relevância na conformação da identidade cuiabana, já que fazem parte do processo que a compõe na atualidade. Admite-se que, no entanto, a desproporcionalidade conferida às partes tem uma forte capacidade de destruir toda a riqueza aqui apresentada, suprimindo ou tapando todo um estrato que faz parte do cerne identitário da cidade, sua singularidade. A ação dessa etapa do trabalho é um processo abrasivo e caute-los. Vestígios aparentemente desconexos são encarados como parte de um só quebra-cabeça.

Nesse contexto, os *lieux de mémoire* de Pierre Nora (1989) passam a ser o substrato da ação. São apontados por Nora⁸ como um resto, não de sentido negativo, mas como detentores do que se preservou da memória esfacelada: "lugares que remetem ao passado de uma maneira

8. "Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória." (NORA, 1981, p. 7).

9. "Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história." (NORA, 1993, p. 14)

particular, que dizem respeito à lembrança, veneração e comemoração de valores socialmente partilhados" (VASCONCELOS, p.18). Os lugares de memória representam de forma clara as peças desse quebra-cabeça, que compõem campo fértil para a ação da arquitetura diante da preservação cultural.

A crítica de Nora faz parte da ideia de que hoje, na sociedade contemporânea alinhada ao mass-media, vivemos uma eliminação da memória em detrimento da história⁹. A primeira, definidora, viva e dinâmica, dá sentido e forma; a segunda, por sua vez, coloca o passado como um lugar distante com a intenção de hierarquizá-lo e categorizá-lo. "A história cria uma identidade universal que precisa ser absorvida em contraposto às várias identidades fragmentadas, cada qual com sua memória específica" (ARÉVALO, 2004).

Assim, os lugares de memória são a possibilidade de acesso a uma memória reconstituída que seja capaz de conferir identidade, uma resposta à necessidade de identificação do indivíduo contemporâneo. Configuram-se como uma esperança de que o indivíduo fragmentado com o qual lidamos na sociedade contemporânea possa ser reunificado. O cuiabano, ao debruçar-se sobre este lugar de memória, pode se tornar cada vez mais cuiabano, já que a lembrança é melhor construída ao associar experiência e lugar:

"Nosso relacionamento com o ambiente construído, com os objetos no meio cotidiano, com edificações e lugares que tomam, envolvem e afetam o espaço de nossas vidas, deve, de algum modo importante, nos dizer algo mais que simplesmente as características físicas de onde estamos. Nós nos lembramos melhor quando associamos a experiência de um evento a um lugar". (HORNSTEIN, 2011, p. 2)

Nora (1989, p.19) afirma que os *lieux de mémoire* "são simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente disponíveis na experiência concreta sensível e suscetíveis da elaboração mais abstrata. Na verdade são lugares em três sentidos da palavra - material, simbólico e funcio-

nal". Por isso, os lugares de memória não compreendem apenas a paisagem física, mas conformam elementos diversos, como comemorações, saberes e práticas. Nesse sentido, um modo-de-fazer é também um lugar de memória¹⁰. E para Vasconcelos, "é precisamente nesse entrelaçamento dos aspectos materiais, simbólicos e funcionais dos *lieux de mémoire* que a questão da memória vai ao encontro de uma teoria da arquitetura" e, consequentemente, de sua relação com o patrimônio.

Burke (2003, p.32) aponta que o hibridismo cultural evidencia-se também na linguagem. O falar cuiabano, por esse entendimento, também apresenta-se como lugar de memória. Resultado de um contato estreito entre a paulistanidade caipira trazida no séc. XVIII (ela própria recheada com elementos do português arcaico) com as línguas indígenas locais, dialetos crioulos e variedades castelhanas¹¹ da fronteira, esse modo de falar encontrou, diante dos momentos de isolamento territorial da cidade em relação ao Brasil¹², tempo suficiente para fixar suas raízes.

Associando o contexto linguístico ao contexto histórico-geográfico, o falar cuiabano representa de forma clara diferença cultural entre a região da baixada cuiabana (municípios do sul do estado interligados pela rede fluvial Cuiabá-Paraguai) e o norte do estado (região da expansão agrícola e de povoamento essencialmente sulista). O rio é atuante na "dispersão isolada" do falar, evidenciado novamente como atuante nos estratos de memória.

A singularidade do falar cuiabano é caracterizada principalmente pelo aspecto fonológico envolvendo as consoantes [t] e [d], pronunciadas com as fricativas [tʃ] e [dʒ], como em "tchapa e cruz" e "larga de moadje"; bem como pelo aspecto morfossintático da concordância de gênero, como em "a criança tá torto" ou em "vou lá no mamãe"; e do fenômeno consonantal do rotacismo, que, mesmo não exclusivo, consiste na troca do [l] pelo [r], como em "praca" (COX, 2009)¹³.

A linguagem também não deixa de ser campo para embate identitário. Como afirma Cox (2009, p. 81), "a convivência entre os mato-grossenses de 'chapa e cruz' e os

10. Nora ainda afirma, em seu último tomo (As Franças): Lugar de memória, então, é toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em **elemento simbólico** do patrimônio memorial de uma **comunidade** qualquer. (NORA, 1997). Grifo próprio..

11. "Em relação às vogais, dois processos, ambos envolvendo as nasais, soam não familiares a quem vem de outras regiões do país. Em primeiro lugar, nota-se o timbre da vogal baixa central [a] em contexto de nasalização. Uma palavra como "Ana", que um paranaense, por exemplo, pronunciaria nasalizando e, concomitantemente, elevando a vogal, um cuiabano diria com uma nasalização mais tênue e sem elevação, à maneira do espanhol". (COX, 2009, p. 80).

12. É importante ressaltar a relatividade desse isolamento, referindo-se mais ao contato com a coroa portuguesa e o Brasil. O pujante contato fluvial com regiões da América Espanhola reflete-se na possibilidade de influência da língua espanhola no português, o hibridismo de Peter Burke.

13. "Não menos perceptível é o uso de 'no' (preposição em + artigo o) para designar 'na casa de': 'Fui no comadre' corresponde a 'Fui na casa da comadre'. Cuiabanos costumam explicar tal uso de "no" como reminiscência da expressão "no solar de", historicamente apagada/ reduzida" (COX, 2009, p. 80-81).

14. "Por uma conuência de fatores, o falar cuiabano está se encarregando de levar adiante uma deriva fonológica que se insinuara no latim vulgar, florescera no período de formação do português na Península Ibérica e navegara por mares e rios nunca dantes navegados, à margem do processo de gramatização e normatização jurídica da língua que tentara represá-la (...) Revigorado por um mamelequismo linguístico, o rotacismo nos encontros consonantais viça nas terras da Baixada Cuiabana, resistindo à conjunção de forças centrípetas que agem sobre ele para transformá-lo em /l/. Nos confins da América, o português segue cumprindo tendências que se insinuaram na aurora da língua. Que seja bem lembrado, o rotacismo do falar cuiabano não é sinal de ocaso do português! As línguas vivas não têm ocaso. Se variam e mudam na boca de aloglotas é porque estão vivas, muito vivas..." (COX, 2009, p. 87).

'paus- rodados' é marcada por embates culturais de toda ordem". Desde o característico processo migratório do século XX, o falar cuiabano tem sofrido mutações diante do novo cenário socio-cultural. Não raro, a expressão linguística e identitária do cuiabano tornou-se, nesse contexto, alvo de deboche:

"Os colonizadores que aqui aportaram nas últimas quatro décadas – oriundos principalmente das regiões sul e sudeste, que se representam e apresentam diante dos outros brasileiros como a parte esclarecida e desenvolvida da nação – tenderam a interpretar o mato- grossense nativo e suas diferenças culturais e linguísticas como má diferença, como defasagem, como falta, como atraso, como um momento já superado de sua própria história. Essa leitura justificava, assim, a boa intenção de promover o outro à maioria cultural. O ocidente é sempre bem intencionado! (...) A respeito desse traço, ainda em 1980, um dos informantes de Palma dizia: 'nós, de fora, devemos ajudar os cuiabanos a mudar todo esse jeito de falar, porque, por exemplo, eles usam ELE quando se referem a mulher... como se mulher fosse homem'." (COX, 2009, p. 83)

Diante das forças que atuam sobre o campo linguístico mato-grossense, o falar cuiabano tem sofrido grande transição, principalmente no que se refere à supressão do emprego do [ʃ] e [dʒ]. Mesmo diante dessa conjuntura, Cox também aponta resistências diante da contemporaneidade, como o fenômeno do rotacismo, demonstrando que a variedade das línguas é prova de que elas estão vivas.¹⁴

"O imigrante que chegar hoje a Cuiabá certamente não ouvirá muitos desses indicadores circulando pelas ruas da cidade e interagindo com as pessoas nas diversas esferas de atividades próprias dos espaços urbanos. Terá de se deslocar para as regiões ribeirinhas e conversar com pessoas mais velhas para reencontrar o presumido falar cuiabano autêntico." (COX, 2009, p. 82)

Ao lembrar o entendimento de Hornstein sobre arquitetura - um ambiente construído com materiais naturais,

manufaturados ou imaginados que demarcam o espaço
- Vasconcelos deixa clara a potencialidade que os lugares
de memória detém de mapear tanto o espaço físico, como
o mental e o emocional.

A comunidade São Gonçalo Beira-rio e seus tantos lugares
intrínsecos são portanto base para a intervenção no
imaginário urbano de Cuiabá. Entrelaçado nos espaços
físicos, objetos, músicas, danças e sotaques, este lugar de
memória se faz relevante em aspectos culturais, geográficos,
visuais, sociais e linguísticos, condicionando o rever
da lembrança e permitindo uma ampla exploração do
transver de Barros na arquitetura. Preservá-lo diante de
seus riscos iminentes consiste em alicerçá-lo para que ele
se faça presente e seja parte consistente da amálgama
urbana dos diversos tempos.

		ver
	<p>Numa perspectiva temporal, o Ver manuelino pode identificar-se com o presente. Ver também é algo além de simplesmente olhar. Indica um esforço de identificar, de enxergar, de forma que na atualidade se faça visível a temporalidade.</p> <p>—</p>	
	<p>Elementos que compõem os estratos memoriais cuiabanos estão por vezes presentes em diversas localidades da cidade atual. Lugar de memória por excelência, o local de estudo e intervenção escolhido é a Comunidade São Gonçalo Beira-rio. O bairro localiza-se no setor sul de Cuiabá, na margem esquerda do Rio Cuiabá, entre os córregos São Gonçalo e Lavrinha, a 11 quilômetros do centro da capital. As casas têm suas frentes voltadas para o rio e são de modo geral muito simples, construídas em alvenaria e em muitos dos casos sem o limite do terreno delimitado por muros, já que a relação familiar é muito próxima. Por entre os quintais estão mangueiras e cajueiros que compõem o verde da paisagem e fazem sombra para os jirau onde se modelam as peças de cerâmica.</p> <p>A escolha da comunidade está intimamente ligada à preciosidade memorial e cultural do espaço, que detém diver-</p>	

sos desses elementos compositivos da memória e a tornam importante paisagem representativa da cidade. Muito embora o centro histórico da cidade esteja distante, o bairro carrega antes de tudo um sentido simbólico, já que ali fora lavrada a ata de fundação do primeiro arraial que faria surgir Cuiabá.

Assim, a paisagem da comunidade carrega, desde a fundação da cidade, traços de uma amálgama que se expressa de maneiras diversas graças a uma mistura de raças, crenças e hábitos dos índios, dos negros cativos e dos europeus e paulistas. Como afirma Romancini (2005), a presença dos Coxiponé, em especial, ficou refletida, na fala, nos traços físicos dos moradores, nas rimas, na música, na dança, na cerâmica, na pesca, no uso de plantas medicinais, na benze-deira e na canoa feita de um tronco de árvore. Além disso, as manifestações apontam também para uma influência luso-indígena, paraguaia e boliviana, reflexo do intercâmbio cultural disseminado pelos veios fluviais. Não por acaso, a manga como um dos elementos símbolo de Cuiabá, permeada em praticamente todos os seus pomares urbanos, aponta e relembra a vocação de encontro da cidade. Exótica, a *Mangifera indica* foi trazida da Índia e inserida no Brasil colonial pelas mãos dos lusitanos.

A distância do centro da cidade foi de certo modo generosa no que diz respeito ao aspecto cultural da comunidade, preservando-a em relação aos avanços da urbanização. No contexto da expansão urbana da década de 70, a comunidade destacou-se pela manutenção de seus hábitos, e embora hoje já encontre-se completamente inscrita no perímetro urbano, ainda é um bairro pouco povoado. Por isso, para além do sentido simbólico, a comunidade configura-se como um dos principais núcleos de resistência da cultura local, tendo ainda preservados costumes, linguajar e manifestações culturais. São estratos da memória cuiabana. Dentre eles, inserem-se as festas religiosas a São Gonçalo, a pesca ribeirinha, as danças típicas do Cururu e Siriri, a culinária cuiabana e a produção ceramista e da vio-la-de-cocho, sendo os três últimos importantes exemplos do patrimônio imaterial cuiabano no que se refere aos seus modos-de-fazer.

I. viola-de-cocho

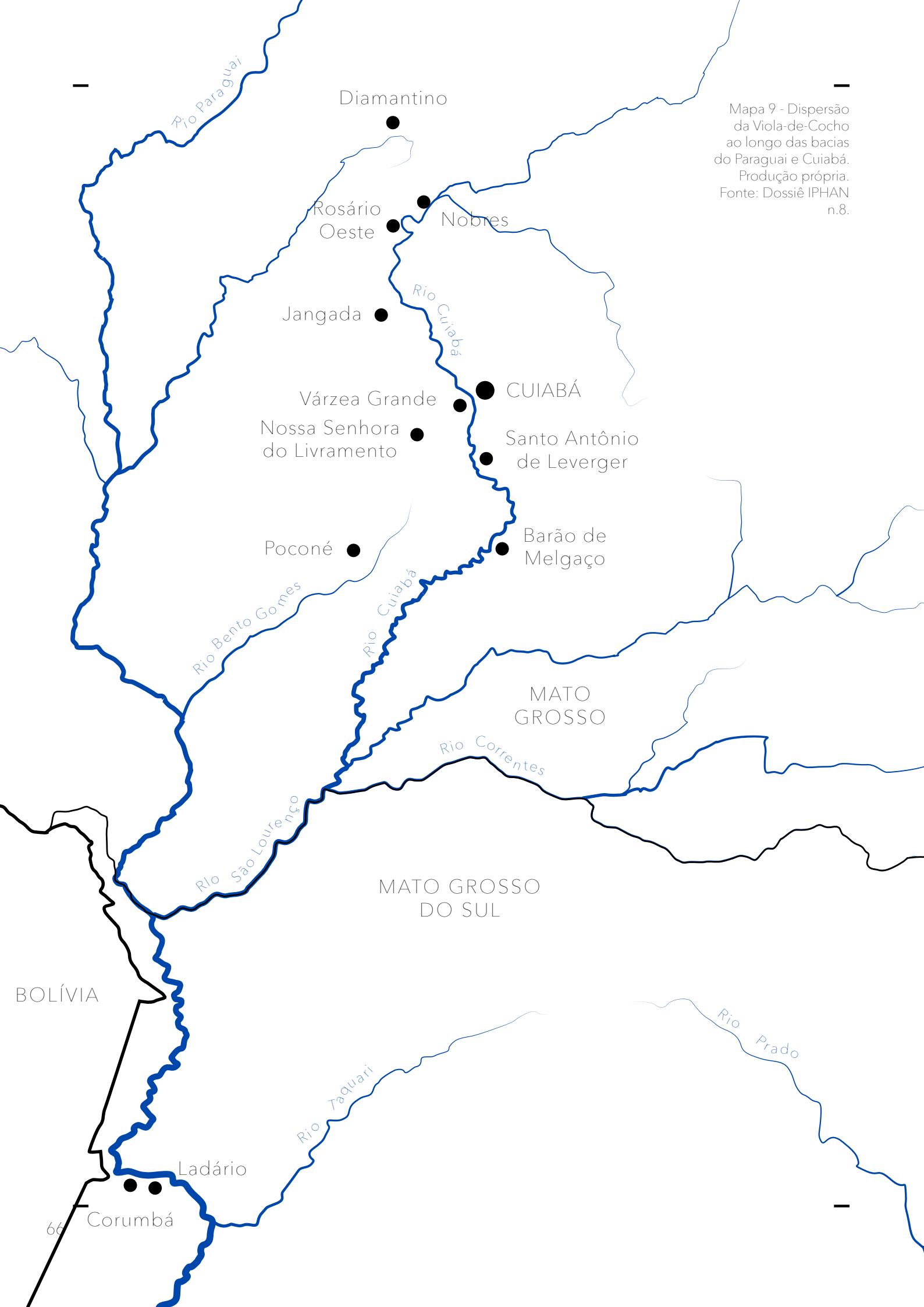
A viola-de-cocho é um instrumento musical exclusivamente artesanal produzido na bacia do Rio Paraguai, na baixada cuiabana e em cidades do entorno. Patrimônio dos habitantes do pantanal matogrossense e sul-mato-grossense, está registrada pelo IPHAN como patrimônio imaterial, inscrita no Livro do Registro dos Saberes em 14 de janeiro de 2005 a pedido de um grupo de pessoas de Corumbá (MS). Reconhecido como símbolo da identidade de Mato Grosso, o instrumento, junto do Cururu e do Siriri, faz parte da composição imagética do estado.

A situação que antecede o reconhecimento da viola-de-cocho envolveu diversos esforços de valorização, desde uma exposição realizada em 1988 no Rio de Janeiro pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular até os projetos de pesquisa e documentação etnográfica realizados pelo Projeto Viola-de-Cocco, em 2002. O conjunto de informações agregadas através desses esforços resultou num pleno reconhecimento do risco iminente de perda da Viola de Cocho, principalmente nas cidades de Corumbá e Ladário, onde os únicos detentores dos saberes encontravam-se em idade muito avançada.

Dentre os esforços já implementados pelo projeto antes mesmo do tombamento estavam a elaboração de um plano de manejo ambiental para garantir matéria-prima, a realização de oficinas de educação ambiental, de confecção e execução musical do instrumento para repasse da tradição, a elaboração de estratégia para a colocação da viola no mercado e a difusão do bem cultural por meio de cartões postais, publicações e uma nova exposição na Sala do Artista Popular, no Rio de Janeiro.

O dossiê de instrução, responsável por garantir a inscrição do modo de fazer da viola-de-cocho no livro dos saberes, foi finalizado de forma a produzir o Inventário Nacional de Referências Culturais do Modo de Fazer da Viola-de-Cocco. Esse inventário foi capaz de reunir diversas referências espalhadas ao longo das bacias do rio Cuiabá e Paraguai, evidenciando mais uma vez o forte marco da hidrografia na comunicação e disseminação da cultura, conformando

Mapa 9 - Dispersão da Viola-de-Cochão ao longo das bacias do Paraguai e Cuiabá.
Produção própria.
Fonte: Dossiê IPHAN
n.8.



um estrato memorial que se estende desde Diamantino (MT) até Corumbá (MS), passando por Nobres, Rosário Oeste, Jangada, Cuiabá, Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio do Leverger, Poconé e Barão de Melgaço.

A confecção da viola-de-cocho é feita através da direta escavação e entalhe de um tronco de madeira, da mesma forma com que se faz um cocho, recipiente onde se coloca o alimento para o gado, daí o seu nome. As madeiras mais utilizadas são a ximbuva, o sarã-de-leite, a mangueira, o cedro-rosa e o cajá-manga. Para colar as diversas partes, é comum o uso da batata-de-sumaré, ou até mesmo o grude, feito à base de bexiga natatória de piranha (IPHAN, 2009), demonstrando a presença do rio até mesmo na produção do instrumento.

Ademais, o tombamento da Viola de Cocho também evi-
dencia e confirma a hipótese de supressão das culturas
locais em função da globalização. "O atual processo de
reconhecimento da dimensão patrimonial dos saberes e
fazeres engendrados no modo de fazer da viola-de-cocho
passa a ser, dessa forma, um dos caminhos viáveis para o
reconhecimento social e da valorização de indivíduos e
grupos que vêm sendo regularmente colocados à margem
do processo histórico de construção da identidade e da
cultura brasileira" (IPHAN, 2009, p. 19)

Atrelado ao patrimônio da viola-de-cocho estão as suas expressões relacionadas de música e dança: o cururu e o siriri. "Nas festas católicas de Mato Grosso, por exemplo, especialmente as do ciclo joanino, há sempre uma roda de cururu ou de siriri, nas quais a viola-de-cocho aparece como o principal instrumento" (IPHAN, 2009, p. 24). O siriri é uma dança de pares cuja origem é atribuída às danças indígenas. O ritmo alegre e movimentado é obtido através de uma ou mais violas de cocho, do ganzá e do mocho. As duas coreografias básicas do siriri são a roda e a fileira. O cururu, por sua vez, é uma dança dos homens que, em roda, numa sala ou ao ar livre, cantam ao som de violas de cocho e ganzás, versos em homenagem ao santo festejado.

O fazer artesanal da viola de cocho, portanto, se alia a outros dois instrumentos que, segundo o IPHAN, compõem o com-

plexo musical-poético-coreográfico do cururu e do siriri. São o ganzá, espécie de reco-reco que produz um som a partir da fricção; e o mocho (ou tamborim), um pequeno tambor apoiado em pés de madeira, responsável por conferir o ritmo aos dançarinos do siriri.

Na comunidade São Gonçalo Beira Rio, o senhor Euclides Maia da Silva era a principal figura detentora do modo de fazer da viola de chocho. Antes de falecer, trabalhou junto de seu neto produzindo violas para tocar e também peças em menor tamanho com valor decorativo. Houve na época um incentivo dos moradores da comunidade para que o neto de seu Euclides continuasse com a produção, no entanto o trabalho foi abandonado quando o jovem decidiu trabalhar com peixarias, atividade que no momento, devido ao aumento de fluxo turístico, apresenta-se com maior possibilidade de retorno financeiro.

Hoje, a maior resistência cultural presente na comunidade é a Associação Cultural Flor Ribeirinha, grupo de dança fundado em 1996 através dos esforços de Dona Domingas Leonor, personagem ilustre da comunidade e da cidade de Cuiabá graças ao seu papel na luta pela valorização da cultura local. Em uma conversa realizada numa manhã de sábado, dia 15 de outubro de 2016, Domingas contou que à época da fundação do grupo, o siriri e o cururu encontravam-se em um estado calamitoso de esquecimento.

O grupo Nova Esperança, fundado dezesseis anos antes, encontrava-se enfraquecido graças a idade avançada dos participantes e interrompeu suas atividades. Nesse contexto, o amor por suas raízes fez com que ela reunisse forças para montar uma associação cultural que encabeçasse a preservação da dança e da música, reunindo os filhos e netos de integrantes do antigo grupo.

Vinte e três anos depois, o Flor Ribeirinha encontra-se sólido. As crianças tornaram-se jovens dançarinos, grandes responsáveis por disseminar o cururu e o siriri na capital e no estado. Desde sua criação, o grupo participa de todos os festivais de siriri de Mato Grosso e apresenta-se em diversos eventos nacionais.

15. O local onde reune-se o grupo Flor Ribeirinha, quintal das casas da família de Dona Domingas, é conhecido como Quintal.

Ao encontrá-la na manhã de sábado, Domingas ainda apresentava os resquícios do jet-lag causado pelo retorno da viagem à Coreia do Sul, na semana que precedeu a conversa. O grupo havia recém retornado do Festival Mundial de Danças de Cheonan, onde representou o Brasil e trouxe para casa o troféu de prata, ao finalizar em segundo colocado numa competição internacional.

O primeiro lugar foi ocupado pela Companhia Folclórica Nacional da Turquia, no entanto, para Domingas, ganhar o troféu de prata foi pra ela o mesmo que ganhar um ouro. "Estamos exalando alegria por levar para Mato Grosso este grandioso resultado. Esta sem dúvida, é a maior experiência artística e profissional que já vivemos. Estamos fazendo história", afirmou em entrevista ao jornal Folha do Estado.

Na última década, o grupo tem tido seu trabalho cada vez mais reconhecido. Representaram o folclore matogrossense em eventos nacionais no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, no Ceará, em Minas Gerais e em Santa Catarina, além de festivais internacionais na França em 2014 e na Itália em 2015, culminando na sua maior conquista, em outubro de 2016, na Coréia do Sul. O orgulho de Dona Domingas é capaz de demonstrar o valor que o prêmio adquiriu diante do grupo e da comunidade: "Somos de Mato Grosso, e estamos representando o Brasil neste evento internacional de grande porte. E isso só foi possível porque tivemos o apoio de pessoas que acreditam em nosso trabalho".

O ciclo de luta pela resistência cultural do siriri e do cururu se repete em 2014, com a criação do Semente Ribeirinha, dedicado à adesão de crianças. Hoje o grupo já apresenta mais de 50 crianças inscritas, e tem o intuito de continuar a disseminação da dança e da música através da nova geração. Diante do relato de Domingas, é fácil perceber que a iniciativa social tem chegado aos resultados esperados. Ela conta que as crianças adoram ir ao Quintal¹⁵ e esperam ansiosamente pelos fins de semana de ensaio, trocando facilmente uma tarde no shopping pelo contato com "Vovó Domingas", como é chamada.

No entanto, a vida e a força adquirida pelo grupo ao longo de duas décadas de existência não se refletem na estru-



Apresentação de siriri em Cuiabá. Fonte: me-neguini.files.wordpress.com

Cururueiros e Vio-
las-de-Cacho em
Cuiabá. Fonte: IPHAN



tura e nos espaços físicos dos quais dispõe para os ensaios, apresentações e administração das atividades. O Quintal Siriri Cururu, que compreende basicamente o quintal das casas de Dona Domingas e seus familiares, conta apenas com uma quadra descoberta onde acontecem os ensaios e poucas salas usadas para administração e depósito das vestimentas e adereços. Ademais, são improvisados espaços para troca de vestimentas valendo-se dos próprios cômodos das casas. A falta de interesse do poder público é apontada por Domingas como o principal motivo do descompasse entre a estrutura física do Flor Ribeirinha e suas grandes conquistas. Os resultados adquiridos até hoje, segundo ela, são principalmente frutos do esforço do grupo.

Domingas não só lutou pela dança, mas também desempenhou um papel crucial na luta contra o abandono da comunidade diante dos órgãos públicos. Conta que a energia elétrica e a água encanada só chegaram em meados da década de 1970, e o asfalto apenas em 1990. A ponte sobre o córrego São Gonçalo, crucial para o acesso à comunidade, era até a década de 1990 uma pinguela de madeira. A atual ponte de concreto só foi construída após um episódio em que, cansada de solicitar ajuda da prefeitura, Dona Domingas ateou fogo na pinguela e convidou uma emissora de televisão local para evidenciar a situação de isolamento da comunidade, chamando a atenção do poder público. É portanto uma grande personificação das transformações sofridas pela comunidade, não só no âmbito da dança, mas nas suas demais características socioculturais.

II. cerâmica

A existência de elementos imprescindíveis para a produção ceramista, a água, o barro e a lenha, configuram o campo fértil para o desenvolvimento da atividade no local. Além dos aspectos físicos, a presença indígena representa o ingrediente de matriz humana que configura um acúmulo de saberes transmitidos ao longo do tempo até os dias atuais. Portanto, o saber-fazer ceramista se faz presente não apenas nas habilidades manuais, mas em um conjunto de saberes herdados: o conhecimento do barro, a escolha das melhores

16. Verificar relato de Dona Domingas referente ao entusiasmo das crianças integrantes do Sementinha, em trecho da conversa com Domingas transcrita na página 110.

camadas, a preparação da massa, o uso da lenha adequada, a queima e as técnicas de colocação das peças no forno.

Inicialmente, a produção era voltada para suprir as necessidades cotidianas das famílias, no transporte e armazenamento de bebidas e alimentos. Segundo Romancini (2005), a produção excedente desses utensílios adquiriu valor de troca, fazendo-se presente em diferentes localidades da cidade e tornando-se fonte de renda para as famílias locais.

A característica familiar é marcante nas relações da comunidade. Enquanto o homem dedica-se principalmente a atividades de pesca, o saber ceramista está intimamente ligado à figura da mulher, que desde criança tem a vida social marcada pelo envolvimento nas atividades econômicas da produção de peças.

A produção tem característica individual, cada ceramista possui um forno em sua própria residência. Com temática livre, as peças podem ter valor decorativo (codornas, peixes, canoas, santos) ou de utensílio doméstico (cestas, moringas, bandejas), e sempre acompanham uma assinatura da artesã.

Diferente do siriri, a cerâmica não percorreu o mesmo caminho de sorte. Assim como Dona Domingas, uma série de outras ceramistas abandonaram a prática ceramista, reduzindo consideravelmente a produção na última década. O ambiente fértil para a desestruturação da frágil estrutura de produção ceramista alinha-se ao processo de crescimento e globalização da cidade de Cuiabá.

Um motivo de ordem básica, apontado pelos próprios moradores, é a dificuldade e o perigo que envolvem a busca do barro¹⁶. A matéria prima encontra-se a cerca de 600 metros rio abaixo em um local conhecido como *Barranqueira*, e o trajeto deve ser percorrido de canoa. Normalmente, a tarefa é desempenhada pelos homens da família, no entanto, o peso do barro, ao retornar, faz com que parte considerável da canoa fique submersa, deixando o topo muito próximo da superfície do rio. Tal suscetibilidade torna a atividade muito perigosa, uma vez que a presença de embarcações motorizadas produzem ondas capazes de virar a canoa.

Além disso, o processo de regularização desencadeado pela urbanização afetou diretamente o acesso à lenha, matéria prima indispensável para a queima das peças. A obrigatoriedade da manutenção da vegetação ciliar estabelecida pelo código florestal e o incentivo à recuperação e preservação da vegetação em Zonas de Interesse Ambiental I, determinado pelo artigo 27 da Lei de Uso, Ocupação e Urbanização do Solo passaram a impedir que a população utilize, mesmo que sustentavelmente, a disponibilidade local de lenha. Em entrevista no Quintal, Erivelton, filho de Domingas, afirma que esse fator também foi determinante para a diminuição da produção¹⁷.

No entanto, a incidência mais agressiva dos processos de modernização da cidade tem a ver com a fragilidade do longo ciclo de produção ceramista frente à velocidade de circulação do capital contemporâneo. Até a venda de uma peça, há de se passar pelo seu processo de produção, que envolve a escolha do barro, a modelagem, o detalhamento, a secagem e a queima. Considerando a quantidade de peças, esse processo pode levar até mesmo um mês para chegar ao retorno financeiro. A fragilidade, nesse caso, é resultado principalmente do desinteresse das novas gerações em aprender e levar o saber adiante, desencadeado principalmente pelo desestímulo financeiro que desestrutura características tradicionais de dependência mútua da comunidade.

Do outro lado, há uma oferta de empregos com retorno financeiro mais estável e sincronizado ao ciclo contemporâneo. Mesmo que não haja o abandono, segundo Erivelton, é comum os jovens complementarem a renda trabalhando fora do bairro, em estabelecimentos comerciais pertencentes à cidade contemporânea, como o setor hoteleiro. Na visita ao Quintal de Domingas era possível observar os uniformes de trabalho estendidos em varais junto das vestimentas de apresentação do siriri e em meio a resquícios de um forno destruído pela chuva, imagem capaz de ilustrar com clareza esse processo.

Iniciativas com intenção de salvaguardar a cerâmica, ainda que pontuais, já se fazem presente. A principal delas, a criação do Centro Sócio-Cultural São Gonçalo Beira-rio

18. Verificar relato de Dona Alice, transscrito na página 124.

(Antônio Lopes Pereira), compreende uma simples casa de alvenaria que basicamente reúne o trabalho das ceramistas para exposição e venda das peças, inaugurado em janeiro de 2004. Segundo Domingas, a criação do centro cultural foi uma das primeiras iniciativas que trouxeram visibilidade à comunidade. Gerido pelas próprias ceramistas, a principal atividade do espaço é a exposição e revenda das peças. Trabalhando de forma alternada, cada dia a abertura, supervisão e fechamento do centro é responsabilidade de uma ceramista em específico, conformando uma espécie de cooperativismo. Além disso, o espaço conta com um forno elétrico, que pode ser utilizado mediante pagamento da energia elétrica. A forma de manutenção do centro baseia-se no direcionamento de 20% do valor das peças para um fundo próprio, deixando 80% do valor para a ceramista que tiver interesse em expor e revender o trabalho.

Apesar do marco inicial, o fôlego do Centro Sócio-Cultural não manteve força e crescimento, e o enfraquecimento da cerâmica reflete-se na redução do número de ceramistas que fazem uso do espaço. Domingas afirma que por vontade própria não tem interesse em utilizar o espaço, já que não concorda com a forma que é gerido. A situação mostra que a dimensão adquirida pela cerâmica configura novas e diferentes formas de relação dentro da comunidade, mas ainda que problemáticas, apontam acima de tudo para uma preocupação e para uma tentativa em comum dos próprios moradores de salvaguardar o bem cultural.

Dona Alice Conceição de Almeida, ceramista ainda em atividade, conta que tem muito orgulho do trabalho que faz, no entanto não deixa de afirmar que o saber está claramente se perdendo. Sua grande vontade é poder reverter a situação através de oficinas, que já são oferecidas de forma espontânea conforme a solicitação de interessados¹⁸. A discreta iniciativa aponta mais uma vez para a preocupação dos moradores em encontrar alternativas para a situação.

III. peixe

Outra atividade que intensificou a representatividade de São Gonçalo foi a culinária, como consequência da prática



▲
Ceramistas modelando peças em São Gonçalo Beira-rio. Fonte: G1 Mato Grosso

Pesca tradicional no
Rio Cuiabá. Fonte:
Portal Mato Grosso

▼



pesqueira ribeirinha. A água e a oferta de peixe são neste caso os elementos que compuseram solo fértil para a comunidade primeiramente basear sua alimentação de forma subsistente, até então tornarem-se uma característica econômica.

19. Lei sancionada em MT institui a Rota do Peixe do Vale do Rio Cuiabá. G1 Mato Grosso, 2016.

No entanto, a culinária como elemento característico destacou-se muito mais tarde. A conexão gradual da comunidade com o centro da cidade e a consequente facilitação do acesso, junto da visibilidade já conferida pela cerâmica e pela dança, abriu portas para que a população explorasse o potencial econômico da gastronomia cuiabana.

À época da inauguração do Centro Sócio-Cultural Antonio Lopes, em 2005, a quantidade de peixarias ao longo da rua Antônio Dorilêo era muito pequena, a perceber na fala de Romancini, que chama atenção para a presença de um único restaurante turístico, e de onde se conclui que já em 2005 a importância da culinária ainda era representada apenas por uma peixaria:

"Trata-se de um espaço adequado para a produção, exposição e comercialização do artesanato produzido pela comunidade, contendo ainda um restaurante regional turístico, que tem por objetivo a inclusão social ao promover a geração de emprego e renda para pessoas da comunidade" (ROMANCINI, 2005, p.87)

Na última década, o número de peixarias em São Gonçalo e redondezas aumentou consideravelmente, desencadeando um impulso no processo de turismo local da cidade. Os almoços de fim de semana tornaram-se cada vez mais comuns, configurando a comunidade também como um polo gastronômico e tornando-se nova fonte de renda da população.

Esse processo culminou, no último ano, com uma lei que instituiu a Rota do Peixe do Vale do Rio Cuiabá, com a intenção de "fomentar o turismo na região, dar mais qualidade de vida à população ribeirinha, melhorando a produção artesanal e industrial da cadeia do peixe"¹⁹. A Rota do Peixe compreende não só São Gonçalo, mas outras comunidades ribeirinhas da região metropolitana e arredores.

É bem verdade que a população beneficiou-se do fomento de uma nova alternativa econômica. A realidade por trás da iniciativa, no entanto, se mostra adversa em vários pontos. Hoje, uma parcela considerável de peixarias são administradas por pessoas de fora da comunidade, que encontraram ali oportunidade de negócio. Assim, a essência da culinária local é por vezes contestável.

Além disso, o movimento intensificado aos finais de semana provocou um enorme fluxo de veículos. O interesse em utilizar parte dos amplos quintais das casas como estacionamento vem agora não só interferindo drasticamente na paisagem, mas também desencadeando possibilidades de arrendamento das terras e mudanças dos moradores locais. A investida do governo se mostra superficial, sistematizando locais específicos em um enquadramento generalizado de viés essencialmente turístico, e de um turismo de massa que visa tornar o local conhecido através de marketing.

De qualquer forma, a potencialidade do peixe para a comunidade é certamente um de seus maiores bens e não poderia deixar de ser citada como parte de seu patrimônio intrínseco. É, sem dúvidas, um valioso estrato da memória, que remete às tradições indígenas e se entrelaça aos demais elementos da comunidade.

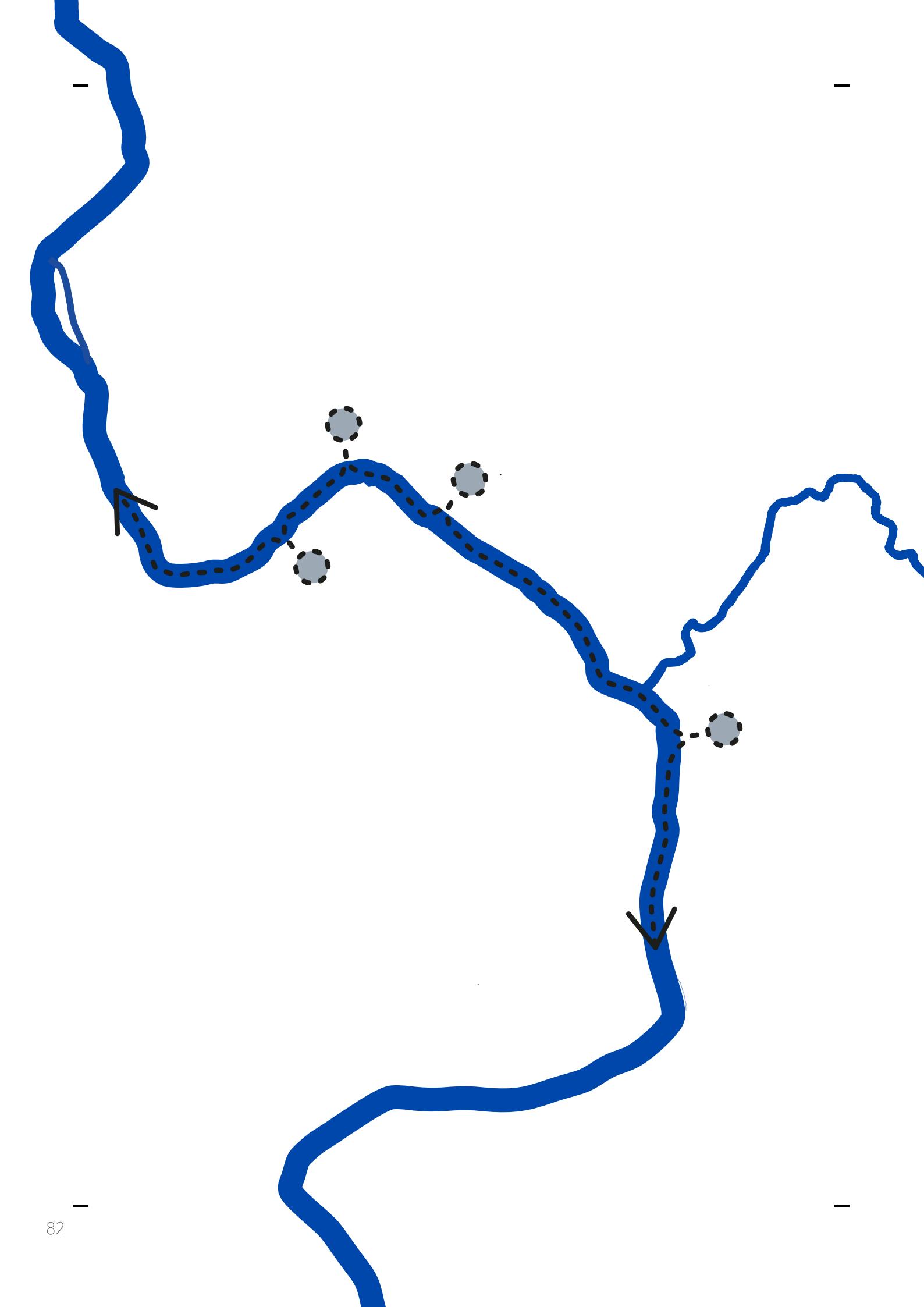
transver

A prefixo trans- é um morfema que ilustra de forma significativa a relação de Manoel de Barros com a poesia e o mundo. Atrela-se a uma característica da poesia manuelina capaz de transformar o olhar, torná-lo apto a ver as pequenas coisas. Do latim *trans*, significa além, através. O Transver de Barros aqui enquadra-se no projeto, num ver além da condição urbana atual, ver através do prisma apresentado, que possibilite novos olhares.

O eixo norteador do projeto baseia-se na ideia de que as mais diversas manifestações culturais da comunidade fazem parte de um todo. No entanto, dentre elas, a prática ceramista é a que demonstrou estar em condição de maior fragilidade frente à expansão da cidade contemporânea, tornando-se o foco de intervenção. Por meio dela, há a intenção de exaltar a identidade cultural cuiabana como um todo, partindo de três premissas:

Primeiro, propor um vetor de atenção da cidade em direção ao rio e um ponto de visualização da cidade a partir do rio;

Segundo, posicionar a intervenção na água e colocá-la em



movimento, quebrando a possibilidade de cristalização da comunidade como local isolado e parado no tempo,

E terceiro, a partir do movimento, rememorar no projeto a condição de pouso, circulação e encontro cultural da cidade.

Assim, chega-se à proposta de uma escola ceramista itinerante, o **flutuante-escola**. Não estando fixada à terra e colo- cando-se em movimento na cidade através do rio, a escola mantém-se vinculada à comunidade, mas exalta a produção ceramista em toda a extensão urbana do rio.

O programa arquitetônico proposto leva em consideração a circulação do flutuante-escola pelo rio e sua possibilidade de fixação em diferentes pontos da cidade. Assim, a proposta de intervenção divide-se programaticamente entre **água** e **terra**, sendo o primeiro correspondente ao flutuante-escola propriamente dito, e o segundo referindo-se às necessidades básicas dos pontos de paragem para o flutuante-escola.

O flutuante-escola é composto por uma estrutura modular de madeira e apresenta dois pavimentos. O pavimento térreo é dedicado a uma área livre para modelagem, com mesa, assentos, e uma escada de acesso ao pavimento superior. Acima, dois volumes compõem espaços fechados dedicados a um depósito de materiais e a atividades que envolvam o uso de torno elétrico, protegendo-os de chuva. O pavimento superior também permite visualização ampla da paisagem urbana.

A configuração modular dos flutuantes permite que eles sejam agrupados de diversas formas e conformem diferentes espaços, concedendo flexibilidade do programa no que se refere à capacidade de usuários.

Para o caso específico da comunidade há a intenção de adotar as diferenças de cota mínima e máxima do nível da água, correspondentes aos períodos semestrais de cheia e seca, como partido para o projeto, bem como de valer-se da península do encontro entre córrego e rio como ponto estratégico de visualidade da cidade e de entrada da comunidade.

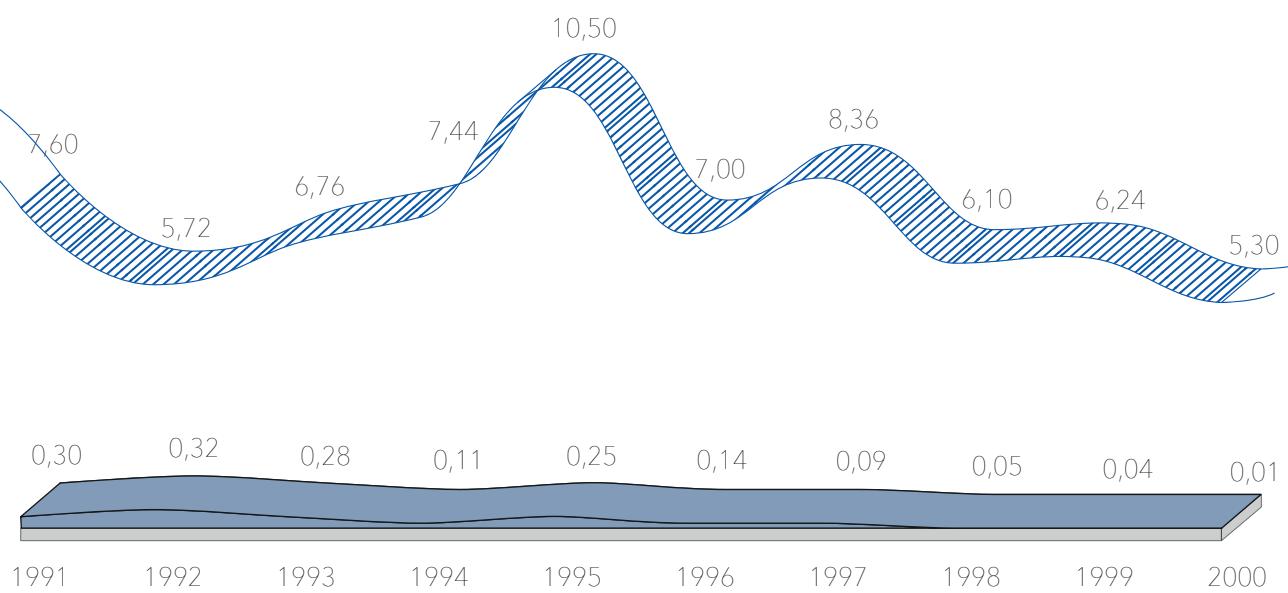
Uma passarela articulada flutuante desempenha a função de conexão do flutuante com a terra, com patamares móveis estruturados em pilares centrais, que permitem a movimentação conforme a elevação do nível da água.

O pier de paragem conta com uma proposta básica de necessidades para as possíveis paragens do flutuante-escola ao longo da cidade, que possam ser adaptados às especificidades e características espaciais referentes a cada local. Para a comunidade em específico, propõe-se uma área de acesso à embarcação, uma sala de administração, depósito, sanitários, espaço para queima da cerâmica e uma área de exposição e comercialização de peças.

Os fornos para queima das peças de cerâmica posicionam-se em terra, com abrigos individuais por entre a vegetação local, aludindo à configuração original dos fornos nos fundos das casas. A queima fora do flutuante-escola não só tem a função de vincular a intervenção à comunidade, como carrega em si o símbolo de ligação do barro com a terra.

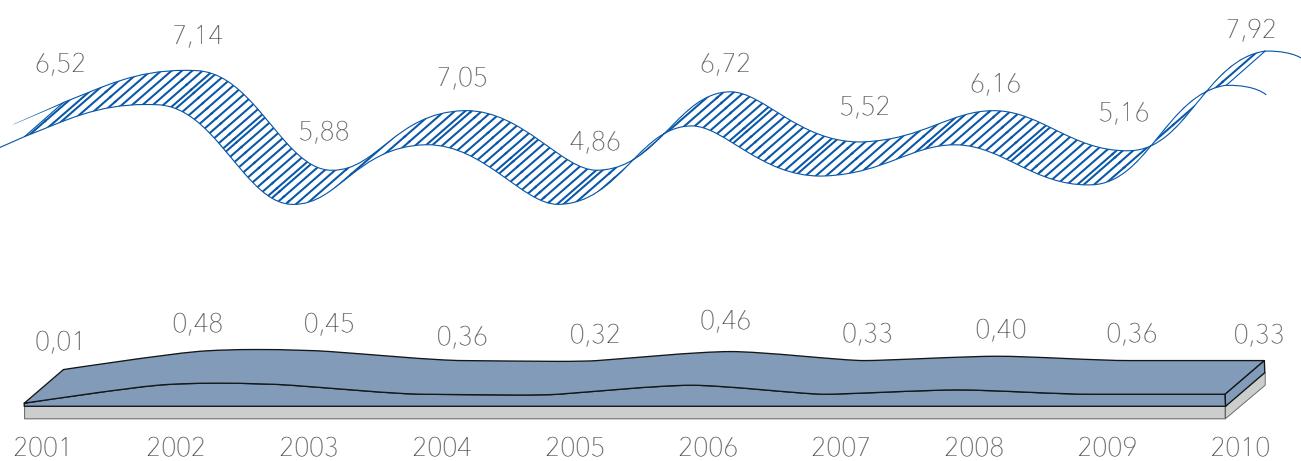
O flutuante-escola não movimenta-se sozinho, mas precisa ser rebocado por uma embarcação para que mude de lugar. O funcionamento das atividades acontece nos diferentes pontos em que o flutuante-escola pode ser levado e conectado à terra, ficando então apto para uso.

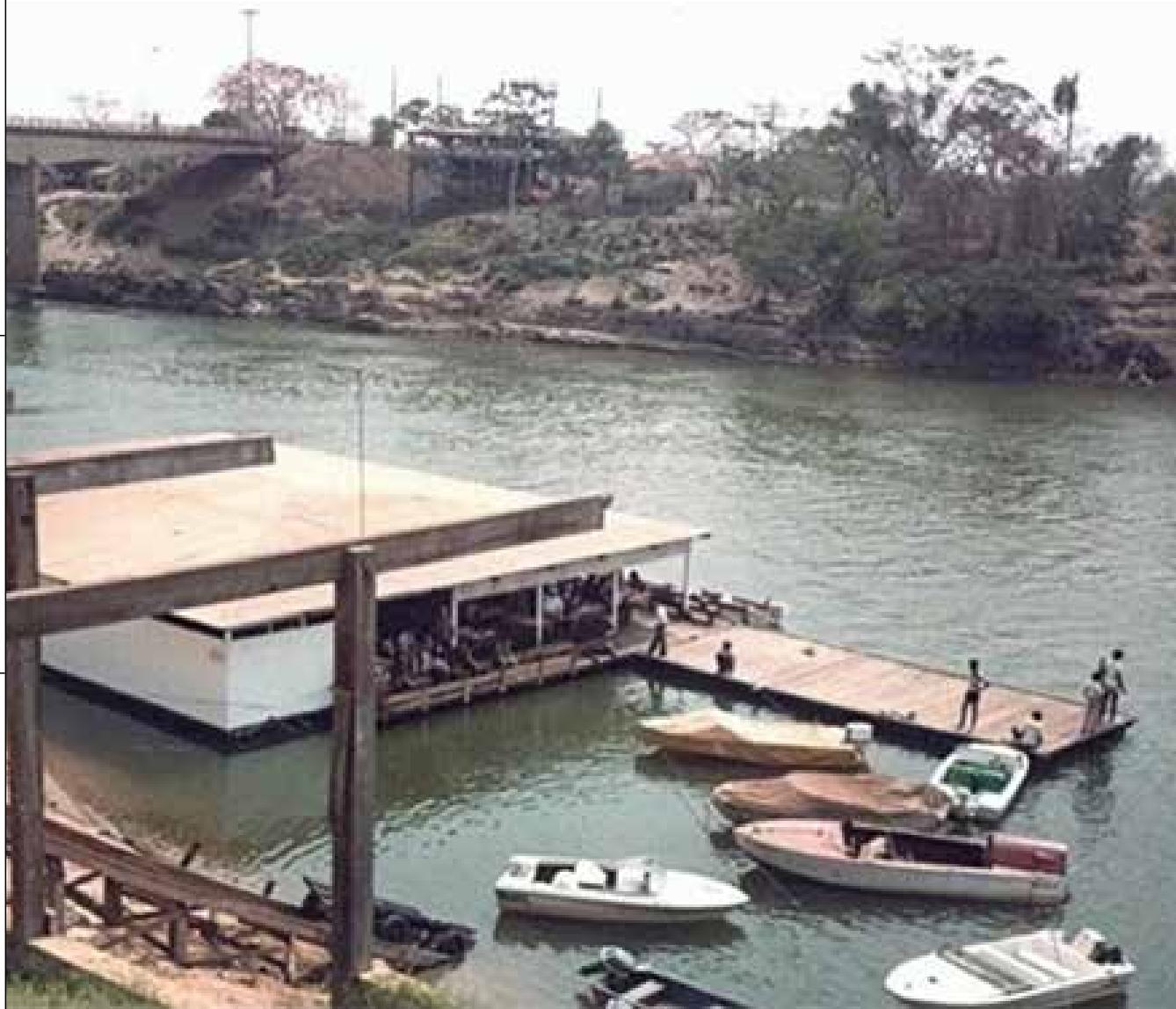
A ideia de propor uma arquitetura flutuante em si também bebe da fonte memorial da cidade, correlacionando-se primeiro com os restaurantes flutuantes que já foram grandes pontos de lazer aquático e que ainda resistem até hoje, e segundo, com a barca pêndula que realizava a travessia de pessoas, mercadorias e animais entre Cuiabá e o atual município de Várzea Grande, na outra margem do rio.



▲
Gráfico de cotas máximas e mínimas do Rio Cuiabá para a década de 1990. Produção própria. Fonte: Perfil Socioeconômico de Cuiabá, Vol. 5, SMDU/Prefeitura de Cuiabá.

▼
Gráfico de cotas máximas e mínimas do Rio Cuiabá para a década de 2000. Produção própria. Fonte: Perfil Socioeconômico de Cuiabá, Vol. 5, SMDU/Prefeitura de Cuiabá.





▲
Restaurante flutuante em
atividade próximo à ponte
nova, em 1982, com intensa
atividade de lazer. Fonte:
mestreaquiles.blogspot.com.br

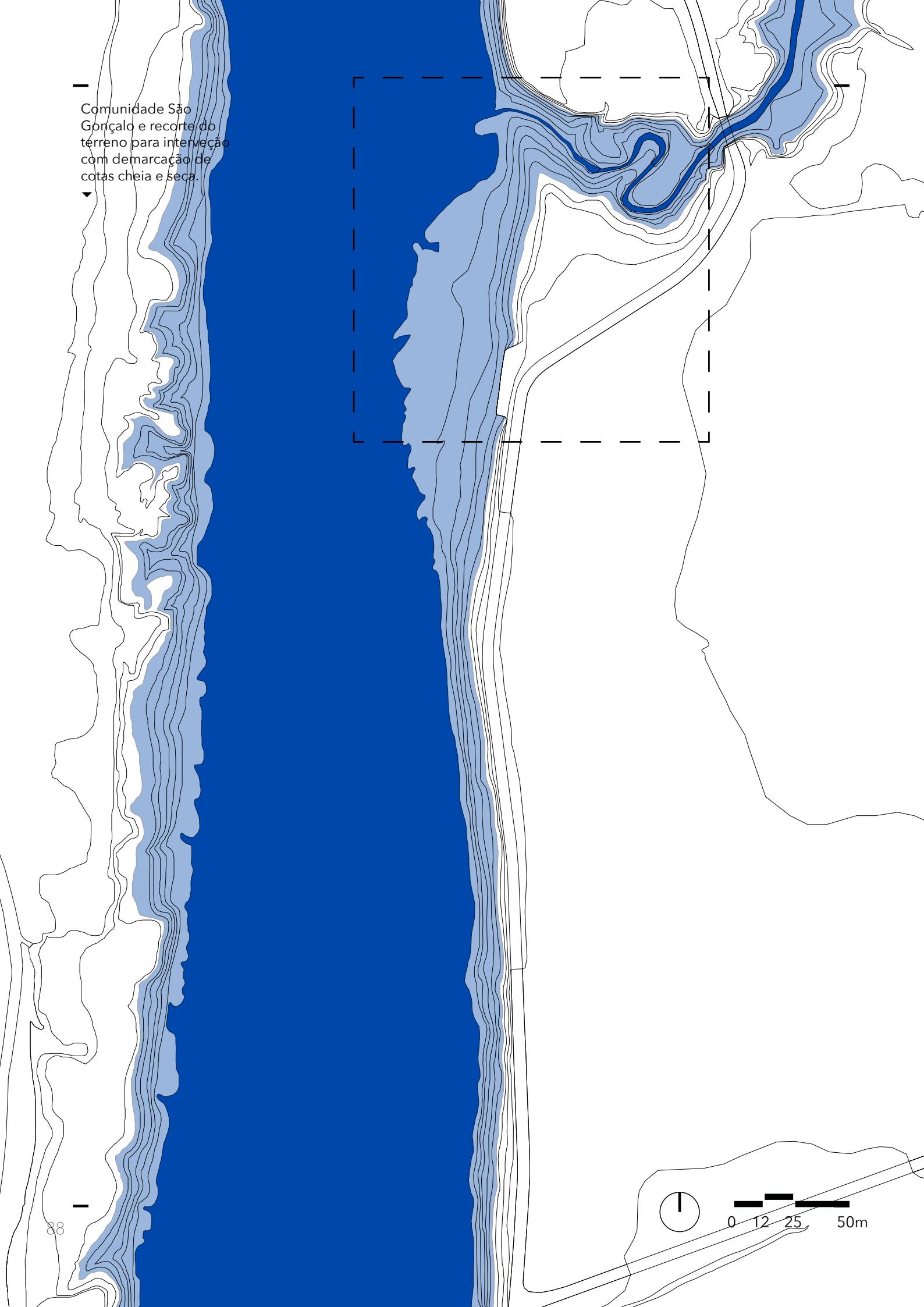
Barca pêndula em
atividade realizando a
travessia do rio. Fonte:
historiografiamatrosense.blogspot.com

▼



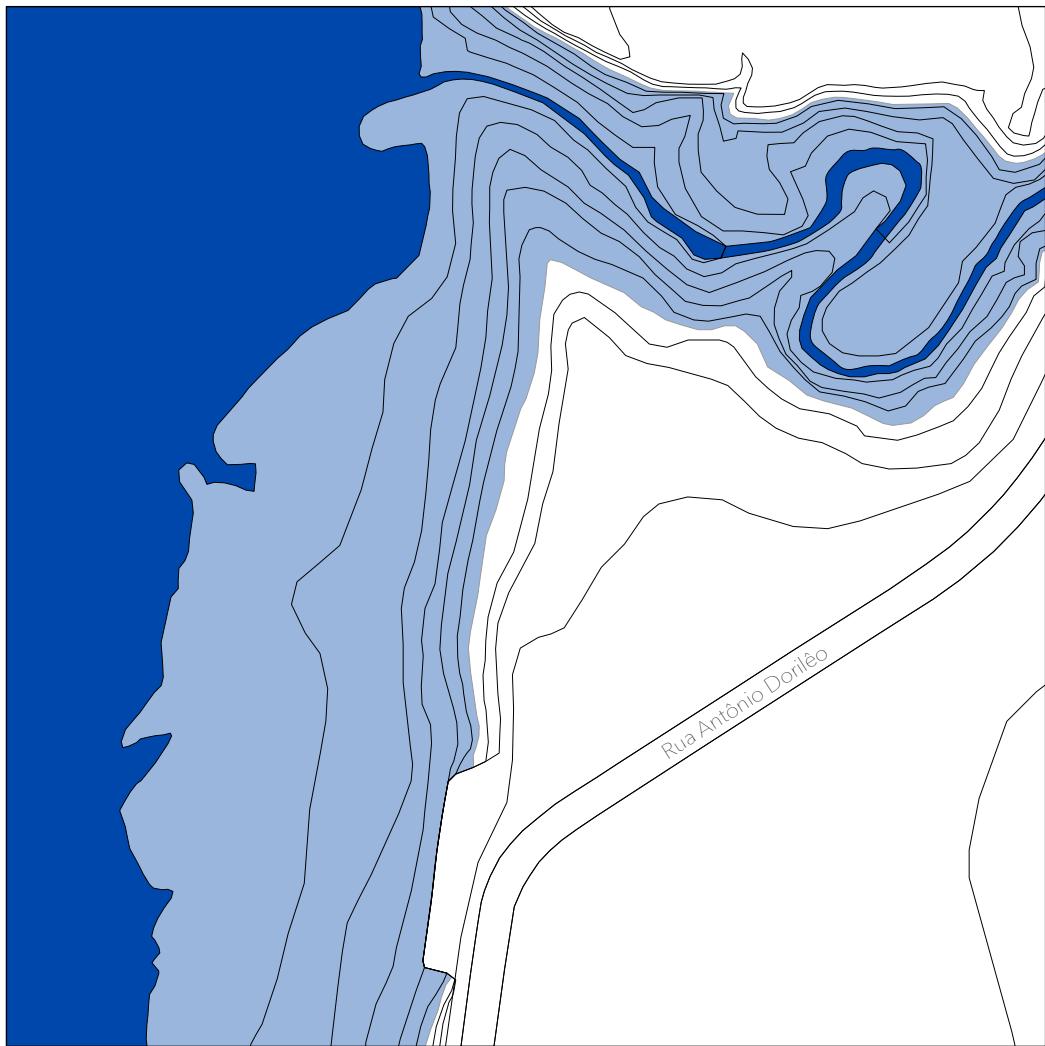
II Cuyabá, A Barca Pêndula sobre o Rio Cuyabá

Comunidade São
Gonçalo e recorte do
terreno para intervenção
com demarcação de
cotas cheia e seca.





0 12 25 50m

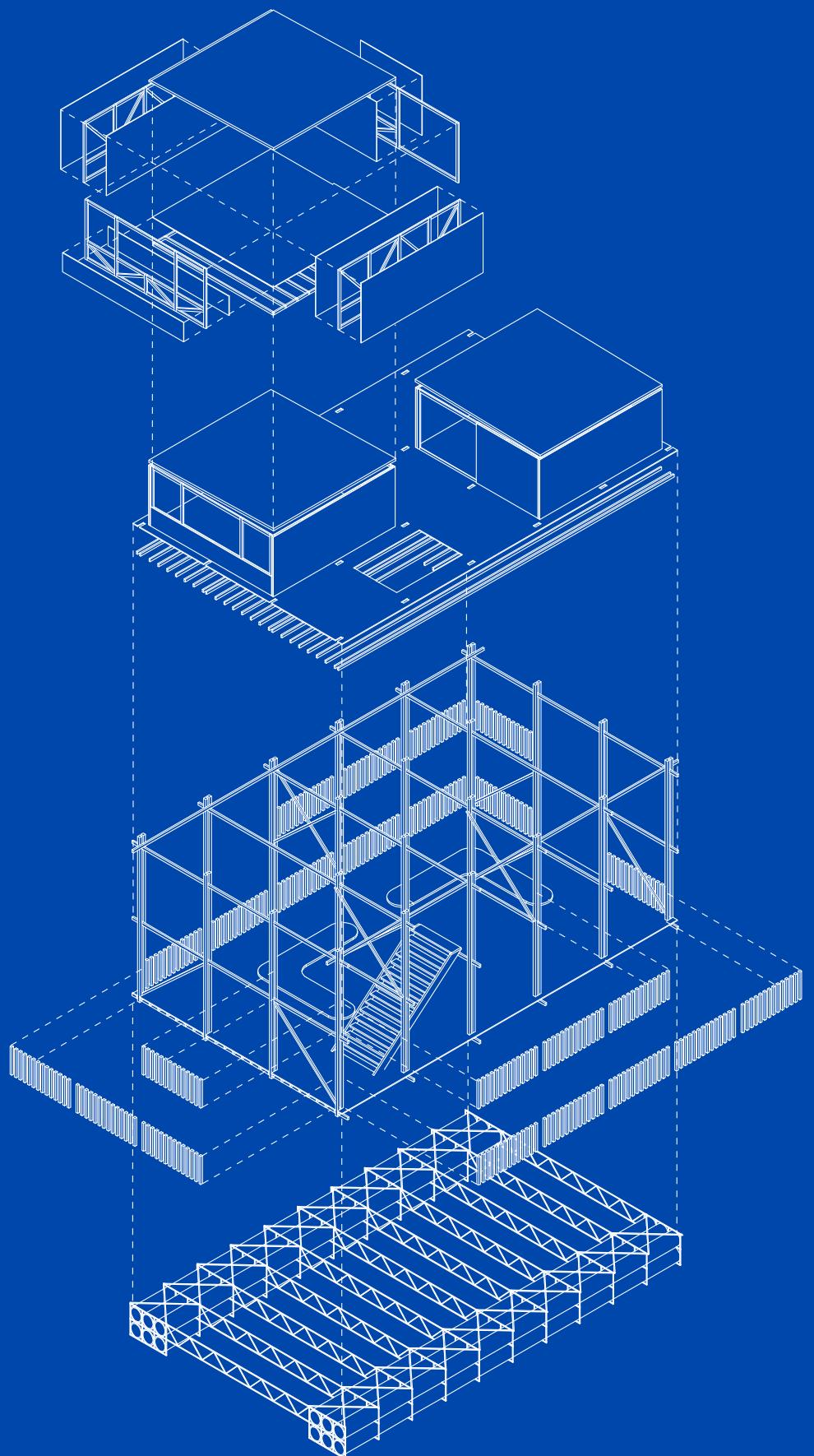


▲
Base para maquete do recorte específico para intervenção projetual, correspondendo à região de entrada para a principal via da comunidade. Produção própria.

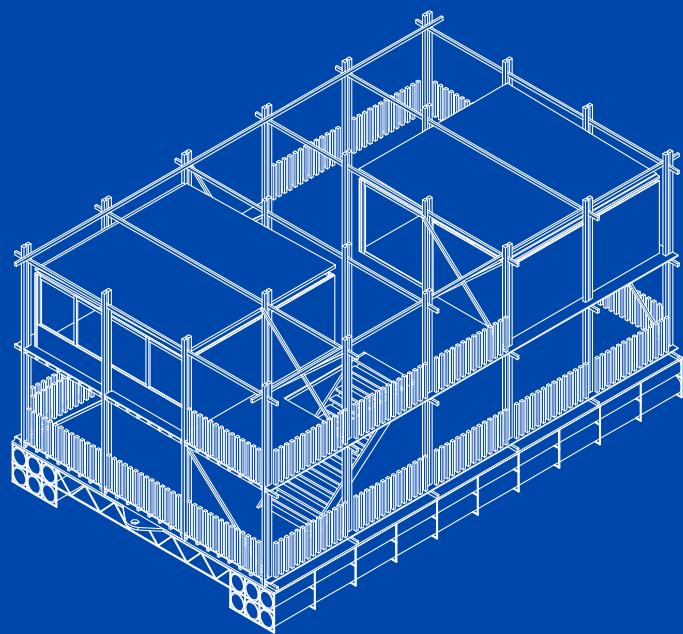
Imagen de satélite do recorte específico para intervenção projetual, entrada para comunidade e península de encontro entre o córrego São Gonçalo e o Rio Cuiabá, com eixo visual para a cidade. Fonte: Google, 2017

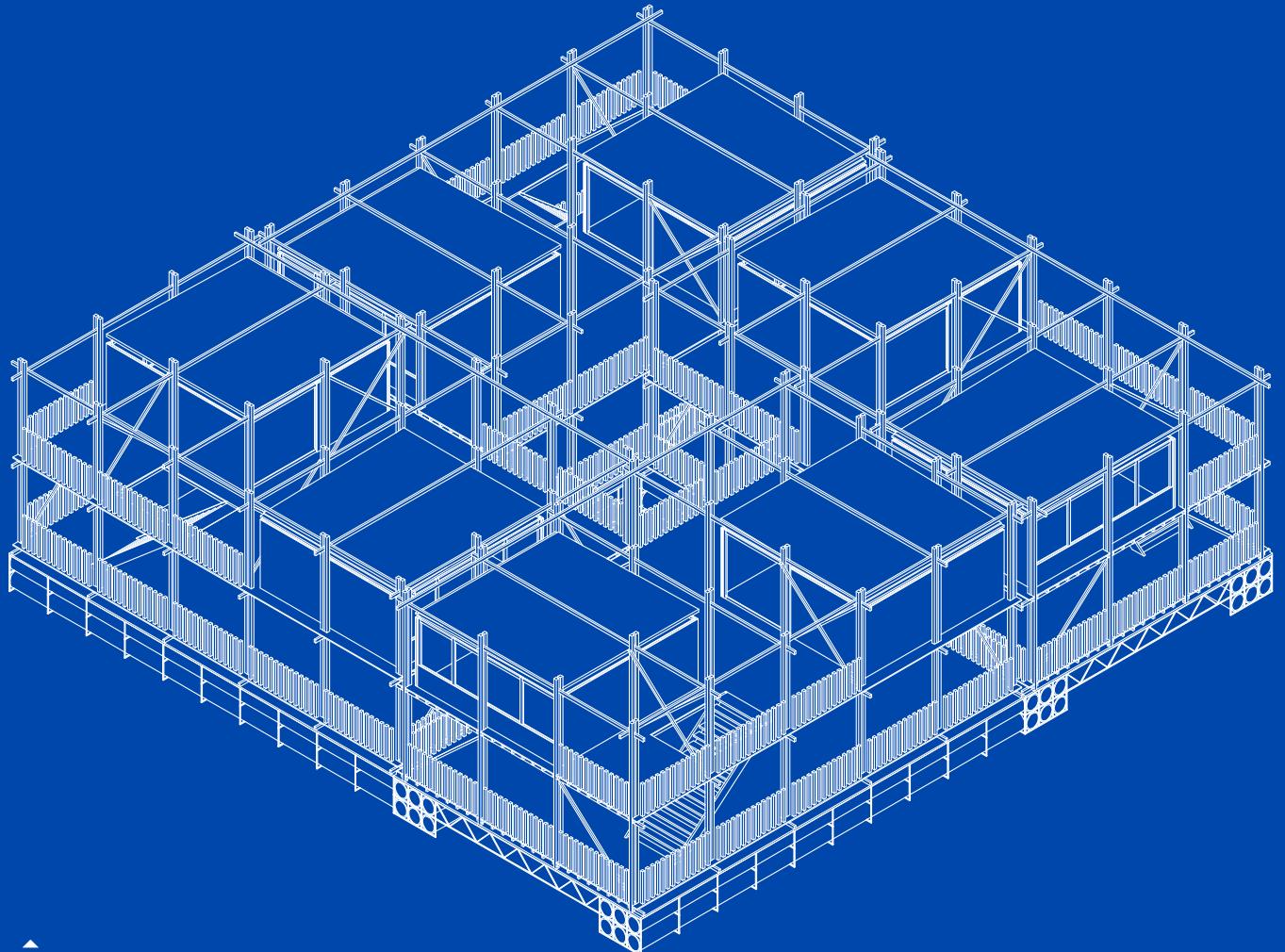
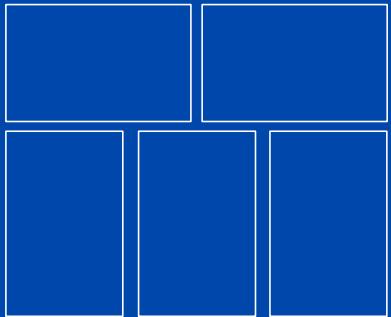
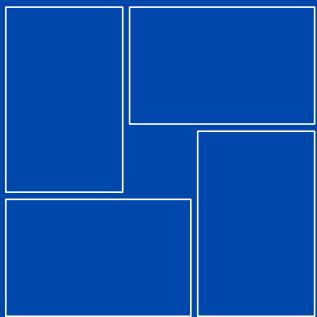


Perspectiva isométrica em
explosão do flutuante-escola
1:200

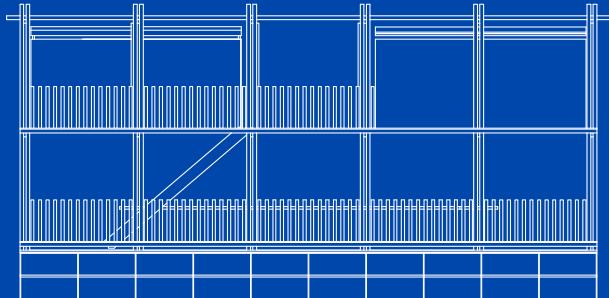


Perspectiva isométrica
do flutuante-escola
1:200

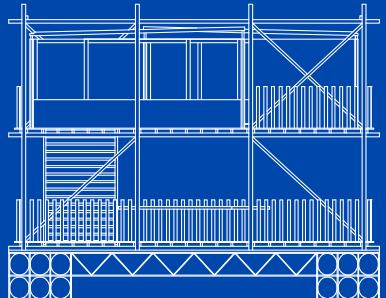




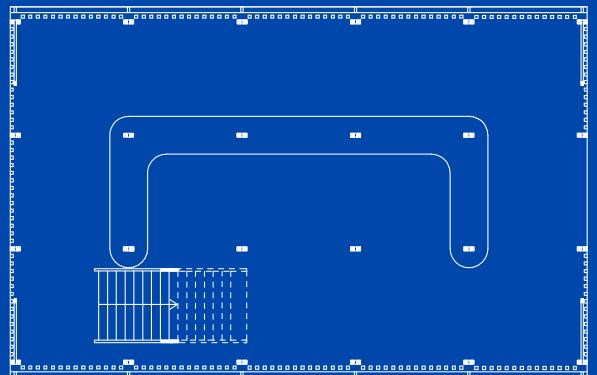
▲ Possibilidades de agrupamento do fluante-escola
1:200



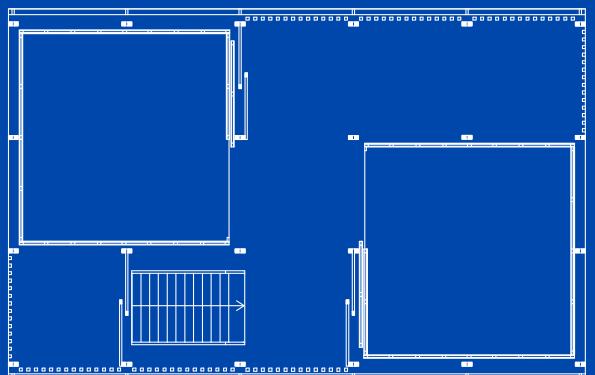
vista frontal



vista lateral

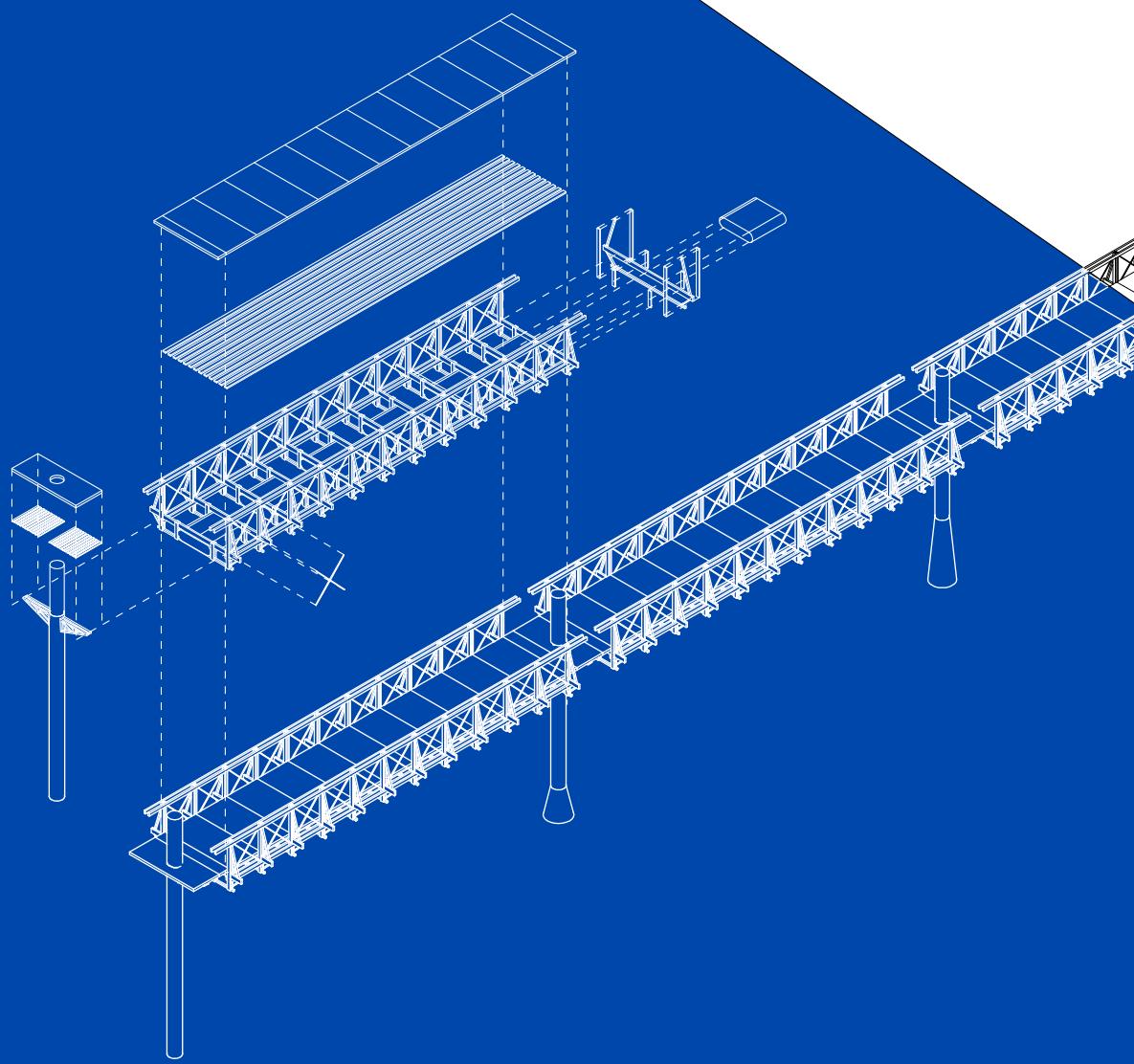


piso inferior

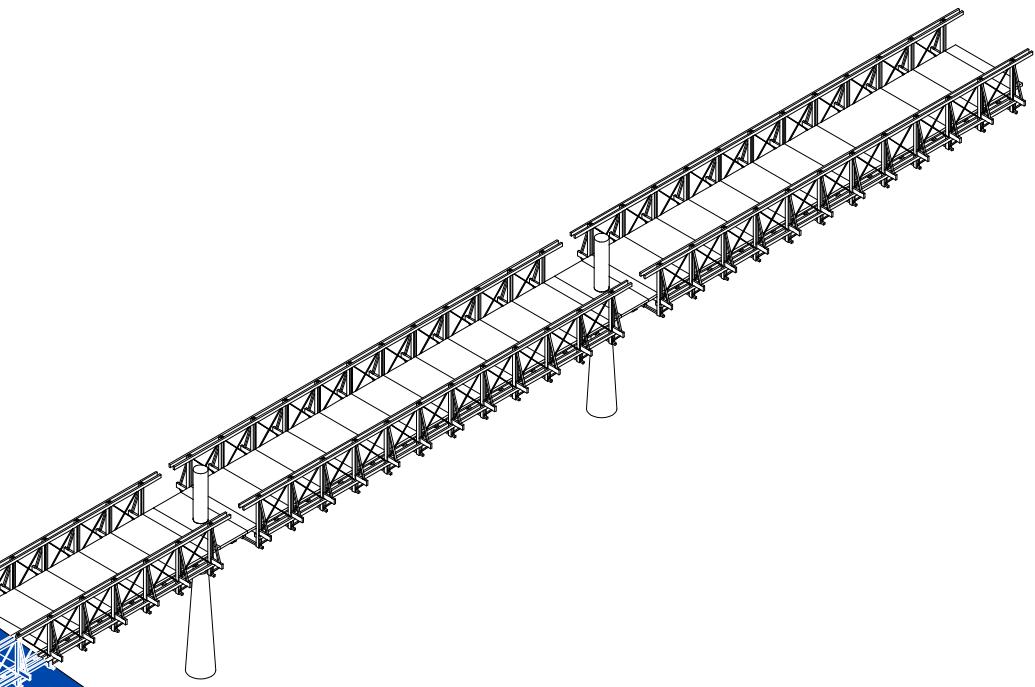


piso superior

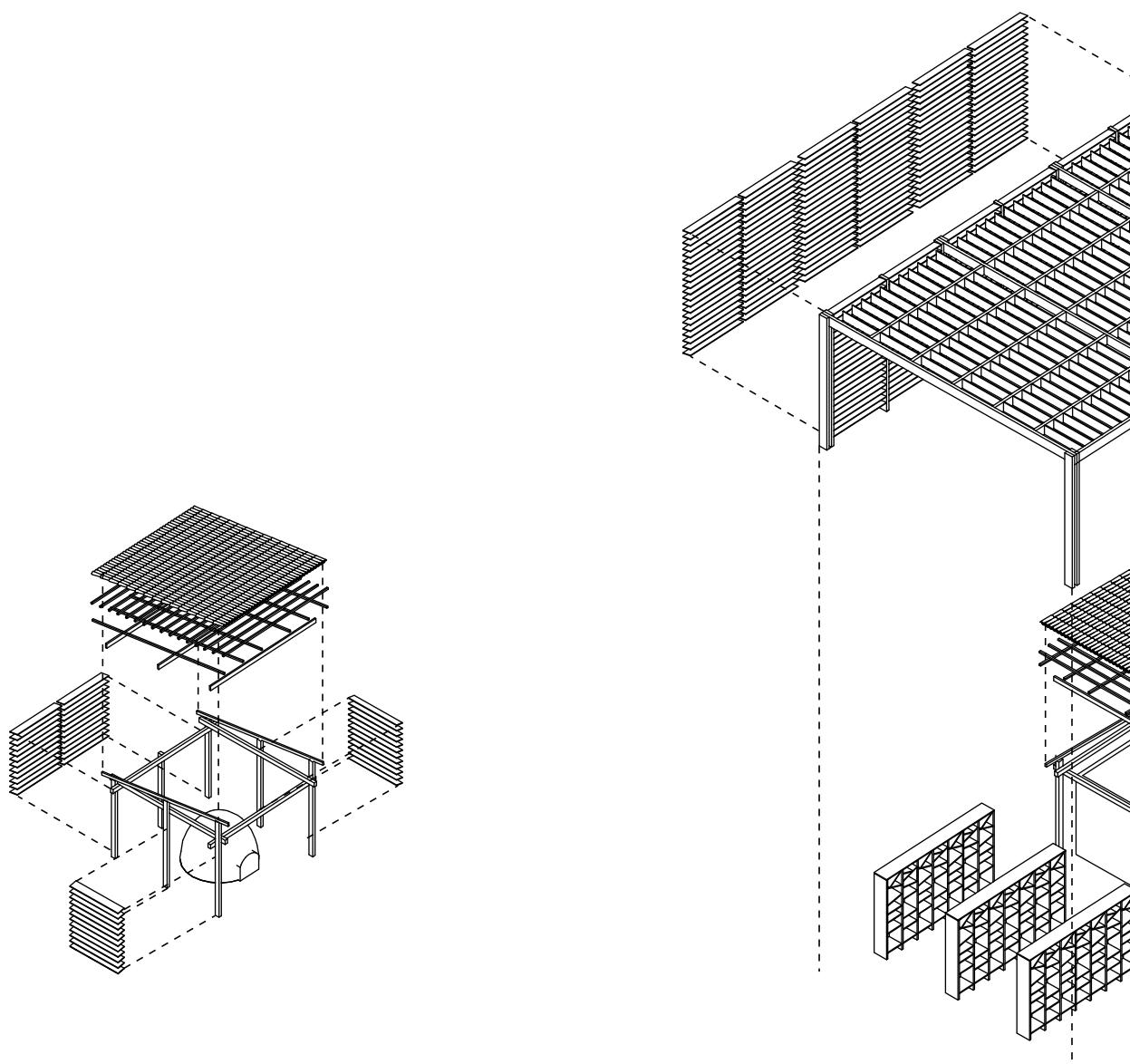
Vistas e plantas baixas
do flutuante-escola
1:200

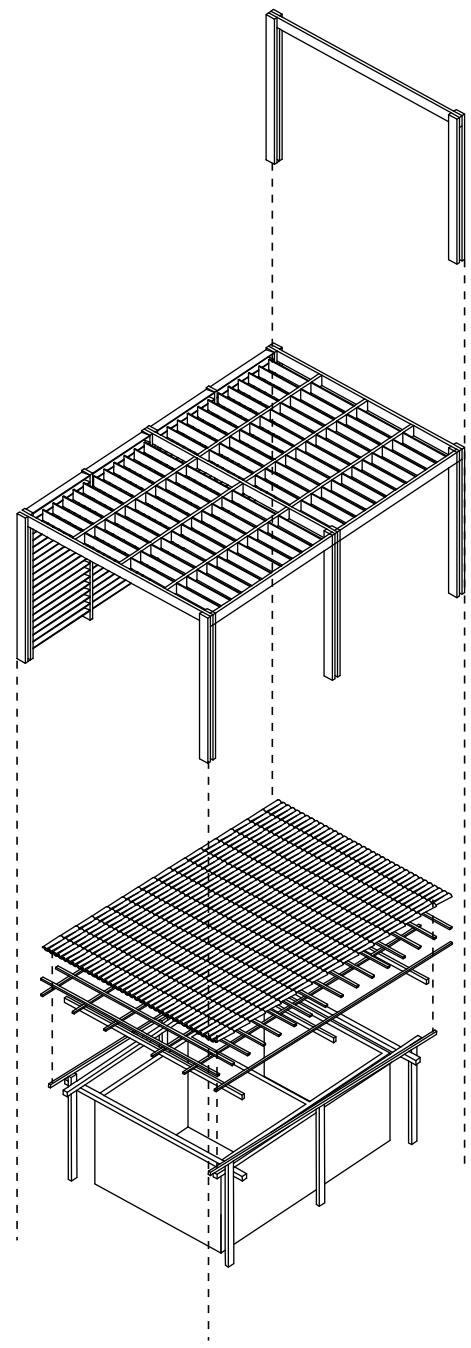
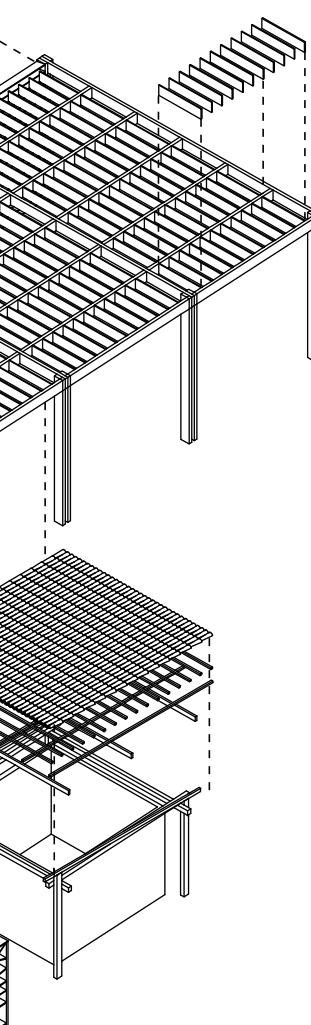


Perspectiva isométrica
da passarela flutuante
1:200



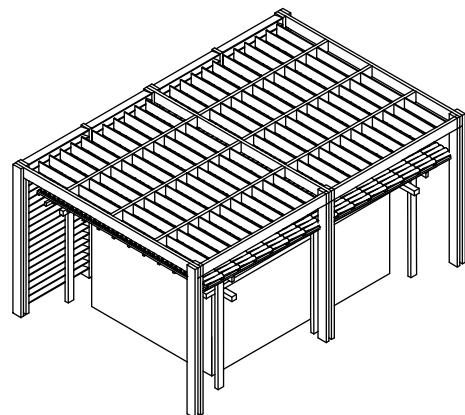
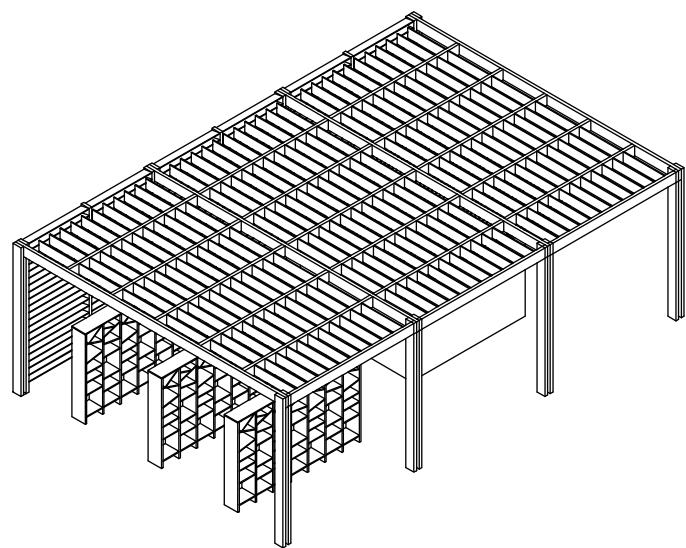
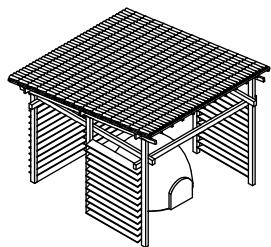
Perspectivas isométricas em
explosão do abrigo para forno,
depósito e administração
1:200

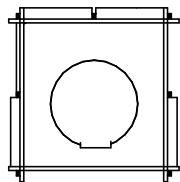




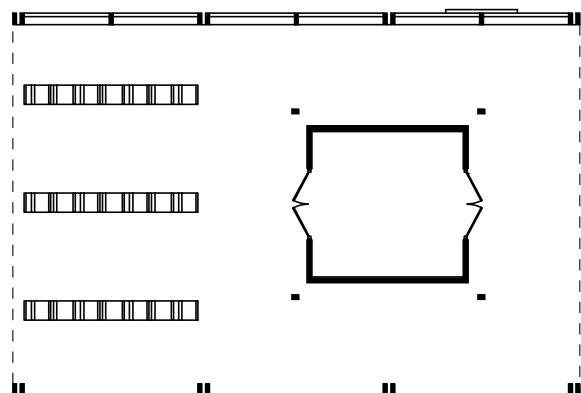
Perspectivas isométricas do
abrigo para forno, depósito
e administração

1:200

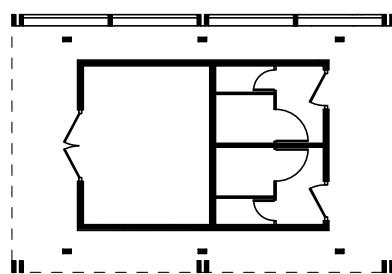




forno e abrigo



depósito e exposição

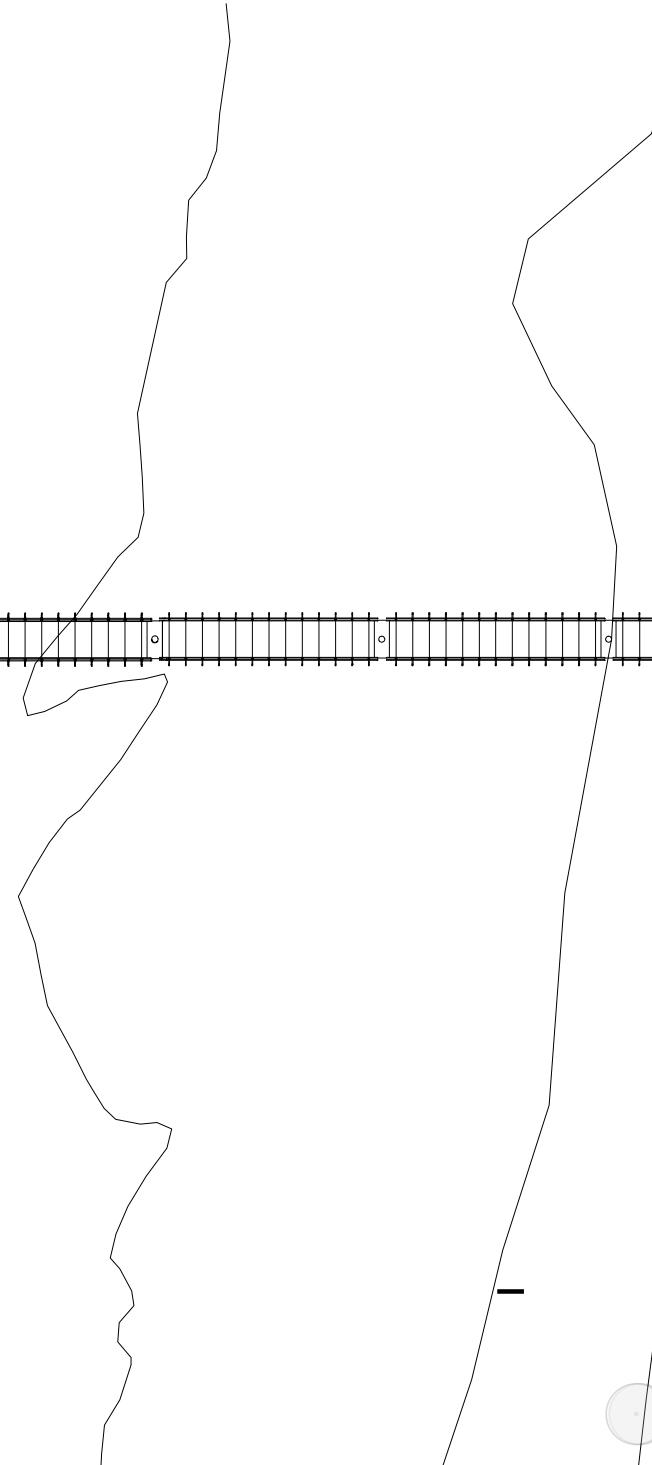
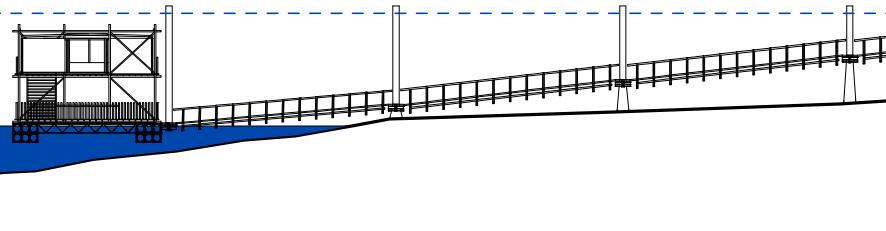
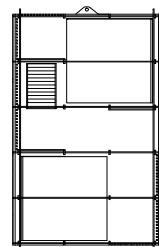
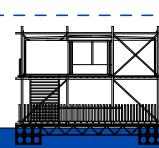


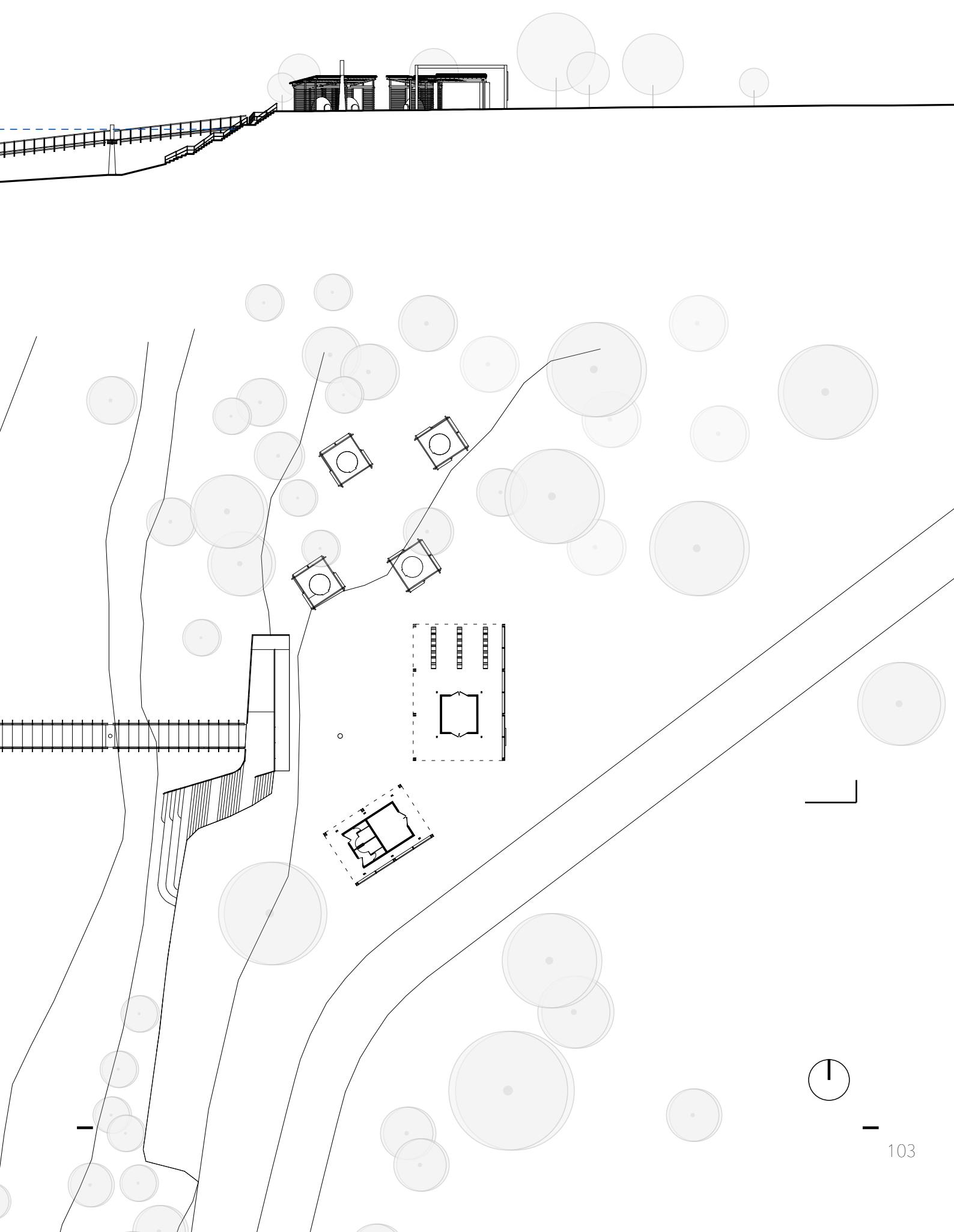
administração e sanitários

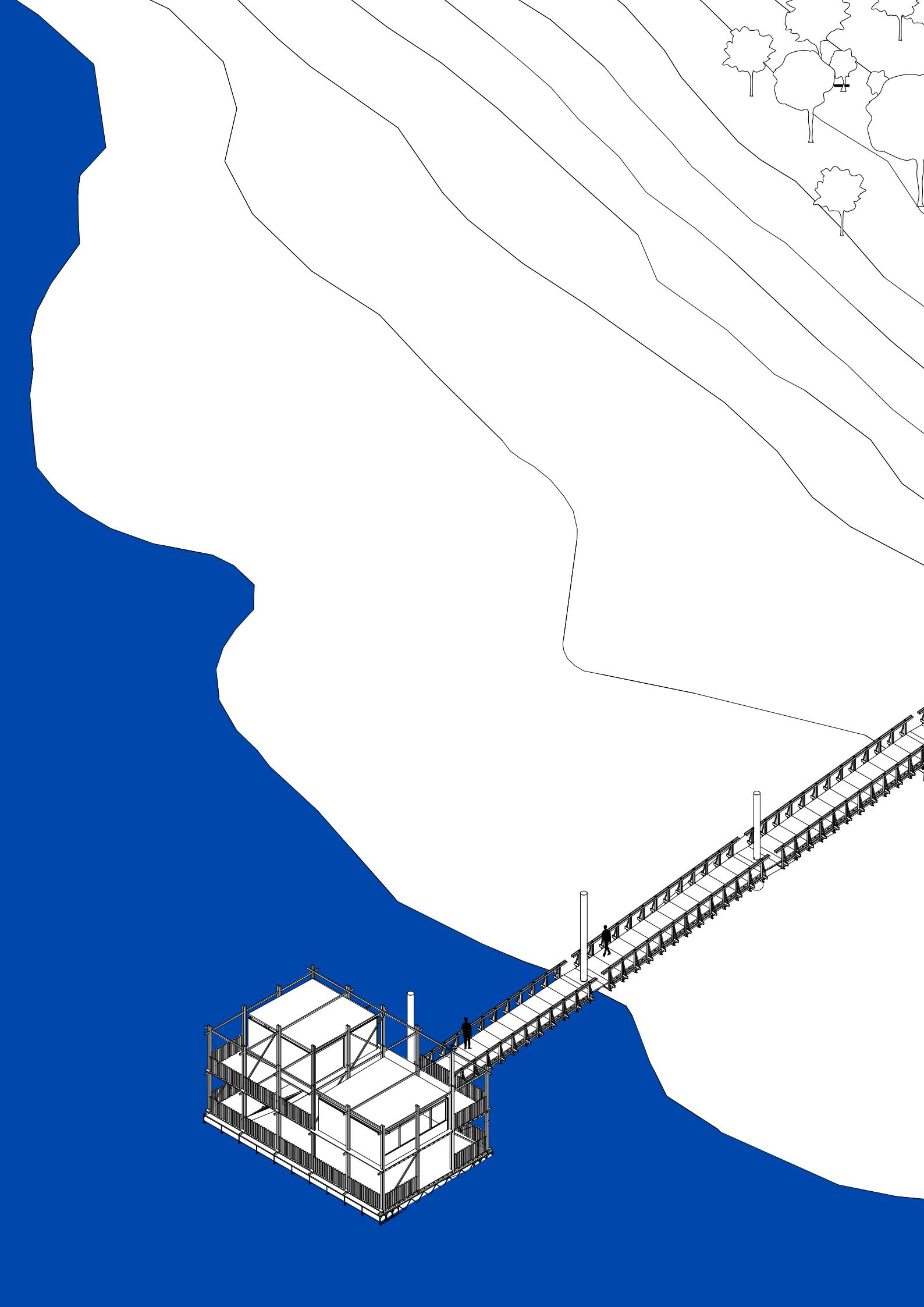
Corte e implantação geral
1:500

145m

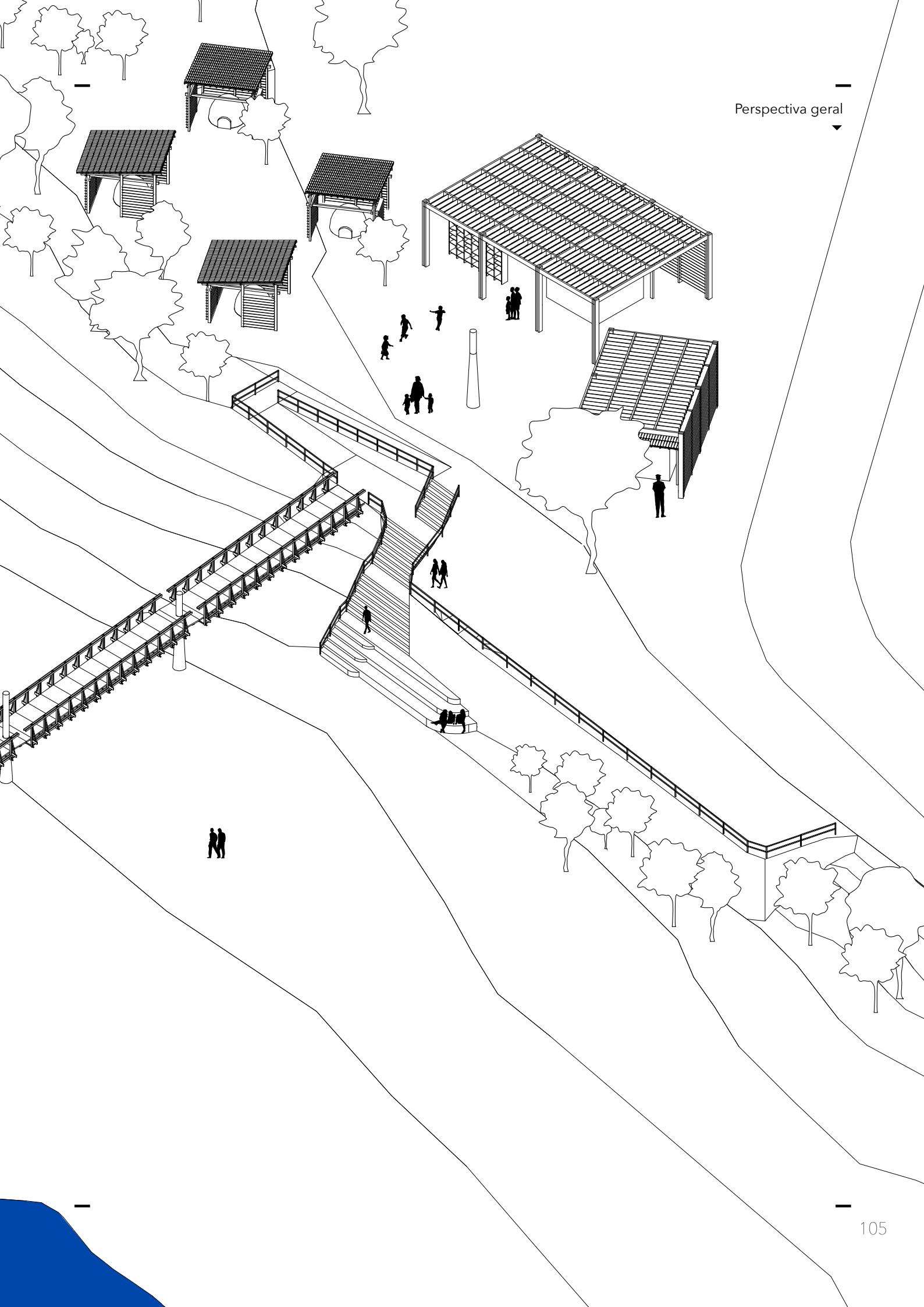
139m







Perspectiva geral







conclusão

Debruçar-me à distância sobre a minha cidade natal, com a intenção de investigar questões que me despertavam o fascínio e o incômodo, foi acima de tudo um exercício de lembrança. Notar, ao longo do tortuoso caminho, que elementos aparentemente isolados tinham uma mágica tendência a se encaixar foi uma enorme descoberta.

Não é acaso que em minha própria história haja reflexos da condição de itinerância. Não só nasci em Cuiabá, como sou parte desse processo. Pensar em meu pai paranaense, minha avó catarinense, meu avô gaúcho, minha mãe maranhense e minha bisavó cearense apenas consolida essa ideia. Coincidência também não é o fato de Barros iniciar seu poema afirmando seu aprendizado com um pintor boliviano. Em movimento o homem aprende e troca. Talvez o homem nunca tenha deixado de ser nômade.

Minha intenção nunca foi esgotar um tema através de uma resposta rígida, mas ao contrário, despertar, com alguma resposta possível, um ideário capaz de responder às questões levantadas ao longo do trabalho, e por que não dizer da minha vida em Cuiabá. Acredito, no entanto, que meu maior alcance não foi necessariamente esse. Foi, sim, perceber, como sempre afirmou Tata Barossi, que a concepção de um projeto é de fato a união de todo o exercício que foi ver, rever e transver essa amálgama.

anexo

Deparando-me com a riqueza descritiva, optei pela transcrição integral das conversas realizadas com Dona Domingas, seu filho Erivelton, e Dona Alice, moradores da comunidade. Apesar de extensas, os grifos têm a intenção de conduzir o olhar para aspectos imprescindíveis, facilitando a compreensão do relato.

O falar cuiabano, com suas expressões, fonemas e vocabulário, se faz constantemente presente nas conversas. Por ser um dos estratos de memória mais genuínos da cidade, ainda que de forma pouco eficaz, transcrevi determinadas expressões tal qual são ditas, com a intenção de amenizar a perda da preciosidade oral presente no relato falado.

Em anexo também estão fotografias e imagens de satélite coletadas através de um sobrevoo pela cidade, resultado, no início do trabalho, da iniciativa de explorar/ilustrar as problemáticas urbanas apontadas e inspirar respostas ao incômodo causado por elas. Conformam espaços que fizeram parte de meus estudos ao lodo da graduação, marcaram presença no meu olhar durante o circular pela cidade, ou simplesmente me espantaram através da descoberta de situações inesperadas. O exercício possibilitou o preenchimento das lacunas de análise causadas pela distância geográfica durante a produção do trabalho.

Conversa com Dona Domingas Leonor, realizada no dia 15 de outubro de 2016.

Olá, Dona Domingas, tudo bem? Pode me contar como tem sido os últimos dias?

Tudo certo. Cansada... Cheguei de viagem. Tem tido apresentação direto, né. E eu não passei muito bem também com a pressão e bateu uma gripe ni mim e fiquei sem comer uma semana, aí a gente vai ficando assim fraca e esgotada, né, sem comer... aí o corpo vai baqueando, vai baqueando, né. Fomos pra Coreia do Sul, ficamos quinze dias lá... Vamo sentá?

Nós trabalhamos com as crianças aqui, né. Eu faço um trabalho social. Ontem eu tava com setenta crianças. Aí veio a TV Assembleia, mas nós não tivemos tempo de arrumar tudo. Aí a TV veio, mas não tchamei as nossas TV, fica até zangado, mas não tchamei porque falei não vai dar tempo, é muita coisa, tem que dar uma atenção pra eles também, né. Mas como esse menino que veio aqui ele tinha uma produtora... ele fazia o trabalho pra TV Assembleia, ele já tinha vindo mais de três vezes aqui. Falei, eu vou abrir um espaço pra vocês vir, você vem, só vocês, porque assim fica mais fácil de a gente atender também né...

E aí a criançada, também tem que tocar, eu tenho que cantar, brincar, né. Tem minha neta que faz trabalho muito bom, meu neto que é o coreógrafo do Flor. Aí tem outra menina que é amiga da gente que trabalha também com essa parte de brincadeira com as crianças, mandei buscar ela lá no CPA, né. Ela trabalha na TV lá, aí ela veio. Falou bem assim pra mim, não, eu vou lá pra você sim. Aí vieram... os pais, a família inteira, botamos uma mesona aí. Dessa vez eu pedi pra os pais me ajudassem a trazer os salgados né, os refrigerantes, porque a gente não pede, todo sábado a gente só faz do nosso bolso, aí fica pesando né...

Nossa, vocês fazem todo sábado?

Todo sábado! Sementinha ribeirinha, os pequenininhos. Tem de dois aninhos, a coisa mais lindinha!. Eles abraça, eles querem me abraçar. Tem que largar da mãe pra ir pro pescoço da vó. É muito carinho, é uma coisa que não tem dinheiro que pague, né, esse amor que a gente tem por eles e eles por a gente. As crianças em vez de ir no shopping vem no quintal da vovó Domingas, dia de sábado. Esses dias foi aniversário de uma menininha, né, aí o pai falou pra ela assim só pra ver o que ela ia falar, "Ana Júlia, hoje nós não vamos no pontinho [Quintal do Flor Ribeirinha], nós vamos lá no shopping". Aí disque ela botou a mãozinha na cintura e disse: "Ô pai, o senhor tá brincando comigo, né? O senhor acha que eu vou no shopping? Eu vou pro quintal da minha vó Domingas lá no São Gonçalo. Quero ir pro meu quintal". Disque tem delas que semana inteirinha só

fica falando de chegar sábado. Tem um menino que ele é especial, né. Ele é grande, então a gente cuida muito dele, né, porque ele é grandão e tem hora que ele é meio agressivinho, então a gente fica muito cuidando dele pra não se machucar e machucar os outros pequeno. Aí dique quando chega de madrugada o guri tá acordado pra vir pra cá, já quer vim cedo. Ela fala assim "olha, vó Domingas tá dormindo", e ele responde "lá já tá tudo acordado, a senhora que tá mentindo". Ele é especial né. Ele chega aqui tem um gato que chama... Como que chama o gato, Ira?... Belezura! Ele chega e quer porque quer achar o Belezura pra apanhá e botá no braço. Ele anda esse trecho tudinho aí atrás de Belezura. Aí ele fica caçano, vai pra lá, vem pra cá... Mãe dele fica atrás dele porque tem que ter cuidado. Aí eu falo, vai fio vem dançá, e ele "não, não quero dançar, eu quero tocar". Aí eu panho um ganzá e ele fica lá tocano, dançano. Tem que deixar o que ele quer fazer, né. Ele gosta demais daqui.

E as crianças então continuam fazendo parte das tradições...?

Continua! Porque eu tenho medo, né... Porque se acontecer como foi antes, assim, que via que já tava parado, que não tinha mais, ninguém falava mais... Que deu um tempo que deu uma caída muito grande, né...

E como foi que voltou?

Eu que levantei! Eu que levantei. História vai ver! Comecei a divulgar, lutar, e montei um grupo só de pessoa de idade. Tem mais de vinte ano! O grupo tem 23 anos, mas tem esses vinte e poucos ano atrás.

Vocês pararam com a cerâmica e começaram a investir no resgate da tradição do Cururu e do Siriri...?

É... Assim, a gente não parou totalmente com a cerâmica aqui, mas é porque foi ficano as coisa mais difícil. O barro pra pegá tem que pagá quem tira do barranco... e até a gente mesmo tirava, família da gente tirava. Mas com o negócio das draga, foram afundando muito aí pra baixo. Tem muitos cabo de aço pra passa, judiaram muito. Tem que ser gente que tá mais pratico com o rio, aí a gente tem que pagar...

Lá chama-se Barranquera, Santana, né. É lá embaixão... tem uns quinhentos metros. E lá o barro é bão, parece que deus deixou tudo aquilo ali pra nós. É o único lugar que tem o barro bãm é só lá, em Santana, só lá. Eu ia com mamãe tirar barro, minha mãe era forte pra tirar, e ia na canoa igual homem. Remava! Eu e mamãe.

Então a senhora acha que a cerâmica, assim como aconteceu com o Siriri e o Cururu, tem enfraquecido?

Ah, a cerâmica diminuiu demais! Eu fui presidente aqui, pra começar, eu fui a primeira mulher aqui dentro desta comunidade, que levantei essa bandeira, porque vivia morto. São Gonçalo era um barro perdido, era só buraquera, não tinha estrada, não tinha nada, nada. Nós não tinha ônibus, transporte era andar de a pé daqui pro Coxipó, uma bici-cretinha, uma charretinha véia, assim que era. Aí, eu fui eleita presidente de clube de mãe. Inventei a mexer com as mãe, né, porque eu via necessidade, muita mãe carente, muita criançada. E com essa leva eu consegui reunir, e me elegeram presidente do clube de mães, nessa época. Eu trabalhava com cem mãe, cem!, pra ter ideia! Quanta gente carente nois tinha aqui! E isso foi levano, foi levantano, levantano... Não tinha escola, as criança bastante pra estudar e não tinha escola. Tinha que ir tudo pro Coxipó, aqueles que a mãe não tinha condição de botá uma rôpa e um tchinelinho num ia. Era muita carência e muita pobreza aqui. E dentro da cidade! Pra ocê ver como que a falta de interesse das pessoa, assim, até da própria comunidade... Hoje tem muito pai com os filho que tem, mas não sabe do que esta mulher lutou aqui neste bairro, e quer passar por cima da gente. Eu falo assim, por cima de Deus ninguém passa! Eu tenho minha palavra com Deus primeiramente. Ninguém vai passar por cima de mim com tudo aquilo que fiz no passado, mas não vai passar mesmo. Tem um presidente de bairro aí tudo metidão, mas hoje ele pegou tudo pronto, comunidade pronto! O que que eu fiz? Ralava que nem uma condenada, saía cedo de casa pra pedir ajuda no centro da cidade, eu e a Carmen, pra trazer as coisa pra comunidade. Aí eu vi que a escola não tinha condição, e comecei. Tchamei uma imprensa... A TV Centro América... por isso que eu gosto da TV, porque ela sempre foi minha parceira. Tinha aquele MTTV primeira edição, o jornal, eles vieram aqui porque eu pedi pra eles. Contei toda a tristeza e a dificuldade que tinha, as criança não estudava e como que ia ficar essas criança? E aí nós já tinha uma escola que tava tudo caindo o teto, tudo acabado. Aí eles vieram, mostraro tudinho, passou uma semana no jornal. Aí veio a secretaria ver aí, e me garantiram que ia arrumar essa escola pra poder funcionar dizendo "como que fica uma comunidade assim deixada tão perto de Cuiabá?", falei "é, pois me deixaro mesmo". Daí que começou, daí veio, e começaro a arrumar tudinho. Aí arrumou a escola, todo mundo ficou feliz, e não tinha professor pra dar aula. Falei "e agora o que que eu vo fazer?". Torei [parti] pra prefeitura. Eu tinha amizade com a Marina Milha, que ela era secretária dessa época de educação. Ela falou, "minha filha, não tem professor". Eu falei, "mas me dá qualquer um aqui que tiver por aqui que saiba um bocadinho, pra me ajudar lá a começar essa escola, qualquer um já serve". Aí ela falou assim "a senhora vai dar força pra eles?". Eu falei "craro que eu vo dá, eu também vô tá na sala lá com ele lá ajudano". E assim eu fiz! [riso], trouxe um menino chamado Celso Miguel, rapazinho, com dezesseis, dezessete anos. Era officeboy da prefeitura, e trouxe ele pra cá. Ele ajudava demais, nós fazia até estudo de campo com as criança. Óia foi lutano essas criança, foi lutano a escola, foi lutano a escola... hoje já tá com mais de cinquenta aluno! E não paramo! Celso dava conta, ele tinha um estudo, mais ou menos um bocadinho, né. Aí ele foi continuando, ele estudava à noite, e vinha o outro dia ele ficava o dia inteiro aqui com nós, e à noite ele ia embora, e todo dia!

E fomo levando isso aí! Levano, quando assustemo nós tava crescendo mesmo... Aí, merenda pras criança, reuni cem mãe aí, batemo no cabo de enxada e prantamo horta comunitária atrás da escola, limpamo tudinho lá atrás, aí tinha uns tocão grande que nós não guentava tirar na enxada, chamava os home pra ajudá. Aí eu desafiava os home, que os home é mais preguiçoso, não quer ajudar, a gente brigava com eles e eles vinha (risos). Xingava, falava que eles tava muito mole, parecia uma mulherada, não tinha força pra nada e que só nós mulher que botava frente nas coisa, né, e assim eu fui trazendo eles pra ajudá. Aí arrumamo a horta, ficou a coisa mais linda, a horta! Cada dia era duas mãe que reunia pra fazer a merenda em casa e trazer. Aí fazia a sopona pras criança com bastante verdura e bastante salada, couve tinha demais! Repolho, tinha cada cabeça de repolho deste tamanho! Tudo tudo um pouquinho de cada, né. Salsinha, cebolinha... e aí nós fomo vencendo, fomo levando, fomo lutando. Aí depois eu comprei um fogão numa loja, depois a loja até faliu. Comprei um fogãozinho lá e foi quebrando um galho. Aí falei, vamo fazer um de lenha, aí fizemo um de lenha lá atrás da escola, ficou bonito, bom que só! Aí eu sei que cada dia era duas mãe que ia fazer a merenda...

E nós não tinha centro cultural, não tinha nada. Na onde era um puxado que tinha, era umas mulher que fazia cerâmica lá, e era muito sujo de bosta de galinha, galinhada ficava todinha lá. Aí um dia eu falei, "ah, vamo rancá essa sujeira daqui e fazer um forno que presta aqui pras ceramista vim trabalhar aqui". O forno era pra todo mundo usar pra fazer cerâmica. Aí eu sei que depois desmanchamo de uma vez e fez o centro cultural.

Aí me elegeram à presidência do bairro. Nunca teve presidente do bairro, eu fui a primeira mulher. Peguei tudo do nada, do zero. Olha, daí eu comecei. Aí eu consegui primeiro a luz elétrica que nós não tinha, aqui era tudo na base da lamparina. Nós não tinha luz! Nem água encanada...

Sobre essa modernização, a senhora acha que ela trouxe coisa boa, mas também trouxe problemas?

Ah, assim, melhorou pra nós, porque era muito sofrimento, né. Ah, outra coisa, pontes... Era só um pau, pontilhão, uma pinguela antiga. Aí a gente acidentava muito porque não tinha, né, como passar. Aí eu tchamei minha irmã e taquei fogo no resto do pau e tchamei o coronel que ficou naquela época que Dante [Dante de Oliveira] era prefeito e saiu pra reforma agrária, sei lá; e aí eu taquei fogo, comprei uma gasolina, djoguei no pau, e falei "vem aqui todo mundo, vô tchamá o televisão e vô tchamá o prefeito pra ver a situação nossa". Eu já tinha endjoado de pedir pra arrumá, né. Aí ele veio e falou "olha, eu dou meus parabéns pra senhora, mulher e guerreira, tá lutando pelo que é seu, nós vamos a partir de amanhã mandar o pessoal mexer com essa ponte". Fizeram a ponte, e foi essa ponte de concreto de dez metro, não tinha antes! Já foi uma vitória pra nós porque já começou a passar carro, né. Antes não tinha como andar por aí.

Mas de trazer problema também trás, porque como diz o ditado tudo que vem com o progresso não é só coisa boa. A djente qué só coisa boa, mas infelizmente não é isso, né. Que aqui nós tinha sossego, dormia com djanela aberta, eu saía e puxava minha porta e só amarrava num prego atrás. Tchegava quatro cinco hora ou a hora que eu saía, ninguém nunca mexeu na minha casa. Mas hoje ninguém pode mais facilitar, né.

Mas aí fomo conseguindo aos pouco as coisas, conseguimo a luz, o asfalto, conseguimo água. Aí conseguimo esse centro cultural que tá hoje aí. Tudo isso aí foi no meu mandato. Aí tem um presidente tchamado Dalmir, ô hominho infadável, ele não é filho do bairro, casou com uma menina daqui, mas ele de uns tempo pra cá quer ser dono das coisa, ele nunca fez nada, nada! Que ele já pegou tudo pronto, né. Ele não gosta do nosso grupo Flor Ribeirinha, porque tem um grupinho do parente dele lá, ele só dá apoio lá, ele nunca deu apoio, pra nós. Mas eu sempre briguei com ele de testa assim, de cara a cara. Nunca tive medo de falar as coisa pra ele não. Falei "meu fio, ocê pra mim aqui é pau rodado, eu só fia de São Gonçalo, eu nasci e criei aqui. Ocê é pau rodado! Ocê tem que abatchá a sua fatcha pra mim, eu não tenho medo de falar as coisa pra ocê não. Ocê pegou tudo pronto que essa besta aqui arrumou tudo pro bairro. O que que ocê quer falar?".

Vocês têm algum tipo de patrocínio?

De vez em quando é que a gente consegue, né. Secretaria faz um projetinho, uma coisinha pouca.

E empresa privada?

Não. Mas queria ter, porque a despesa é grande. Ano retrasado eu comecei, mas depois ficou difícil pra mim. Aí paramos. Aí porque tem mais o grupo [Flor Ribeirinha], né. Aí é uma despesa muito grande que a gente tem. Aí depois esse ano eu falei "não, Deus não vai me matar ainda, então eu quero ter essa felicidade de fundar esse pontinho de novo, pra começar, igual foi o Flor Ribeirinha, que começou assim, com as criança. E eles têm uma vontade. As criança tão tão animadas. E os pai também! Tem pai que, ave maria, faz tudo!".

E quais são as demandas do espaço atual? Vocês precisam de muitas melhorias?

Com certeza! Principalmente uma cobertura em cima pra dança, porque quando chove é uma tristeza né, nós fica sem teto. Falta caixa de som, falta tudo isso pra nós. Ixpia lá [olha lá], ali, coitado, tá perdendo nossas coisa porque a gente não tem onde guardá. Enfia boi por aqui, e as mala amontoada lá. Aí quando tchove, dá aquele mariano na roupa, porque não tem lugar pra guardar, não tem uma prateleira. A gente queria só um barracãozinho já tava bom demais pra nós. A gente tem sofrido muito com essas coisas,

não tendo aonde guardá. Djá perdemos coisa bonita, muita figura lendária, nossa, linda! Nós não tem um lugar pro pessoal assistir direito também.

E para a cerâmica? O que você acha que poderia dar força à cerâmica?

Nós aqui ficamos sem espaço, né. Porque com a chuva o forno desmoronou, não tem cobertura em cima, né. Aí nós precisava do forninho, nós fizemos o forninho, mas tá muito longe. Aí nós queria fazer a casinha em cima dele pra ficar mais guardado da chuva né.

O principal que nós precisamos ter é o forno, o barro e a lenha. Esses dois é prioridade, nós paramos porque ficou muito caro pra nós pagar, cem, cento e cinquenta reais. Tinha uma instituição quando eu fui presidente, eles pagavam pra nós, e a gente pagava eles com cerâmica. Foi um convênio com a LDA, que Deus a ponha num bom lugar, foi o único que ajudou nós bastante. Ele deu um dinheiro pra nós, pra ceramista [pagarem o transporte do barro], cada um recebia o seu, aí depois a gente pagava com a própria cerâmica, poquinho, era assim uma parcela poquinho que eles cobravam pra poder nos ajudá, né. E aí a gente pagava com a peça de cerâmica pra daí eles participar de feira e evento fora, e o que vendesse lá era da LDA, né. Aí tinha barro bastante, ele mandou fazer o forno com a casinha em cima, né. Aí tudo a gente tinha, eles ajudavam com a lenha também.

Ha interesse na utilização de forno elétrico?

Não. Forno de lenha que eu falo é de barro mesmo, pra queimar as peças. Já teve um forno elétrico, tinha aí, mas só ficou três mês, porque botou no centro cultural... Eu mesmo não vou sair daqui pra ir lá queimar, ocê ainda tem que tá pagando energia.

E se o energia energia elétrica fosse custeada pelo Estado ou alguma instituição?

Pois é, mas nada disso, meu fio! Aqui tudo é assim, com esse presidente miserável que tem aí, e com a mulher dele, a pestinha da veia, não sai do poder! Ela ficou como presidente de ceramista, a disgramada ficou com o forno e ela que comanda. Tá pensando que ela deixa qualquer um? É o que ela quer. E ainda tem que pagar a luz!

Se houvesse um centro comunitário com vários fornos a serem utilizados, você acha que funcionaria?

Eu não sei, porque eu quase não vou lá mexer com essas coisas mais. Cabou, eu nem gosto mais de mexer, nem vou lá. Parece que eles ganharam um forno também, mas tá lá parado, não sabe nem mexer.

E construir o próprio forno, vocês ainda tem intenção?

Construir eu quero! Quero aqui no meu quintal. Que aqui eu faço minha peça, eu seco. O que tiver de me ajudar, pra eu retomar, eu, meu irmão, minha filha, minhas crianças, eu queria aqui no meu quintal, pra mim cuidar do meu forno, da lenha, da minha queima, fazer minha cerâmica, tudo debaixo dos meus olhos onde eu tô vendo... Mas esse negócio junto com o povo lá não dá certo...

E o centro comunitário atual funciona para venda?

Lá funciona... cada dia fica um. Mas aí tem que pagar porcentagem também pra loja. Ainda tem mais essa... a presidente botou isso lá, se você vender uma peça de vinte reais, não sei se é cinco ou se é dez reais vai pro centro. A mulherzinha lá é terrível, por isso que eu falei "não vou pôr minhas peças". Eu tô com umas peças até bonita que eu fiz, tá aí, mas depois eu quero ter mais um tempo, se Deus quiser eu vou começar a fazer, porque é minha alma, minha vida, mexer com meu barro.

Essas peças, você fez aonde?

Aqui em casa mesmo! Em cima da mesa.

E como a senhora faz para queimar?

Eu vou ver pra queimar lá com minha prima. Não queimei ainda. Esses dias até caiu um pêche, caiu, pá! quebrou. Falei ó adoidado... tinha um jogo de travessa de peixe, aí meio que djá desanimei, mas falei "não vou desanimar não". Não desanimo não, nunca eu paro de fazer!

Você ainda pescam muito, ou a pesca também diminuiu?

Diminuiu bastante também! Diminuiu pêche, diminuiu pescador... A gente pescava muito aqui.

A canoa vocês também fazem por aqui?

É... mas isso daí de tronco de árvore também acabou. Agora é só tábua!

Ainda existem muitas pessoas que sabem fabricar a viola de cocho?

Ah, aqui quem fazia faleceu, né. Tem o neto, a gente tava incentivando, aí ele começou a fazer, mas aí deu uma parada, foi mexer com peixaria. Agora nem os netos não quer mais

fazer nada.

Nesse momento, dentre as manifestações culturais da comunidade, o Siriri e o Cururu são as que mais mantêm a força?

É, porque a gente mexe. Se eu deixasse de mão também não existia mais... Por isso que eu fico sentida, sabe por quê? A gente leva com a garra, com a coragem, com a fé em Deus, com a luta e dificuldade. Teve dia de eu falar assim, ó, vo largar de mão de tudo, que a gente fica revoltada, porque a gente não tem apoio dos governo, não tem apoio da prefeitura, não tem apoio de secretaria, a gente trabalha muito só.

Dinheiro pra cultura a gente sabe que tem, mas eles não ajuda! Você mendinga, mindingueia. É isso que é a revolta que a gente tem. Eu porque sou assim cuiabana, eu vim de um berço bem cultural que tinha amor, e hoje eu tenho meus netos, que é a bênção que Deus me deu na minha vida, como Avinner, que é um menino que vestiu assim desde criança.

Seu neto também está participando do grupo?

Avinner? Se não fosse Avinner eu não taria mais aqui mexendo com o Siriri. Se não fosse ele eu tinha largado de mão. Ele é coreógrafo do Flor Ribeirinha, ele que comanda tudo esses trabalho aqui comigo. Ele, o Jefferson, Edilaine minha filha que me ajuda. Tem a Nanda que é filha do Erivelto que dança, que é esforçada também. Eles que faz tudo esses contato até pra fora do Brasil, que nós temos ido pra fora, né...

Ele foi para o festival da Coreia do Sul também?

Ele vai, porque se ele não ir o grupo não vai também, né. Se for só eu, nem intrometo de ir! Ele que tem que ir, ele que tá na frente do comando pra mim, porque senão... E a gente faz projeto, chega na hora, projeto vai não vai; se aprova, não tem dinheiro... Ai, é uma burocracia, por isso que eu falo que a nossa cultura tá desse jeito, Siriri... Nós melhoramos por causa que nós, Flor Ribeirinha, vestimos a camisa e leva da cara a tapa. Por que que pesca, cerâmica, artesanato, essas coisa tá morredo? Porque não tem ninguém pra enfrentá. Não tem mais liderança! Eu não faço mais isso de liderar. Minha separação com meu marido, o casamento meu acabou tudo por causa disso, de eu largar minha casa, largar meus afazeres em casa, e torá pro mundo, pra rua, pro centro, correr, pedir ficar mendigano na porta dessas secretarias, pedir ajuda pra vim pra comunidade. Tudo isso acabou com a minha vida. Mas foi por ter decidido lutar por isso que eu recebi muitos parabéns, recebi muitas homenagens das pessoas que conhece, que sabe do meu trabalho, porque viu que eu deixei tudo pra mim manter, segurar essa cultura. Como o secretário lá falou pra mim, "a senhora dedicou sua vida inteira, e é por

isso que nós temos obrigação de te ajudar agora!". E ele falou pra mim no dia que eu fui lá pedir ajuda de passagem, "eu vou ajudar a senhora, porque é uma vergonha todos esses outros governos que passou aí não terem feito isso, que a gente sabe, a senhora é uma guerreira, dona Domingas. Felizes somos nós que temos uma pessoa como a senhora, que luta pela cultura, pra não morrer, porque senão nossa cultura tinha ido pro pau fazia tempo". Então eu lutei, eu dediquei minha vida inteira... tô com sessenta e dois anos, fiz quarenta e sete anos de vida cultural agora, que eu luto, pelo bem, pela comunidade, pela cultura em geral. Fundei, fui a primeira presidente eleita na Federação Matogrossense do Cururu e Siriri. Eu trabalhei com Cuiabá, Várzea Grande e vinte e oito municípios de Mato Grosso. Eu me sinto como uma mãe, mãezona de todos. Lutando pela dança! Viadjava co joelho desse tamanho pros festival de Cururu e Siriri, por todos esses municípios. Jangada, Rosário Oeste, Nobres, e foi indo... Vila Bela, eu fui pra tudo esse lugar aqui, até aqui no Mimoso, São Pedro de Joselândia, aí tirei pra Barra do Bugres e foi indo... Eu conheço tudo de ponta cabeça, e o povo me conhece e tem o maior respeito comigo, todos eles. Em 2010, eu fiz o maior festival que aconteceu em Cuiabá, passou até no Fantástico. Eu botei na Arena Acrimat todos os grupos que veio, quatro noites!

Pra você ter uma ideia, eu até acho graça deles. Tudo esses partidos vieram me chamá pra ser candidata a vereadora. Djá me tchamarão pra deputada. Falei "eu"??? Essas políticas suja seus que fica só fazendo coisa que não presta, eu não quero! (riso). Mas se eu fosse, eu ia brigar só por minha cultura, ia brigar só pelo meu povo, pra trabalhar pra engrandecer, porque a cultura é assim esse descaso! E aí eu ia lá em Brasília brigar com aquele povo lá pra vim dinheiro, ia arrancar do oco do pau! Tinha que sair dinheiro, que eu sei que tem dinheiro! E aí eu ia querer esse dinheiro, eu quero ver aqui, ó.

E a Secretaria de Turismo da Prefeitura de Cuiabá, o que tem feito?

Ah, aquela lá tá uma porcaria, não tem nada! Eu trabalhei dois anos e oito meses na secretaria, no gabinete, com o Jairo Pradella, que depois ele saiu, né... Olha, o que eu vejo de povo ali que extravia as coisas, eu falei, eu não fico nessas coisas que eu vejo que tá errado, e se eu vejo eu vou falar, né... Mas óia, é assim, é uma nuvem!

E sobre o tombamento da Viola de Cocho pelo IPHAN? Isso trouxe alguma repercussão local?

Não deu em nada. Porque botaram uma presidente que acabou com o festival do Cururu, a Teresinha Valéria, presidente da Federação Mato-grossense do Cururu e Siriri. Agora ela saiu, porque ela roubou. Quando eu saí da presidência, que terminou meu mandato de quatro anos, eu deixei 225 mil reais engatilhado do projeto premiação pros grupos de Siriri, Cuiabá e interiores. Eu deixei com 58 grupos de Siriri, e 36 grupo

de cururueiros. Santo Antônio do Leverger eu deixei com 19 grupos de Siriri. Esse que é minha tristeza, de acabar, hoje se tiver 12 é muito! Por isso que eu brigo pro povo vir atras de mim, porque eles sabem que eu luto. Nós fizemos um festival em Santo Antônio do Leverger que nessa época até foi bom, vieram vários prefeitos, e eu fui de cara a cara de cada prefeito, vereador e secretário, falando pra eles que eles tinham obrigação. Eu fui trazendo os grupos do interior tudo pra Santo Antônio, pra lá fazer um festival grande, pra tirar os vencedores pra vir pra Cuiabá. Pra fazer uma seletiva. Mas o meu coração é deste tamanho e eu não conseguia tirar grupo pra ficar pra fora! Eu quis ajudar todos pra vir pra Cuiabá. Aí a turma falava assim, "nós sabe que nossa maezona não vai tirar nós, né" (riso). Eu ficava com uma dó, eu chorava igual criança. O que que eu fiz? Trouxe tudo pra Cuiabá. Foi um megafestival em 2010. Com 19 grupos. Eu recebi 98 jornalista, de São Paulo, Brasília, de todos esses lugares que vieram aqui pra fazer matéria. Eu sentei, eu falo, eu sou do povo! Não me põe atrás de mesa pra eu falar.

Eu tinha assessora de imprensa pra tá ali toda hora pra fazer matéria. Com a TV, com o jornal, com o rádio. Aí eu nem saía mais dali de tanto receber o povo, né. De várias cidades, da baixada cuiabana, do interior do Mato Grosso e do Brasil todo.

Como foi a experiência na Coreia do Sul?

Ah, muito grande! Gostaram demais de nós lá. Eles falavam que o Brasil é muito alegre, lindo. E não só eles da Coreia como de outros países também, que gostaram de nós demais! Mas eu não entendia nada do que aqueles óio putchado falava. (riso). Minha salvação é Avinner e Jefferson, né, que falam inglês.

E a TV... A maior TV da Coreia foi fazer matéria com nós. Chegou no nosso ensaio lá no salão do hotel. Aí veio a TV coreana pra fazer matéria. Eu tenho tudo gravado! Eles ficavam louco, o repórter, ele pulava lindo demais, me abraçava, me beijava. Aí eu falava, falava... Aí veio uma intérprete pra falar comigo por telefone, eu e ela, né, em português. Aí nós conversava pelo telefone, tudinho porque eles não tavam entendendo, pra depois ela passar pra eles fazer a matéria. Pra ocê ver como que é as coisas, né... Mas meu deus, eles ficaram encantado com nós ensaiando, tudo de uniforme, pra gravar.

Levamo o boi-à-serra, despatchamo tudo no avião. Fizemo um boizinho bem pequeno que é esse pretinho que tá ali. Foi o boi-à-serra, o siriri e o Nandaia* (espetáculo organizado pelo grupo) que classificou a gente. Ah, quando falou que Brasil tinha classificado, nós ficamo doido já. Só de nós tá participando já era uma grande honra, ocê já pensou classificar... Mas nós ficamo com medo, porque tinham muitas companhias famosas, que vive da cultura, que vive do trabalho, que tem incentivo, que os governo lá tem avião particular pra fazer voo pra eles... Óia, o ônibus que a gente tinha pra locomover lá era tão chique e confortáve, se ocê visse, tinha até estrutura de dança dentro do ônibus, tinha

tudo. E aí você oiá pra trás e vê que aqui em Cuiabá nós não tem nada disso, né, até pra nós ir na apresentação tem que tá pagando do nosso bolso, os nossos ônibus. Tem que mudar nosso país, é uma vergonha pro Brasil, pra Mato Grosso. Mas eu tenho muita fé em Deus, que Deus vai dar muita força pra nós e nós vai ter esse prêmio de ser valorizado.

Mas nós saímo de lá vice-campeão mundial! Nós ganhá foi muito privilégio pra nós, até hodje não caiu a fitcha ainda, eu falo. Mas nós fomo fera, graças a Deus. Lá eles são muito rigoroso, foi cinco minuto de apresentação, dava o tempo já tinha que sair correndo e fazer tudo certinho. Acabou o tempo, já catamo os instrumento na mão e váp! Era 45 mil pessoas por noite. Só nos ensaio ocê olhava assim e via mais de 10 mil pessoa, fazia sol e chuva, mas tava lá. Jurado nem piscava, com a maior atenção do mundo. Cada um com seus requisitos pra julgar. Desde o sapato do pé até a frôr do cabelo.

Mas eu quero ter a honra de falar assim: O meu grupo djá foi pra Assunção, Paraguai. Nós tivemo no Peru, depois nós fomo pra França, Paris. Suíça. Tivemos na Itália, tocamo pro Papa. Daí fomo pra Veneza, lá tudo de barco em Veneza, a cidade da ilha né... falamo aqui nós domina, dentro da água, né, somo pexão (risos). E sempre nós toca nas igreja. E como nós somo bem recebido pelo povo de lá. Eles aplaude o Brasil em pé.

Aí nós canta no oratório, sempre tocado com instrumento e cantado em voz, bem entoado. Tem que ter muito ensaio... tem dia que minha garganta chega até querer sangrar. Eu tenho que consumir muita água, porque esforço meu peito demais. Aprendi muito a trabalhar isso aqui, respiração, com Sônia Mazetto e professora Alda da UFMT, elas preocupa muito comigo. E os instrumento dá um efeito muito bom, né. O mocho, chama, envolve muito. É um ritmo muito alegre, uma batida forte, firme. Olha, lá na Coreia nós interagia! Quando nós começava a tocar, num demorava, tava vindo todos ele interagindo com nós. Eu quero que ocê venha num ensaio aqui assistir com a djente!

E há uma preocupação com a formação das pessoas pra continuidade dos entoadores?

Pois é, meu neto preocupa muito comigo! Teve uma vez que eu esforcei bastante pra cantar, e quando foi no outro dia eu não conseguia mais ir. Ah, quando não vou ele já fica muito triste.

As roupas, são vocês mesmos que produzem?

É o Áviner e o Jefferson que desenha, que dá o modelo, tudo o que tem que ser feito, e aí nós paga costureira pra costurar pra nós, porque nós não aguenta fazer tudo. E cada roupa é um modelo que a gente faz diferente, pra não ficar repetitivo.

Toda essa tradição também fazia parte da diversão de vocês na comunidade, não?

É! Antigamente sempre foi. Porque antigamente as festa de santo era tudo cururu e siriri, né. Levantamento do mastro, lavagem de São João no rio... tudo era aqui. Desde minha mãe... ela nasceu aqui também. Fazia festa por causa de uma promessa que eles tinha, matava boi, comia de graça, nós nunca vendemos nada.

Mas nós temos muita benção aqui, esse quintal é abençoado, tem uma energia muito boa. Eu rezo todo dia, faço uns quatro canto, que eu levanto cedinho. Minha avó era índia coxiponé, era medium. Então eu recebi da minha avó toda essa energia e essa força espiritual dela. Ela era índia! Minha avó morreu com 105 anos.

Aqui era uma tribo indígena coxiponés, aqui que começou Cuiabá! Bem aqui na barranca, bem ali que em 1718, quando os bandeirantes paulistas chegaram aqui, eles apoiaram bem ali. Ali, onde não tem um mirantinho, ali? Ali que eles aportaram, tem uma pedreira ali!

Eu venho de uma descendência indígena! Eu sou clara porque meu pai era paraguaio, mas minha mãe, minha vó era índia. Eu aprendi muito com ela, nas idas pra apanhar lenha, erva, pra fazer remédio caseiro. Ela saía de tardezinha, panhava um pedaço de fumo, botava na boca, me dava outro pedaço de fumo, botava no ombro, por causa de cobra... ela saía pra panhá os remédios pra botá no sereno pra fazer garrafada, né...

Aí minha mãe falava assim: "mamãe, senhora djá vai de noite panha lenha com a menina". Ela falava: "fica quieta, que o ocê não sabe de nada!". Eu que era a companhia dela, por isso que eu aprendi muita coisa com a minha vó.

Minha avó fazia as cerâmicas também. E não era forno, era caieras de fogo... botava cada panela bonita pra cozinhar. Nós só comíamos na panela de barro! Pote de barro, prato de barro, copo de barro pra beber. Nós sentavam no chão pra comer, tudo no prato de barro. Daí queimava as peças tudo na carreira de fogo, não tinha forno nessa época.

Tenho tanta saudade de comida nessas panelas da minha vó! Ela falava pra nós assim: "ô, minha fia, eu tenho medo quando eu fôr, que a lua me tchamá... eu fico com medo docê, que vai mudar tudo as coisas... vocês vão comer nessas panelaiadas que só vai dar zinabre, vai dar muita doença no estômago docê!". E foi certo mesmo! Tudo que ela falou tá acontecendo agora. Ninguém tinha nada de doença, nós curávamos só com remédios do campo! Eu tenho mais de cento e pouco remédio aqui nessa minha cabeça, sei pra tudo o que que é. Fazia comprimido de erva de santa maria pra verme! Ninguém ficava doente aqui!

Na época da sua avó, como era o siriri e o cururu?

Ah, era assim, a djente já ia dançando... dançava de pé no tchão. Eles dançavam já. Era tocado na broaca. Tamborim fomo nós que fomo criando... Mas nem existia roupa nada. Já ia dançando do jeito que tava mesmo!

E como eram as moradias na infância da senhora?

Nós morava até muitos anos numa casa assim... era maloca de índio, né. O material era barro do quintal, cortava o pau aí no mato. Aí vinha com pedaço de taquara, amarrava com o fio, aí vinha barreando todinha a parede pra fetchá.

A comunidade era dona de todos esses terrenos até o Coophema?

Era, aham! Mas aí o povo foi vendendo, né. Aí, cada um de nós ficou com o nosso pedacinho só pra morar e viver aqui.

Muito interessante e precioso o relato da senhora!

Pois é, hoje em dia não é tudo as pessoa aqui que sabe. Quando querem saber de alguma coisa muita gente manda aqui em mim, porque eles mesmo não sabe contar nada, do século XVIII pra lá! Aí eu que só sei essas coisa porque eu era muito apegada com minha vó, e perguntava pra ela. E o que eu convivi também, né...

Uma vez eu debati com uma professora da universidade. Eu trabalhava no Adalto Botelho e lá tava tendo uma programação de passeio, aí uma professora foi falar sobre Cuiabá e contar sobre São Gonçalo. Aí ela quis falar assim: "Cuiabá não nasceu em São Gonçalo, Cuiabá nasceu no Coxipó do Ouro". Aí quando ela falou tudinho eu fui deixando... E eu via bastante djente olhando pra mim assim, eu pensei, vou dar uma descascada nessa professora djá djá, ela vai ver com quantos paus faz uma canoa (risos). Aí depois que ela falou eu falei pra ela bem assim: "professora, você conhece bem São Gonçalo Beira-rio? Você me conhece?". Ela disse que não. Aí eu falei: "Então deixa eu apresentar quem que eu sou, pra depois contar de São Gonçalo. Meu nome é Domingas, nascida e criada na beira daquele rio. Eu venho de uma descendência indígena dos coxiponés. Eu me adimiro você falar uma abobrinha que você falou aí. Quem que falou isso pra você?". Mas eu falo porque eu tenho conhecimento... Falei: "Minha fia, Cuiabá nasceu em São Gonçalo Beira-rio. O que ocê fala de Coxipó foi depois... que rezaro a missa lá". É que tinha ouro pra todo lado.

Aqui em São Gonçalo tchovia, corria pedaço de ouro pelo rio! Era muito rico. Aqui tem muita herança de troço que caía, aqui atrás de casa mesmo. Ocê tava sentado, nem tinha luz elétrica, ocê via aquelas tochona... era ouro que tava mudando de um canto pro outro. Na onde ele caía, fazia aquele rombo... escutava aquele barulhão. Era ouro

mudando dum canto pro outro! Ele saía de um lugar e deixava um rombo, na onde ele caía deixava outro rombo. Aqui fala que atrás de casa tem um buraco... Mas nós nunca entrometemo de mexer, quando o trem não é pra você, não adianta! Teve um veio ganancioso, quase que foi pro fundo do rio, ele foi tirar o que não era dele... (risos). O barranco afundou em cima dele e quase matou! Ali na onde é a igreja São Benedito, também, ali corria ouro.

Muito obrigado pelo relato!

Eu que agradeço! Vem ver os ensaio! A gente vai começar agora na semana que vem, depois do retorno da Coreia. Vai com Deus! E a hora que vir pra Cuiabá aparece aqui!

Conversa com Erivelton da Silva, filho de Dona Domingas, realizada no dia 15 de outubro de 2016.

Vocês estão fazendo cerâmica hoje?

Parou o artesanato porque tornou difícil o barro, a lenha, né. Nós temo mato aí, né, mas não pode cortar muito mais, né. Dependia de madeireira, né, que tinha uma amiga que tinha madeireira, daí ela vendeu, aí ficou inviável, né.

Logo que passa essa outra estrada ali atrás, né, já tem reserva, mas agora não pode mais cortar.

É porque aqui nós tamo na beira do rio, né. Porque antigamente nós cortava no mato e deixava secar, e ia utilizando... tinha muito angico, jatobeiro [jatobazeiro], porque pra queimar exige a lenha grossa e a lenha fina, né... aqui nós tinha um forno bem ali, tem até outro menor aqui, agora só tem a circunferência no chão. Daí minha irmã colocava cedo assim, e colocava os toco grosso, daí ia fazendo brasa. Porque daí ele tem três tipos de entrada, frontal e duas laterais. Daí coloca a lenha fina pela lateral assim. Aí em certas horas da noite você vê que a cerâmica já tá bem vermelha, né. Aí você não pode pôr mais lenha porque senão aumenta demais a temperatura e estoura.

Então o processo começa de manhã cedo?

Cedinho. Minha irmã já enforava... enfornar quer dizer colocar todas as peças dentro do forno, daí já deixa tudo preparado, as lenhas grossas, as lenha fina. E não pode deixar o fogo ir morrendo, tem que manter sempre os grossos ali. Minha mãe morreu, daí minha irmã continuou fazendo, mas é um processo muito árduo, aquele calor do forno, né?

E essa falta de madeira atrapalhou muito?

Esse aí foi um dos motivos... Você também tem que descer de canoa lá embaixo pra pegar o barro... na época de rio cheio, rapaz, é perigoso! O barro, natural mesmo, lá é o único pedaço que serve, bem na curva lá, onde faz a curva mesmo, que fala "Barranqueira". Aí sobe com o barro na canoa. Rapaz, vem assim dois dedo [referindo-se à distância da linha d'água em relação ao topo da canoa] de pesado, né, porque vem aqueles pedaço de barro. Aí é perigoso afundar com a onda desses barcos, que passam sempre correndo.

E vocês realizam sempre sem colete salva-vidas?

É, né. Sabe nadar, nascido e criado na beira do rio... Mas é perigoso. Daí vai desmotivando... Aqui eu acho que poucos que continuaram. Tem lá em cima, uma casada com meu primo. Aqui Domingas parou, minha irmã Iranil parou. Só ali na Ana Lúcia que continuou. E lá embaixo eu não sei se Adair ainda tá. Ela sabe explicar melhor aí a quantidade de ceramista nova...

Conversa com Dona Alice Conceição de Almeida, uma das ceramistas que trabalha no centro cultural de São Gonçalo, realizada no dia 15 de outubro de 2016.

Dona Alice, pode nos contar um pouco sobre como funciona a produção das ceramistas?

Bom, primeiro cada um tem seu forno, em suas casa. Forno de barro. Minha mãe fazia, eu aprendi com ela, que aprendeu com minha vó. Tudo eles trabalhavam assim...

E as crianças hoje, também têm interesse em aprender? O seu Antônio sugeriu algum tipo de escolinha para despertar o interesse. A senhora acha que funcionaria?

Não! Os filho e os neto, hoje em dia ninguém tá interessado. Só os mais antigo mesmo né... Eu acho que não funcionaria. Porque assim, minha filha até aprendeu, né... Aí tem outras mães aqui que tem os filho, os neto. Mas quer dizer, nenhum tem interesse de aprender. A maioria mesmo são os que já aprenderam como eu. Mas se deixar eu já tenho certeza que vai ser muito difícil de dar continuidade. Então, é um trabalho assim, todo mundo acha bonito, mas não é fácil... Também é um trabalho bem demorado... Acho que ninguém quer por causa disso, né... Hoje em dia todo mundo quer trabalhar, ganhar seu dinheiro e receber! E a cerâmica é um processo longo, que em um mês ocê não faz quase nada. Ocê vê, a gente faz uma queimada, a gente vende, recebe por mês. Muitas vez você vende bem, muitas vez não. Então quer dizer, os filho que não vai querer. Eles quer trabalhar e receber.

Eu mesmo acho assim que hoje em dia eu não ensinaria os meus filhos, porque não é fácil, não. Eu já enfrentei sol, chuva, frio, né... Eu ia daqui lá na Barranqueira pra pegar barro com minha mãe de canoa! E pra subir uns três quilometro de lá aqui remando com uma canoada cheia de barro, não é fácil. Aí você chega aqui, aí vai subir o barro pra cima, quebrar esse barro, deixar de molho, aí que você vai começar a fazer o processo do trabalho.

O processo é praticamente todo manual. Mas hoje em dia já tem pessoas aqui que tem a forma, né, e o torno, que é mais rápido. Eu trabalho muito com a Mirian, nós já passamo três mês pra fazer uma só fornada! Três meses, né.

Hoje em dia a gente faz mesmo porque eu gosto. A gente tá nesse trabalho aqui há muitos anos. Eu tenho prazer de vender, eu ainda trabalho, né, pra não deixar perder o nosso trabalho, então eu acho bom. É como eu sempre falo... eu tenho muito orgulho, porque eu comecei a trabalhar com dez anos. Antigamente, na minha época não tinha outro meio de serviço, era isso aí. E hoje em dia tem outros trabalho que a pessoa pode escolher. A gente tá trabalhando pra não deixar cair essa cultura. Mas que é bonito é! É uma terapia, isso aí é. É um trabalho que você fica ali, somente pensando naquilo que você tá fazendo. É um trabalho que você faz com gosto. Eu mesmo na hora que tô trabalhando eu nem converso, porque você tá ali, né, olhando, alisando, pintando. Então é muito gratificante!

O que vocês pensam como alternativa para essa situação?

Então, o que a gente pensa, é dar oficina pra outras pessoa. Pra tar ensinando outras pessoa pra eles tá prosseguindo. A gente sempre dá oficina aqui. Tem muitos que quer aprender. Quando é bastante a gente dá aqui no Centro Cultural, senão a gente faz em casa mesmo.

Interessante! E como funciona a divulgação?

Ah, é que as pessoa procura, daí a gente marca e ela vem. Aí ela escolhe o tempo que ela quer fazer, duas hora, três hora, uma semana, três dia, né... Assim que a gente faz. Mas a minha vontade é ter uma oficina assim direto, permanente. Pra gente tá ensinando as pessoa a trabalhar. Isso que é meu projeto, né, que a gente tem muitos ano aqui. Quem sabe, né, a gente ainda pode encontrar uma saída, pras pessoa vim, pra gente ensinar.

Assim, porque nós cobramos, né. Nós não podemos fazer uma oficina assim sem cobrar, né... O que eu tenho vontade é ver se a gente encontra um projeto pra pagar os professor, pras pessoa vim e fazer sem pagar, né... Eu agora tenho sete professor que tá querendo vim pra gente ensinar.

Entendi. Muito obrigado!

De nada! Às ordens!



▲
Igreja matriz por volta de 1960. Fonte: mestraquiles.blogspot.com.br

Catedral metropolitana nos dias atuais.
Fonte: mestreaquiles.
blogspot.com.br





▲
Avenida Getúlio Vargas
por volta de 1960.
Fonte: mestreaquiles.
blogspot.com.br

Avenida Getúlio
Vargas atualmente.
Fonte: mestreaquiles.
blogspot.com.br



02/02/2017

Google Maps



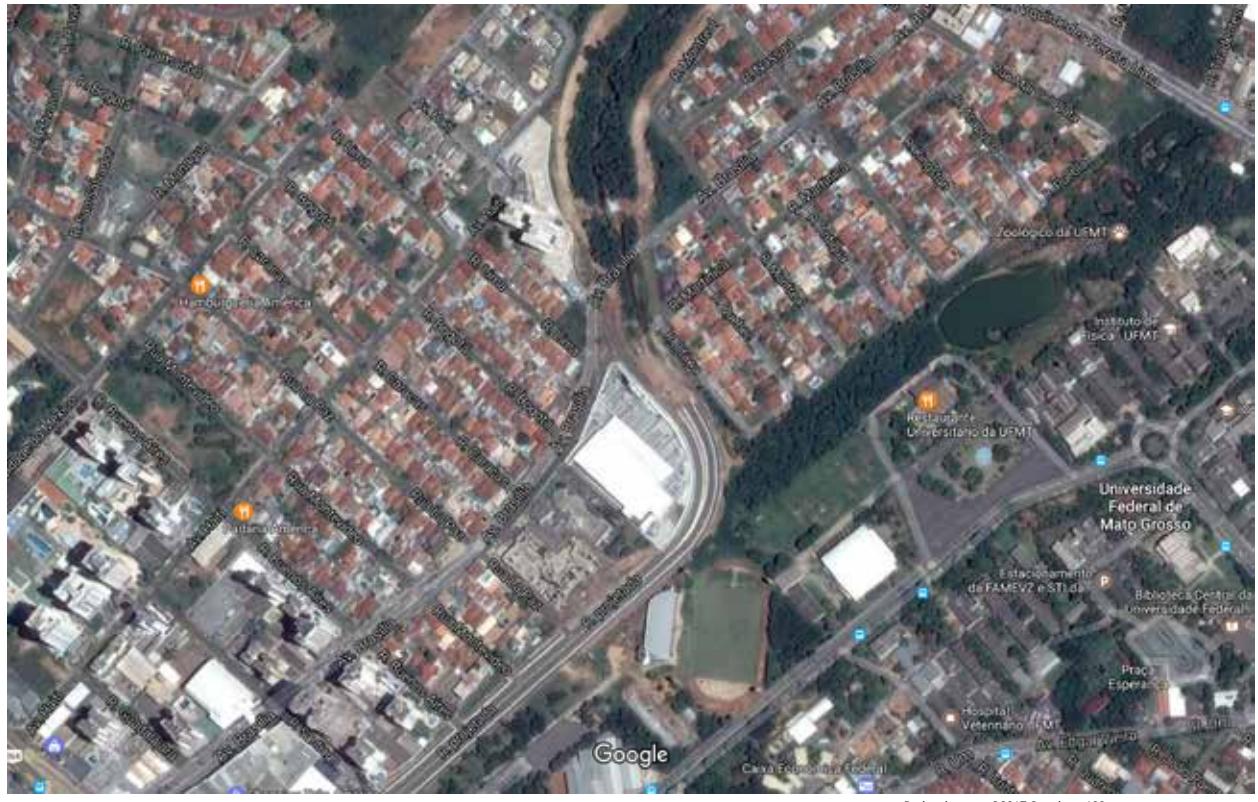
Imagens ©2017 Google. Dados do mapa ©2017 Google. 50 m

▲ Imagem de satélite mostra contraste entre condomínio residencial Alphaville Cuiabá e bairro Jardim Renascer. Fonte: Google Maps, 2016.

▼ Imagem de satélite mostra a construção de avenida sobre o Córrego do Barbado. Região era alvo de polêmica relacionada à construção de Shopping em área de APP. Fonte: Google Maps, 2016.

02/02/2017

Google Maps



Dados do mapa ©2017 Google. 100 m

04/02/2017

Google Maps



Imagens ©2017 Google,Dados do mapa ©2017 Google 50 m

Imagem de satélite mostra trincheira construída na Avenida Miguel Sutil, uma das obras de intervenção viária da Copa do Mundo de 2014. Fonte: Google Maps, 2016.

Imagem de satélite aponta as obras do empreendimento Brasil Beach Home Resort Cuiabá, com uma piscina de 20 mil m² de área construída. A foto curiosamente apresenta duas temporalidades. Fonte: Google Maps, 2016.

31/01/2017

Google Maps



Imagens ©2017 Google,DigitalGlobe,Dados do mapa ©2017 Google 50 m

15/02/2017

Google Maps



Imagens ©2017 Google, Dados do mapa ©2017 Google 50 m

▲ Imagem de satélite mostra área do porto sob influência de intervenções dedicadas à Copa do Mundo de 2014. A direita, terminal de integração do VLT inacabado. No centro, museu do rio antes de receber intervenção de revitalização do porto, que dilacera a memória do lugar. Fonte: Google Maps, 2016.

Imagem de street view da Rua Alfa. À esquerda, muro do condomínio Alphaville Cuiabá II, à direita, edifícios residenciais. Fonte: Google Maps, 2016.

15/02/2017

352 R. Alfa - Google Maps



Captura da imagem: set 2011 © 2017 Google

06/03/2017

Google Maps



Imagens ©2017 Google, CNES / Astrium, DigitalGlobe, DigitalGlobe, Landsat / Copernicus, Cnes / Spot Image. Dados do mapa ©2017 Google

5 m

▲ Imagem 3D evidenciando o enfoque da cidade vista a partir da comunidade São Gonçalo Beira-rio, um grande potencial de visualidade. Fonte: Google Maps, 2016.

▼ Imagem de street view da Travessa Poconé, em Várzea Grande, nas proximidades do Rio Cuiabá. Fonte: Google Maps, 2016.

15/02/2017

200 Tv. Poconé - Google Maps



Captura da imagem: nov 2011 © 2017 Google



Notícias

COPA 2014: Cuiabá depois da Copa será uma Cuiabá futurista, estruturada"

30/05/2009 às 12:02

- O prefeito Wilson Santos salientou que Cuiabá registra três momentos históricos, e a vinda da Copa, enfatiza, "será o quarto momento mais importante da história da Capital". Segundo o gestor, "o primeiro grande momento foi a fundação da Vila Real de Bom Jesus de Cuiabá. O segundo, a transferência da Capital de Mato Grosso, de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá. E o terceiro, a construção de Brasília, que colocou a nossa cidade no cenário nacional".

A Copa do Mundo, por conseguinte, avalia, é o quarto evento mais importante da história dos cuiabanos. "Mesmo porque tudo vai mudar nessa cidade para melhor, como esperamos e todos torcem".

Notícias / Geral

05/07/2013 - 12:01

enviar para amigo

imprimir

A A A

Surgimento de uma cidade futurista vai compensar o sofrimento de cuiabanos, diz vereador

▲
Noticiário local reitera Copa do Mundo como fomentador de progresso. Em texto de 2009 o então prefeito compara o evento a momentos como a fundação da cidade.

Noticiário aponta a
farsa do progresso
Copa do Mundo
Fonte: G1 Mato
Grosso
▼

12/06/2015 07h15 - Atualizado em 12/06/2015 13h46

Após um ano da Copa, Grande Cuiabá ainda convive com 19 obras paradas

Maior obra parada na região é a do metrô Veículo Leve sobre Trilhos. Das 20 obras não entregues, apenas uma está em andamento atualmente.

Renê Dióz
Do G1 MT



bibliografia

—
ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades.** Território. Rio de Janeiro: LAGET, ano III, n.4, jan./jun. 1998, pp.4-26.

AMEDI, Nathália da Costa. Metropolização e Modernização de Cuiabá: Sonhos e Desejos da Cidade no Pós-Divisão do Estado de Mato Grosso (1977-1985). In: Humanidades em Contextos - Saberes e Interpretações. Cuiabá, 2014. **Anais.** p.1038-1055.

ARÉVOLO, Marcia Conceição da Massena. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. In: I ENCONTRO MEMORIAL DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS, 1., 2004, Mariana. **Artigo.** Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=62>. Acesso em: 19 jun. 2016.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **O Desenho.** Aula inaugural pronunciada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo pelo professor Vilanova Artigas, em 1-3-67.

AZEVEDO, Doriane. **A rede urbana mato-grossense: Intervenções políticas e econômicas, ações de planejamento e configurações espaciais.** 2006. 296 f. Dissertação (Mestrado) - FAU-USP, São Paulo, 2006.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada.** São Paulo: Record, 1996.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. Movimento cidadino, educação e cidadania, in: TORRES, Ártemis (org.). **Mato Grosso em movimentos:** ensaios de educação popular. Cuiabá: EdUFMT, 1994 (189-200)

BRASIL. SENADO FEDERAL. (Ed.). **Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829.** Brasília: Edições do Senado Federal, 2007. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/188906>>. Acesso em: 1 maio 2016.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Dilatação dos confins: caminhos, vilas e cidades na formação da Capitania de São Paulo (1532-1822). **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.

251-294, Dec. 2009.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 116 p.

CASTOR, Ricardo Silveira. **Arquitetura Moderna em Mato Grosso**. Diálogos, Contrastes e Conflitos. 2013. 456 f. Tese (Doutorado) - FAU-USP, São Paulo, 2013.

CAVALCANTI, Flávia Garofalo. **Caminho, Água e Paisagem: A nova orla fluvial de Manaus**. 2012. TFG (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALLARO, Fernanda Costa. **O Imaginário da Água na Construção de Paisagens Urbanas: Estudo para um ecoporto**. 2014. TFG (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

COSTA, Ricardo da. **História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado**. In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. 2007. pp.02-15.

COX, Maria Inês Pagliarini. **Estudos linguísticos no/do mato grosso - O falar cuiabano em evidência**. Polifonia, Cuiabá, v. 15, n. 17, p. 75-90. 2009.

CUNHA, José Marcos Pinto da. **Dinâmica migratória e o processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso**. Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. 23, n. 1, p.87-107, jan./jun. 2006.

CUNHA, José Marcos Pinto da; SILVEIRA, Fábia Adriana. **Região Centro-Oeste: O Esgotamento de um Processo de Ocupação**.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano - SMDU. Diretoria de Urbanismo e Pesquisa - DUP. **Perfil Socioeconômico de Cuiabá**. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2012.

D'ALINCOURT, Luiz. **Memórias sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá.** São Paulo: Martins, 1976.

DUARTE, Fernando. Rio Cuiabá perdeu relevância quando estradas chegaram. **Gazeta Digital.** Cuiabá, p. 1-0. 25 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/9/materia/238548>>. Acesso em: 10 jan. 2017

FERRAZ, Laura. **Nem homem, nem santo: a festa do Divino de Pirenópolis.** 2014. TFG (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FANUCCI, Francisco; FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz: Brasil Arquitetura.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural.** Historiæ, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27-46, 2012.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

IPHAN. **Modo de Fazer Viola-de-cocho.** Brasília: Iphan, 2009.

JR. ANDRADE, Antônio Francisco de. **Com olhos de ver: poesia e fotografia em Manoel de Barros.** Caderno de Letras da UFF - PIBIC - GLC, Niterói, n. 30-31, 2004-2005.

KURY, Lorelai. **Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem.** Hist. ciênc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 8, p. 863-880, 2001.

MAHON, Eduardo. Os cuiabanos paus-rodados. **Diário de Cuiabá.** Cuiabá. 27 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=443284>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

MANZI, Gabriel. **As Cidades e os Rios: O caso latino-americano da hidrovia paraguai-paraná-prata.** 2009. TFG (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de

Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MENIK, Rafael. **Interligação Fluvial do Alto-Médio Tietê.** 2014. TFG (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, 1993.

DIÓZ, Renê. Após um ano da Copa, Grande Cuiabá ainda convive com 19 obras paradas. **G1 Mato Grosso.** Cuiabá, 12 jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/06/apos-um-ano-da-copa-grande-cuiaba-ainda-convive-com-19-oberas-paradas.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

Lei sancionada em MT institui a Rota do Peixe do Vale do Rio Cuiabá. **G1 Mato Grosso.** Cuiabá, 31 ago. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/08/lei-sancionada-em-mt-institui-rota-do-peixe-do-vale-do-rio-cuiaba.html>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

SOARES, Denise. Parada desde 2014, obra da Copa de R\$ 1 bi não tem data para retomada. **G1 Mato Grosso.** Cuiabá, p. 1-2. 27 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/01/parada-desde-2014-obra-da-copa-de-r-1-bi-nao-tem-data-para-retomada.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

JÚNIOR, Darwin. Surgimento de uma cidade futurista vai compensar o sofrimento de cuiabanos, diz vereador. **Olhar Direto.** Cuiabá, p. 1-2. 05 jul. 2013. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Surgimento_de uma_cidade_futurista_vai_compen-sar_o_sofrimento_da_populacao_cuiabana_diz_ver-eador&id=2792>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Paisagem e simbolismo no arraial pioneiro São Gonçalo em Cuiabá.** Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 19-20, p.81-87, dez. de 2015.

—
ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá: paisagens e espaços da memória.** Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). **Novas Territorialidades Urbanas em Cuiabá.** Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT, 2008. §

SÁ, José Barbosa de. **Relaçam das povoações do Cuyabá e Matto Grosso de seos princípios thé os presentes tempos.** Cuiabá: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 1975

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et al (Org.). **Cuiabá: de vila a metrópole nascente.** 2. ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2007. 208 p.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais.** Cuiabá: Entrelinhas. 2002.

VÁRZEA GRANDE (Município). Lei Complementar nº 3.727/2012, de 16 de fevereiro de 2012. Lei Complementar N.º 3.727/2012. Dispõe sobre o Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo Urbano do Município de Várzea Grande e dá outras Providências. Disponível em: <<http://www.varzea-grande.mt.gov.br/storage/Arquivos/7152e67c274a8cf8ae-d3e425547501c1.pdf.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

VASCONSELLOS, José Antônio. Reflexões Impertinentes sobre Memória, Arquitetura e Ficção Científica. **Revista Contraste**, v. 1, p.10-21, 2013.

VIANNA, Letícia. O caso do registro da viola-de-cocho como patrimônio imaterial. **Sociedade e Cultura**, Goiânia. v. 8, n. 2, p. 53-62, 2005.

VIDAL, Laurent. A gênese dos pousos no Brasil moderno - considerações sobre as formas (urbanas) nascidas da espera. **Tempo**, Niterói. v. 22, n. 40, p. 400-419, mai-ago., 2016.

VIEIRA, Italia Maduell. **A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak.** In: SIMPÓSIO TEMÁTICO HISTÓRIA, MEMÓRIA E ÉTICA: PERSPECTIVAS TRANS-DISCIPLINARES, 2015, Niterói. Resumo. Disponível em: <<http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/>>

anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2016.